

# **UNIMONTE**

CENTRO UNIVERSITÁRIO MONTE SERRAT

**Gabriela Santos Gomiero Lima**

## **SER FOCALIZADOR**

**Uma análise fenomenológica da sua função  
terapêutica na construção da consciência da  
cooperação.**

Santos  
2009

**Gabriela Santos Gomiero Lima**

**SER FOCALIZADOR**  
**Uma análise fenomenológica da sua função**  
**terapêutica na construção da consciência da**  
**cooperação.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Monte Serrat como exigência parcial para a obtenção do Título de Pós Graduado em Jogos Cooperativos.

**Orientador:** Eliana Rossetti Fausto

Santos  
2009

L732s Lima, Gabriela Santos Gomiero, 1974-  
Ser Focalizador: uma análise fenomenológica da sua função  
terapêutica na construção da consciência da cooperação / Gabriela  
Santos Gomiero Lima. – 2009.  
119 folhas 30 cm

Orientador: Eliana Rossetti Fausto  
Trabalho de conclusão de curso de pós graduação - Centro  
Universitário Monte Serrat, Curso de Jogos Cooperativos, 2009.

1. Focalizador. 2. Jogos Cooperativos. 3. Terapêutico.  
4. Fenomenologia I. Fausto, Eliana Rossetti. II. Ser Focalizador:  
uma análise fenomenológica da sua função terapêutica na  
construção da consciência da cooperação.

**GABRIELA SANTOS GOMIERO LIMA**

**SER FOCALIZADOR:  
Uma análise fenomenológica da sua função  
terapêutica na construção da consciência da  
cooperação.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Monte Serrat como exigência parcial para a obtenção do Título de Pós Graduado em Jogos Cooperativos.

**Orientador: Eliana Rossetti Fausto**

BANCA EXAMINADORA:

---

Nome do examinador:

Titulação:

Instituição:

---

Nome do examinador:

Titulação:

Instituição:

**Local:** Centro Universitário Monte Serrat – UNIMONTE

**Data da aprovação:** 01/12/2008

**Dedicatória é quando todo amor do mundo resolve se exibir numa só frase: esse trabalho é para todos focalizadores que foram inspiração na realização desse estudo e a quem eu amo e tornou-se fundamental na minha vida, meu marido.**

**AGRADEÇO** a minha professora, grande referência nos passos que decido dar: Angélica Gawendo. À minha orientadora, Lili, que além de me instruir, acolheu meus medos e incertezas. Aos meus familiares, meu pai, minha mãe, minha irmã e minha avó que compreenderam minha ausência. Aos meus filhos, Daniel (4 anos) pela paciência e pela presença nas horas que eu não conseguia escrever nem mais uma linha, Giovanna (8 anos) por querer acompanhar quantas páginas ainda faltavam... e pela ajuda ditando textos para que eu digitasse. E, é claro, ao meu companheiro Eduardo, que encorajava cada trecho construído, elogiando, interessando-se e cuidando daquilo que juntos decidimos semear, nossas sementinhas: “Gigi” e “Dani”.

*Agradecimento é uma frase que pretende ser um beijo.*

*“Já fiz mais do que podia  
Nem sei como foi que fiz.  
Muita vez nem quis a vida  
a vida foi quem me quis.*

*Para me ter como servo?  
Para acender um tição  
na frágua da indiferença?  
Para abrir um coração*

*no fosso da inteligência?  
Não sei, nunca vou saber.  
Sei que de tanto me ter,  
acabei amando a vida.*

*Vida que anda por um fio,  
diz quem sabe. Pode andar,  
contanto (vida é milagre)  
que bem cumprido o meu fio”.*

*Thiago de Mello*

## RESUMO

A partir de um olhar fenomenológico – existencial, essa pesquisa destina-se a aproximar a questão do “*ser focalizador*” de grupos. No decorrer da pesquisa foi feito um apanhado teórico sobre o método fenomenológico e seu olhar para os diferentes modos do focalizador aparecer, na sua origem, funções terapêuticas, com os grupos, no uso adequado da linguagem e no seu cuidado com seu próprio ser. O panorama onde esse focalizador foi analisado envolveu a questão da cooperação e da utilização de jogos cooperativos como instrumento do focalizador. O tipo de estudo realizado foi o exploratório e como instrumento foi realizado entrevistas com profissionais focalizadores. As entrevistas trazem a visão e sentimentos dos entrevistados em suas experiências como focalizadores. Um fazer que revelou-se compartilhado, comprometido com o humano e possibilitador de permanente crescimento pessoal.

**Palavras-chaves:** Focalizador, Fenomenologia, Jogos Cooperativos, Terapêutico.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	09
CAPÍTULO 1: O MÉTODO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL .....	14
CAPÍTULO 2: A COOPERAÇÃO E OS JOGOS COOPERATIVOS .....	20
<u>2.1 A cooperação no resgate de valores</u> .....	27
CAPÍTULO 3: SER FOCALIZADOR .....	31
<u>3.1 O termo focalizador</u> .....	32
<u>3.2 O focalizador e seus grupos</u> .....	35
<u>3.3 A linguagem do focalizador</u> .....	39
<u>3.4 O focalizador cuidando de si</u> .....	42
<u>3.5 O papel terapêutico do focalizador</u> .....	46
CAPÍTULO 4: O MÉTODO DE PESQUISA.....	51
<u>4.1 Sujeitos</u> .....	52
<u>4.2 Local</u> .....	52
<u>4.3 Instrumentos</u> .....	52
<u>4.4 Procedimentos</u> .....	53
CAPÍTULO 5: COM A PALAVRA... OS FOCALIZADORES .....	55
<u>5.1 As entrevistas</u> .....	55
<u>5.2 Explicitando significados nos discursos</u> .....	74
<u>5.3 Quadro de unidades significativas</u> .....	75
<u>5.4 Aproximando-se dos discursos</u> .....	85
<u>5.5 Considerações gerais sobre as entrevistas</u> .....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS .....	116
ANEXO.....	119

## INTRODUÇÃO

“Daquilo que eu sei  
Nem tudo me deu clareza  
Nem tudo foi permitido  
Nem tudo me deu certeza...  
(...)  
Não fechei os olhos  
Não tapei os ouvidos  
Cheirei, toquei, provei  
Ah Eu!  
Usei todos os sentidos  
Só não lavei as mãos  
E é por isso que eu me sinto  
Cada vez mais limpo! (...).  
(Ivan Lins)

Tenho necessidade de descobrir um sentido que articule as coisas que compõem a minha vida. Por isso, esse trabalho, além de cumprir uma exigência do curso de pós-graduação em jogos cooperativos, também aparece como busca de reunião desse sentido pessoal. Ele foi semente da possibilidade de construir intimidade com o tema e com minhas próprias questões. Percebo que a intimidade traz coisas valiosas, embora não traga soluções, a intimidade traz a liberdade, é aquela sensação de sentir-me em casa com questões que sempre me inquietaram, sentir-me à vontade para olhar todas as dúvidas, associações e insights que o tema do focalizador vem me promovendo.

Percebi meu interesse no tema devido minha própria atuação profissional: sou psicóloga e trabalho com educação e consultório (clínica). Na escola atuo com alguns grupos (alunos e professores), não como professora, mas sim, talvez, como focalizadora. No consultório, meu trabalho como terapeuta não é semelhante à de um professor, nem mesmo de um facilitador, preciso abrir espaços para acolher o que chega de cada paciente, não há como planejar previamente o que vai acontecer, preciso lidar com o que se dá a cada momento, cada paciente precisa encontrar suas próprias respostas, as descobertas não estão em meu poder... E com isso, a cada encontro, vou me refazendo junto com cada grupo de aluno, de professor, com cada paciente. O tema focalizador propriamente dito, apareceu na medida que decidi realizar um

projeto na escola com docentes, esse projeto foi iniciado junto com a coordenadora da escola que também estava cursando a pós em jogos cooperativos, o objetivo era trabalhar a questão da cooperação com os formadores da instituição. Foi nesse trabalho que comecei a me ver focalizadora de grupos e, entrar em contato com vários sentimentos, questões e cuidados. Essas experiências motivaram meu interesse de querer ouvir melhor o que “*ser focalizador*” poderia me dizer, o que “*ser focalizador*” poderia relacionar-se com a questão terapêutica, como eu poderia entender melhor esse papel.

Além da minha própria experiência inspirar esse interesse, outro ponto que solicitou minha investigação no tema, foi o contato com os professores-focalizadores do curso de pós-graduação. Cada um, na sua peculiaridade revelava atitudes que eu reconhecia como libertadoras, cuidadosas e até mesmo terapêuticas.

Lembro-me então de um mito. O mito de Procusto. Na mitologia grega, um gigante chamado Procusto convidava pessoas para passarem a noite em sua cama de ferro. Mas havia uma armadilha nesta hospitalidade: ele insistia que os visitantes coubessem, com perfeição, na cama. Se eram muito baixos, ele os esticava; se eram altos, cortava suas pernas. Por mais artificial que isto possa parecer, fiquei pensando no meu incômodo quanto o papel do focalizador pode ser confundido com esse enquadramento de pessoas.

Nessa minha construção, considero que o focalizador, embora tenha seus princípios e referências, precisa suspendê-los ao olhar para o grupo que cuida. Outro cuidado sempre vislumbrado por mim no curso estava no poder do focalizador: poder que pode aparecer na crença de que se é responsável pela felicidade, pelo bom ajuste emocional do grupo. Tenho claro que a imposição e o ato de querer administrar o processo grupal a ponto de conduzir até onde o focalizador julga apropriado é engessar existências, é tirar do outro a própria autoria. Reconheço que ficar junto de um grupo, que caminha para encontrar seu próprio rumo, sem poder fazer nada, é terrível. Num trabalho realizado com professores em 2008, percebia que era sempre necessário encontrar o grupo no nível onde ele estava. Nesse sentido, a relação de confiança iniciava sua construção, e o grupo podia ver a possibilidade de se arriscar. Compreender o

grupo com as limitações sem forçar ou super proteger, respeitando e seguindo o ritmo do que aparecia, mostrava-se como um desafio.

Daí a importância de cuidar do “*ser focalizador*”. Um focalizador não nasce pronto, ele se constrói ao longo de um processo pessoal, que nunca é encerrado, mas sempre conquistado.

Acredito que essa pesquisa poderá contribuir para abrir questões em relação ao papel do focalizador, como também colaborar para que a abertura dessas reflexões possam auxiliar na construção da consciência da cooperação de um grupo, pois um focalizador que tem seu papel cuidado, pode melhor cuidar também do que se destina fazer.

Perceber o sentido do papel que desempenhamos, auxilia o desenvolvimento. Sem olhar esse sentido não há como nem por que desenvolver-se.

Perante essa solicitação pessoal, aceitei investigar o papel terapêutico do focalizador de grupos e diante dessa interrogação, tentei atender esse pedido de aproximação com a questão, dispondo-me a trazer a luz a função do focalizador no panorama da cooperação.

“Um homem estava atolado num pântano no norte da Pérsia. Somente a sua cabeça ainda estava fora do lamaçal. Com toda a força dos pulmões, ele gritou por ajuda. Logo ocorreu uma multidão de pessoas ao lugar do infortúnio. Uma delas resolveu ajudar o pobre homem. “Dê-me sua mão”, gritou para ele, “eu vou tirá-lo do lamaçal”. Mas o homem que estava atolado na lama continuou gritando por ajuda e não fez nada que permitisse ao moço ajudá-lo. “Dê-me sua mão”, o moço pediu várias vezes. Mas a resposta era sempre o mesmo grito desesperado por ajuda. Então outra pessoa aproximou-se e disse: “O senhor não vê que ele nunca vai lhe dar a mão? O senhor é que tem que dar a mão a ele. Aí então poderá salvá-lo”. (PESECHKIAN, 1992, p.)

Mais que sugerir ao outro, que dê as mãos, ele convida para irem juntos, ele lhe estende a mão. Estender a mão, esse gesto tão singelo e tão importante em nossas existências, está aí posto como claro sentido de suporte, como quando começamos a aprender a andar, por algum tempo o fazemos apoiados na mão estendida que se oferece para nós, até que possamos desenvolver confiança e descobrir os recursos para andar sozinhos. O focalizador precisa estar atento a esse aspecto, tanto no que diz respeito ao seu autosuporte, quanto a medida certa de suporte que pode fornecer para o

outro, sem roubar a oportunidade para que este experimente seus próprios recursos. Como se faz com as crianças quando estão aprendendo a andar.

Convido o (a) leitor (a) a acompanhar-me nessa interrogação, que não pretende definir conceitos, mas chama para caminhar na direção de provar novos passos e novos ângulos de olhar o “*ser focalizador*”.

Meu objetivo principal será descrever fenomenologicamente o papel terapêutico e a postura do focalizador de grupos numa proposta de construção da consciência da cooperação. Para isso tornar-se claro, fundamentarei teoricamente o método fenomenológico de investigação, bem como a importância dos jogos cooperativos e a questão da cooperação. Contextualizarei historicamente o papel do focalizador de grupos, destacando o cuidado do focalizador com o grupo e consigo mesmo, finalizando com a análise da função terapêutica do focalizador, e da reflexão sobre sua linguagem no grupo.

Portanto, a questão que pretendo retomar no final do trabalho é: O focalizador de grupo, inserido no contexto da construção da consciência da cooperação, exerce um papel terapêutico?

O caminho percorrido pela pesquisa iniciou-se envolvendo levantamento bibliográfico. O tipo de investigação escolhido foi pesquisa exploratória – entrevistas com focalizadores.

Os capítulos desse trabalho estão assim organizados:

Capítulo 1: O Método Fenomenológico: onde é justificado a escolha pelo método e o esclarecimento sobre o mesmo;

Capítulo 2: A Cooperação e os Jogos Cooperativos: considerações sobre o panorama de atuação e instrumentos do focalizador de grupos;

Capítulo 3: Ser Focalizador: o termo focalizador; seu papel terapêutico; focalização com grupos; sua linguagem e o focalizador cuidando de si;

Capítulo 4: O Método de Pesquisa: designação do tipo de pesquisa realizada, como foi realizada, com quem e objetivos.

Capítulo 5: Com a palavra... Os focalizadores: as entrevistas; explicitando significados; quadro de unidades significativas; aproximando-se dos discursos.

Em cada capítulo, o (a) leitor (a) encontrará histórias - instrumento vivo e presente na minha trajetória. O que pretendo com este recurso é fazer desse texto uma conversa próxima e uma porta a novas indagações

## CAPÍTULO 1

### O Método Fenomenológico-Existencial

Olhar a questão do “*ser focalizador*”, tendo como fundamento epistemológico o enfoque fenomenológico-existencial, significa dizer que a investigação será realizada a partir de uma perspectiva, de um ponto de vista. Não se trata de tentar definir conceitualmente o que é “*ser focalizador*”, mas trazer à luz algumas das maneiras pelas quais o “*ser focalizador*” pode aparecer para cada um, a cada momento. Nesse sentido, o método empregado não busca uma verdade única e precisa, mas abre caminho para o aparecimento relativo dessa questão.

Usaremos para essa explicitação metodológica, a articulação que Dulce Mára Critelli faz da fenomenologia, baseada no pensamento de Martin Heidegger e Hanna Arendt, na sua obra *Análítica do Sentido*. Nela, a autora, destaca que a fenomenologia não nasceu como um método, e sim como um questionamento do modo científico de pensar, que rejeita do âmbito do real e do próprio conhecimento tudo aquilo que não possa estar subordinado à sua estrita noção de verdade. (1996, p.7) Em outras palavras, a fenomenologia foi se constituindo como crítica à ciência (mais especificamente à metafísica, considerada como a postura epistemológica que a fundamenta) e, conseqüentemente, também à técnica moderna. Essa crítica, não se refere a visão que a ciência apresenta, mas sim a sua compreensão de verdade, como sendo única e imutável.

Segundo a autora, quem completa a construção de uma ontologia fenomenológica é Martin Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo* (1988). Por isso, antes de detalhar um método, a fenomenologia produziu uma nova ontologia, que segundo Critelli,

Somente nos familiarizando e compreendendo essa ontologia, isto é, somente começando a entrar em contato com outros significados para homem, mundo, pensamento, ser, verdade, tempo, espaço, etc.; para além daqueles que nos foram legados pela nossa tradição ocidental metafísica, é que podemos começar a entender a possibilidade de um jeito fenomenológico de compreender o mundo. (1996, p.8)

A fenomenologia, para a autora, *“propõe um ponto de tensão para o discurso tradicional metafísico relativo ao conhecimento: o problema da perspectiva.”* (1996, p.11) Tensão, pois falar de perspectiva nos traz a visão de provisoriedade, mudança e relatividade da verdade, diferente da proposta do pensamento metafísico que olha a verdade e o caminho de acesso a ela como sendo único e absoluto.

A preocupação da fenomenologia não está em *“provar o quão errada é a perspectiva metafísica, mas o quão única e absoluta ela não é.”* (1996, p.12)

Como já foi destacado, a fenomenologia não compreende essa fluidez do aparecer das situações para cada um a cada momento, e de suas diferentes interpretações como sendo uma falha, um equívoco, nem como um *“defeito do pensar”*, diferente da metafísica que acredita que somente a superação da fluidez do mundo e do pensar pode possibilitar o conhecimento, *“a fenomenologia só compreende a possibilidade do conhecimento através da aceitação desta mesma fluidez”*, ou seja, *“é exatamente a aceitação dessa insegurança que permite o conhecimento.”* (1996, p.15)

Para melhor entender o que quero dizer, a seguir, uma história pode exemplificar o discurso fenomenológico em que a verdade aparece diversa dependendo da perspectiva pela qual o real é acessado,

Relata-se o seguinte incidente envolvendo o profeta Maomé. O profeta e um dos seus companheiros entraram numa cidade para ensinar. Logo um adepto dos seus ensinamentos aproximou-se e disse: ‘Meu senhor, não há nada exceto estupidez nesta cidade. Os habitantes são tão obstinados! Ninguém quer aprender nada. Tu não irás converter nenhum desses corações de pedra.’ O profeta respondeu bondosamente: ‘Tu tens razão.’ Logo depois, outro membro da comunidade abordou o profeta. Cheio de alegria, ele disse: ‘Mestre, tu estás numa cidade abençoada. O povo anseia receber o verdadeiro ensinamento, e as pessoas abrem seus corações à tua palavra.’ Maomé sorriu bondosamente e novamente disse: ‘Tu tens razão.’ ‘Ó mestre’, disse o companheiro de Maomé, ‘tu disseste ao primeiro homem que ele tinha razão, e ao segundo

homem, que afirmou o contrário, tu disseste que ele também tinha razão. Pois negro não pode ser branco. ' Maomé respondeu: 'Cada um vê o mundo do jeito que espera que seja. Por que deveria eu refutar os dois homens? Um deles vê o mal, o outro, o bem. Tu dirias que um deles vê falsamente? Não são as pessoas aqui e em toda parte boas e más ao mesmo tempo? Nenhum dos dois disse algo equivocado, disseram apenas algo incompleto. (PESESCHKIAN, 1992, p.4)

A história mostra que o fenômeno pode se mostrar de diferentes formas, para diferentes pessoas, quando algo se revela, algo também se encobre.

Em suas explicitações, Critelli considera que *“enquanto a metafísica fala da forma lógica do ser, a fenomenologia fala dos modos infundáveis de se ser.”*

E completa:

(...) a *relatividade* não é vista pela fenomenologia como um problema a ser superado, mas como uma condição que os entes têm de se manifestarem: no horizonte do tempo e não do intelecto, e em seu incessante movimento de mostrar-se e ocultar-se. A relatividade diz respeito à provisoriedade das condições em que tudo o que é vem a ser e permanece sendo. (1996, p.15)

Olhando por esse viés, o modo de *“ser focalizador”*, sua problemática e a busca de resoluções para essa questão de *“ser”*, jamais cessará de ser complementada ou revista.

Essa nova ontologia (fenomenológico-existencial), proposta por Heidegger, enxerga que habitamos um mundo que nos é inóspito, no sentido de que morar nele não nos oferece garantias de fixação. Essa condição de inospitalidade, nas palavras de Critelli, *“é compreendida por nós como a experiência de um desabrigo e de um desamparo, que se quer a todo custo superar, mas também é a condição de liberdade do próprio homem.”* E aprofunda a reflexão,

As idéias mudam, assim como mudam as sensações, as emoções, as perspectivas, os interesses, as lembranças... Mudam os modos de relação que os homens mantêm com as coisas, com os outros, consigo mesmos. (...) De geração para geração, de época histórica para época histórica, de cultura para cultura, de uma sociedade para outra vemos as coisas, por exemplo, mudarem seu significado e utilidade, mudarem seu ser. Vistas como meras coisas, elas continuam presentes e referenciáveis em sua mesmidade tangível, mas seu significado e o sentido que fazem em nossa existência se alteram. (...) O ser das coisas não está consumado na sua conceituação (...) está no lidar dos homens com elas e no falar, entre si, dessas coisas e dos modos de se lidar com elas.” (1996, p.17)

Essa fluidez que é encarada como liberdade do próprio homem, é vista como algo que ainda não é, por isso, poderá vir-a-ser muitas coisas, é pleno em possibilidades. Na medida em que se é, concretiza-se uma possibilidade e deixa de ser muitas outras. Para que essa liberdade, vista aqui como um deixar ser, aconteça, é preciso despir-se de conceitos prévios, para ver a cada situação o que se mostra. Para deixar e fazer ver o que se mostra é preciso disponibilidade, estar livre, deixando de lado todo o conhecimento prévio, já que este conhecimento anterior pode aprisionar a busca do fenômeno. Aprisionados a um modo único de viver e encarar fatos perdemos a liberdade de percorrer outros caminhos e enxergar outras vias de acesso ao mundo. A história abaixo nos ajuda a compreender essa questão:

Volta e meia, Nasrudin atravessava a fronteira entre a Pérsia e a Grécia montado no lombo de um burro. Toda vez passava com dois cestos cheios de palha e voltava sem eles, arrastando-se a pé. Toda vez o guarda procurava por contrabando. Nunca o encontrou. 'O que é que você transporta, Nasrudin?' 'Sou contrabandista.' Anos mais tarde, com uma aparência cada vez mais próspera, Nasrudin mudou-se para o Egito. Lá encontrou um daqueles guardas de fronteira. 'Diga-me, Mullá, agora que você está fora da jurisdição grega e persa, instalado por aqui nesta vida boa - o que é que você contrabandeava, que nunca conseguimos pegar?' 'Burros'. (KUSRU, 1993, p.15)

Estabelecer nossas buscas a partir de conceitos prévios impede-nos de olhar a totalidade do fenômeno que se mostra.

Para aprofundar a reflexão deste conceito, é necessário recorrer mais uma vez a Critelli, ao dizer que *“o ser das coisas (o que são, como são) não está consumado na sua conceituação”*, para a autora, as coisas do mundo só podem aparecer diante do olhar humano, por isso, sabemos o que algo é, sempre diante de um olhar humano *“Está no lidar dos homens com elas e no falar, entre si, dessas coisas e dos modos de se lidar com elas.”* Considerando esse modo de acesso relativo às coisas, completa: *“Quando as coisas mudam, é porque mudaram nossas idéias a seu respeito, mudou a serventia que tinham para nós, nosso interesse por elas, nossos modos de nos referirmos a nós mesmos e uns aos outros.”* (1996, p.17 e18)

Escolher abordar a questão do ser focalizador numa experiência de conscientização da cooperação com esse olhar fenomenológico existencial acolhe essa trama na qual estamos inseridos (mundo), percebendo que tudo sempre aparece com sentido<sup>1</sup> considerando a rede de significados que fazemos parte, a parceria que criamos cotidianamente com o mundo.

O modo de pensar moderno, frente a angústia desse desabrigo, preferiu ocultar esse mistério no qual estamos inseridos, construindo *“uma forma especial de se saber o mundo e de se ser nele”*, Critelli aponta o modo que habitamos o mundo: *“calculando-o e controlando-o”* e mostra que *“não é porque se criaram métodos e processos que nos permitem controlar fenômenos e criar outros, que se alterou a condição ontológica da inospitalidade do mundo e da liberdade humana.”* (1996, p.21)

Percorrendo esse raciocínio, vemos que é o sentido de ser o que preocupa a fenomenologia, e nas palavras da autora “o único ente que se dá conta do ser – de si mesmo, das coisas, da natureza, (...) é o homem.” E aprofunda essa questão quando diz,

(...) E é esta condição de perceber ser que lança o homem na possibilidade de modalização de seu ser. A múltipla diversidade de modos de habitar o mundo, que os homens instalaram desde sua presença na Terra, mostra o ser dos homens como este poder de perceber e modalizar a realização do seu ser. Portanto, e desta perspectiva, para o homem *ser* não é apenas uma possibilidade de manifestar-se, de aparecer modalizando seu próprio aparecer, mas *ser* é, também, uma *questão*. Ser nunca é algo que lhe é entregue já resolvido, como no caso de ser pedra, ser águia, ser roseira. (...) o homem percebe que tem que dar conta de ser, que *ser* está sob sua responsabilidade. Percebendo o ser, o homem toma o ser para si como algo de que tem que cuidar. (1996, p.48)

Cuidar de *“ser focalizador”* é o tema principal abordado nesse trabalho, tratando de acolhê-lo dentro dessa perspectiva de movimento e busca dos diferentes modos disso se apresentar.

---

<sup>1</sup> Sentido aparece aqui com seu significado fundamentado no pensar heideggeriano: “... é aquilo em que se funda a compreensibilidade de algo, sem que ele mesmo seja explicitado ou, tematizado. Sentido significa o ‘aquilo sobre o fundo do qual’, a projeção primária partindo da qual pode conceber a possibilidade de algo enquanto é aquilo que é”. Martin HEIDEGGER, 1988, p.351,352. A partir da fala do autor, podemos dizer que sentido é destinação, é o fundo sobre o qual se torna possível a projeção de um projeto.

Esse capítulo destinou-se a esclarecer a escolha do método fenomenológico existencial, bem como considerações sobre seu modo de acesso a uma investigação que está sendo proposta, a do “*ser focalizador*”. Foi mostrado o caminho de acesso escolhido para essa elucidação. Percebendo que pensar fenomenologicamente é sempre um pensar que se abre diante de um vazio, de um cuidar que pede para suspender prévios conceitos e onde coisa alguma experimenta qualquer parada. Diante deste caminho aberto, tentarei dar visibilidade a questão da cooperação vista como mais um modo do homem reconhecer-se e vislumbrar mundo. É o que pretendo tratar no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2

### A Cooperação e os Jogos Cooperativos

"O que o coração sabe hoje, o cérebro compreenderá amanhã."  
*James Stephens*

Falar de jogos cooperativos é muito mais do que possuir uma técnica, é vivenciar um modo novo de viver não só os jogos, mas também a própria existência. Vejo os jogos cooperativos como um trabalho que visa a possibilidade de compartilhar. Aqui não tem nada que é mais importante, já que o todo é mais importante. Nunca existe um caminho único, as regras são adaptadas a cada grupo, tal como a fenomenologia nos convida, não há uma regra única e imutável, é preciso abarcar a fluidez do aparecer das situações para cada grupo a cada momento, e isso só é possível porque há a necessidade de se formar um vínculo. Esse vínculo que os jogos cooperativos pode proporcionar se constrói na simplicidade, confundimos simplicidade com facilidade, no entanto, para fazer o simples exige-se a aproximação, estar próximo embora seja simples, não é fácil, pois tira-nos do lugar familiar e confortável que estamos habituados desde então para nos colocar próximo ao novo que se apresenta, e nesse chegar perto, o vínculo começa a ser construído.

É interessante observar que o modo como nos relacionamos com as pessoas, com as situações da vida, pode ser vista como a forma que 'jogamos', viver equipara-se a jogar, portanto, jogamos o tempo todo, e quando jogamos mostramos quem somos. Somos ávidos por ganhar? Pensamos somente em nós? Não nos importamos com a derrota? Fábio Brotto, sustenta essa idéia da aproximação entre o jogo e a Vida, "*compreendendo ambos como reflexo um do outro*", quando diz "*eu jogo do jeito que vivo e vivo do jeito que jogo*".

Por isso, o jogo é tão importante para o desenvolvimento humano em todas as idades. Ao jogar, não apenas representamos simbolicamente a vida, vamos além. Quando jogamos estamos

praticando, direta e profundamente, um Exercício de Co-existência e de Re-conexão com a essência da vida. ( 2001, p.13)

No jogo, tal como na vida, estabelecemos uma relação de correspondência com as pessoas, essa correspondência precisa ser atentamente cuidada, pois muitas vezes aceitamos o jogo definido pelo outro sem ao menos refletir se é nesse jogo que queremos estar, assim sendo, só existe competição quando há adversários. Olhando para esse nosso estar no mundo, Fábio Brotto debruça-se sobre a questão do para quê, “(...) *qual é nossa tarefa? Saber a tarefa que nos cabe é importante. (...) o como jogamos é o fator que poderá definir o ‘placar final’*” (1997, p.31) diferente de olhar o porquê da minha ação, preciso olhar para o para quê escolho essa atitude e como a realizo. A diferença está na possibilidade do para quê me apontar uma direção, é aquilo que faz sentido para a minha vida que moverá minha ação. Enquanto o porquê me submete, me deixa a mercê de reagir dependendo do que recebo; o para quê me dá a possibilidade de apropriação de um sentido pessoal, autêntico, aproxima a importância de cuidar do caminho e de saber onde se deseja chegar. Esse cuidado com sua destinação é própria do humano, tal como referido no capítulo anterior por Dulce Mara Critelli, o homem olha a questão do “*ser*” como uma questão, diferente de uma pedra, uma águia ou uma roseira que tem seu ser resolvido, o homem nunca “*é*” algo fixo, “*ser*” para o humano nunca é algo que lhe é entregue já resolvido, ele tem que dar conta do seu “*ser*” com os outros, com o mundo e consigo mesmo, “*ser*” está sob sua responsabilidade e pode se manifestar de diferentes formas.

O modo como estamos sintonizados com o mundo, como nos relacionamos com as coisas, é que vai delineando nossa identidade atual, vai revelando nosso eu. É confortante saber que o ser humano pode estar a qualquer momento delineando novas formas de se envolver com o mundo. Felizmente é possível passar da competição para a cooperação<sup>2</sup>, ou vivenciar a competição cooperativamente, devido o constante vir a ser do homem e a possibilidade incessante que o humano tem de se recriar.

---

<sup>1</sup> O termo cooperação pode ser visto de acordo com o pensamento de Ulrich, 1977: “Quando as pessoas ou grupos combinam suas atividades, ou trabalham juntas para conseguir um objetivo comum, de tal maneira que o maior êxito de alguma das partes concorra para um maior êxito das demais, temos o processo social da cooperação”. (BROTTO, 2001, p.38)

É nesse encontro com o outro que encontramos a nós mesmos naquilo que fazemos, construímos, usamos, esperamos, sonhamos, guardamos, nos empenhamos no mundo, sempre junto com os outros. Na maior parte das vezes, o homem se compreende a partir do seu mundo e, dependendo dessa compreensão, a presença dos outros vem ao seu encontro das mais diversas maneiras. Fenomenologicamente falando, quando algo muda é porque nossas idéias a seu respeito também se modificou, mudou a serventia, nosso interesse por elas, nosso modo de nos referir a nós mesmos e aos outros.

Brotto ao considerar que *“vivemos nessa imensa “teia” de mútua dependência”* (1997, p.37), permite-nos refletir que, para sermos humanos precisamos dos outros, somos constituídos através das relações que temos com as pessoas, estamos sendo construídos através da nossa teia de mútua interdependência, onde há uma rede de conexões que pesam na nossa formação emocional, cultural, espiritual e cognitiva. A convivência aparece como fundamental para a construção do ser humano, já que *“o homem vai sendo ele mesmo existindo no mundo, (...) estabelecendo uma relação de conformidade com o mundo”*. (Gawendo, 2001, p.89) Nas palavras da autora, *“ao homem não é dado ser isolado, ele é sempre com os outros. A existência é destinada aos homens como coexistência.”* (2001, p. 90) Somos constituídos na nossa identidade pela convivência com os outros, pelos olhos deles e o constituímos concomitantemente. A convivência aparece, segundo Brotto, como condição de superação às necessidades básicas de *“sobrevivência e de libertação a fim de aspirar níveis cada vez mais complexos de transcendência.”* (1997, p.3)

Essa história complementa a visão de Brotto:

“Havia três amigos Discutindo sobre a vida Disse um deles: “Poderão os homens viver juntos E nada saber sobre a vida? Trabalhar juntos E nada produzir? Podem voar pelo espaço E se esquecer de que existe O mundo sem fim? Os três amigos entreolharam-se, E começaram a rir. Não sabiam responder. Assim, ficaram mais amigos do que antes.”(MERTON, , p.73)

A visão de Gawendo em sua tese de mestrado observa essa história como a possibilidade de um encontro peculiarmente fundado na convivência:

*“(...) os três amigos encontraram-se no indagar, porque só aí há a possibilidade de um compartilhar que aproxima os homens; no riso, na alegria do não saber, foram-se descobrindo mais amigos do que antes.” (2001, p.91).*

Na vivência do jogo cooperativo o saber soberano não é o foco, é um saber compartilhado, há a comunhão a partir do não saber. O que sabemos não gera comunhão. O jogo aparece como um desafio que só pode ser ultrapassado junto com o outro. Um desafio que leva o humano a aperfeiçoar suas habilidades de relacionamento, aprendendo a viver uns com os outros, ao invés de uns contra os outros.

Brotto destaca esse desafio como a tarefa de construir pontes para unir:

Nosso principal desafio, me parece, é colaborar para construir pontes que encurtem as distâncias, diminuam as fronteiras e aproximem as pessoas umas das outras. A construção dessas pontes constitui um exercício permanente de revisão filosófico-pedagógica de nossas atividades, programas e demais intervenções, praticadas diariamente, na escola, na empresa, na comunidade, no clube, na universidade, com a família, com os outros e... com a gente mesmo.(2001, p.3)

Assim, jogos cooperativos existem para pessoas que estão abertas a um pensamento que, sem moralismo, aproxima-se de valores, trata de sentimentos, fala de sonhos e sem ser rude, chama à responsabilidade.

Brotto, ao elencar os fatores que facilitam a cooperação: *“clareza de objetivos, solidariedade, confiança e respeito mútuo, comunicação aberta, cooperação, “parar para pensar”, criatividade, liderança de todos, Paz-ciência”*, (1987, p.59) deixa claro que tais atitudes movem-se numa contramão do fluxo de nossa cultura, que valoriza o poder, a pressa, o utilitarismo, a objetividade, a insensibilidade. São essas as mensagens predominantes com as quais os jovens rapidamente aprendem a viver. Mas é desejável que esses jovens e que os não jovens também, saibam que há outras formas de pensar. Aliás, quem tem contato com jovens percebe que eles, quando ainda não foram totalmente tomados pelo desencanto ou pela aceitação do vale-tudo, manifestam o desejo de acreditar que a vida pode ser pensada segundo outros critérios, como o da cooperação, que preza que a vida precisa ter sentido.

Na minha prática profissional, percebo que trabalhar com jogos cooperativos resgata valores que os jovens reconhecem como importantes e valiosos, no entanto, aplicar jogos não é uma atitude tranqüila para mim dentro

desse panorama onde reina a pressa, o poder e a insensibilidade. Tenho claro que todo o conhecimento experimentado na prática, vem repleto de imprevisibilidades, de transformações e imagens significativas. Percebo que a cooperação é mais do que um projeto, é um processo. Muito me incomoda a sensação das pessoas que vivenciam jogos cooperativos isolados do contexto que chamarei de ideal (o da real cooperação), elas encaram esses jogos como uma forma de passar o tempo sem se ater a questões realmente importantes. É como se o jogo cooperativo fosse apenas recreação. Não há dúvida de que há a diversão na vivência dessas atividades, e que a recreação também aparece como uma re-criação (uma maneira de se recriar uma realidade, uma relação), mas não se limita a isso, e poder jogar cooperativamente provoca a cada um vir a ser quem se é, chama para questões relacionadas ao outro, a si mesmo e ao mundo, é um aprendizado possível e, infelizmente, não é corriqueiro. Para cooperar não é preciso existir amizade, mas é indispensável a sintonia.

A sintonia revela-se como harmonia, acordo mútuo, estar numa frequência compatível com a dos outros. Estabelecer a sintonia significa cuidar do ritmo, como numa orquestra. Não há a possibilidade de boa música se só um músico tem ritmo e competência, todos precisam estar nessa mesma vibração.

A cooperação implica em uma mudança de mentalidade, confesso mais uma vez que no meu cotidiano isso se revela muito desafiador, às vezes chega a parecer impossível, principalmente quando a sintonia das pessoas é o da individualidade e afinada com um mundo que vê a eficiência com chegar na frente. Para iniciar qualquer trabalho de cooperação é necessário primeiro sensibilizar para essa ação. É como se tivéssemos que começar agrupando os instrumentos de percussão, os instrumentos de cordas, os de sopro, depois iniciar uma afinação, para só então imaginar o ensaio para uma canção comum. A cooperação é revolucionária porque vai na contra mão do paradigma da eficiência onde a eficácia é medida pela rapidez.

Consigo ver o quanto respirar a cooperação é uma decisão a ser cuidada a cada instante por mim, é um acordo que precisa ser lembrado e re-assinado muitas vezes, é necessário se implicar nessa escolha. Principalmente porque a competição tão estimulada e presente em nossa sociedade,

possibilita a sensação de poder. O poder põe ordem, mas tira a liberdade. No entanto, no poder não aparece a relação de intimidade que na cooperação existe, o compartilhar presente na cooperação faz com que se esteja junto e não melhor que o outro.

Para Brotto, o ser humano não possui uma natureza competitiva ou cooperativa que o determina, é uma natureza de possibilidades. Estando prontos para uma escolha estamos abertos e podemos realizá-la de diferentes formas, voltando à destinação humana em ser inaugural em cada passo. *“Cooperar ou competir são possibilidades de ExerSer no mundo”*. (2001, p.30)

Essa escolha de agir, porém, tem sempre seu desfecho incerto, pois mundo, outros e nós mesmos fazemos parte de uma rede interdependente, uma teia significativa. Os fatos do mundo e a participação dos outros nos é dado sem que tenhamos escolhido-os e precisamos significar e lidar com esses acontecimentos.

Tal imprevisibilidade da existência pode ser exemplificada com a história a seguir:

“Um homem muito rico ao morrer deixou suas terras para seus filhos. Todos eles receberam terras férteis e belas, com exceção do mais novo, para quem sobrou um charco inútil para a agricultura. Seus amigos se entristeceram com isso e o visitaram, lamentando a injustiça que lhe havia sido feita. Mas ele só lhes disse uma coisa: ‘Se é bom ou se é mal, só o futuro dirá.’ No ano seguinte, uma seca terrível se abateu sobre o país, e as terras dos seus irmãos foram devastadas: as fontes secaram, os pastos ficaram esturricados, o gado morreu. Mas o charco do irmão mais novo se transformou num oásis fértil e belo. Ele ficou rico e comprou um lindo cavalo branco por um preço altíssimo. Seus amigos organizaram uma festa porque coisa tão maravilhosa lhe tinha acontecido. Mas dele só ouviram uma coisa; ‘Se é bom ou se é mal, só o futuro dirá’. No dia seguinte seu cavalo de raça fugiu e foi grande a tristeza. Seus amigos vieram e lamentaram o acontecido. Mas o que o homem lhes disse foi: “se é bom ou se é mal, o futuro dirá”. Passados sete anos o cavalo voltou trazendo consigo dez lindos cavalos selvagens. Vieram os amigos para celebrar esta nova riqueza, mas o que ouviram foram as palavras de sempre: ‘Se é bom ou se é mal, só o futuro dirá.’ No dia seguinte o seu filho, sem juízo montou um cavalo selvagem. O cavalo corcoveou e o lançou longe. O moço quebrou uma perna. Voltaram os amigos para lamentar a desgraça. ‘Se é bom o mal, só o futuro dirá’, o pai repetiu. Passados poucos dias vieram soldados do rei para levar os jovens para a guerra. Todos os moços tiveram de partir, menos o seu filho de perna quebrada. Os amigos se alegraram e vieram festejar. O pai viu tudo e só disse uma coisa: ‘Se é bom ou se é mal, só o futuro dirá’.(Alves, 1996, p.145)

Através da história, confirmamos a visão de Brotto que tanto podemos ser cooperativos ou competitivos... Somos as duas coisas simultaneamente. Olhar fenomenologicamente essa questão reforça a aceitação da fluidez da vida e da falta de garantias, aceitar a insegurança, faz com que olhemos para os modos infundáveis de se ser com os outros e consigo mesmo, afastando-nos da idéia de se ter uma forma lógica de “ser”. A fenomenologia vê a escolha como uma condenação humana, pois o homem tem que escolher sua ação e lida a cada instante, mesmo que a decisão seja não escolher, estamos escolhendo não escolher, e nessas escolhas há sempre uma infinidade de conexões contidas, ir por um caminho implica em não ir por outro, pelo menos naquele momento, não temos como ganhar e perder só de vez em quando, isso é constante. Não tem algo que é bom ou mal na vida humana, é sempre as duas.

E conclui:

Através desse redimensionamento atitudinal poderemos alcançar a consciência de que somos todos nós, membros de um mesmo e único grande time. (...) Não bastam apenas as boas intenções, elas não se constroem sozinhas, é necessário e urgente que suas correspondentes boas ações, sejam arquitetadas e operadas no dia-a-dia em cada segmento da sociedade. (2001, p. 40 e 41)

A ação humana começa pelo fim. Um exemplo claro dessa afirmação está na realização de um sonho, ao desejar fazer uma viagem à Itália (FIM) inicia-se a ação de economizar dinheiro, aprender italiano, conhecer os pontos turísticos do país. Ao vislumbrarmos um objetivo, um lugar que desejamos chegar, iniciamos nossa ação. Primeiro aparece o Fim, para que a ação seja impulsionada. Sem um fim, sem um sonho, não há ação. Esse fim, esse objetivo, ao se falar de educação, precisa estar em sintonia com valores ligados a ética, cooperação, amor, sabedoria. Caso contrário, a formação humana fica comprometida. Terry Orlick (1989) exemplifica isso quando diz que nós não ensinamos nossas crianças a terem prazer em buscar o conhecimento, nós as ensinamos a se esforçarem para ter notas altas. Da mesma forma, não as ensinamos a gostar de esportes e sim a vencer jogos. O objetivo destituído de valores nobres, deturpa a formação e distancia o humano de um sentido mais agregador e benéfico.

Brotto nos convida a uma nova visão do jogo como uma possibilidade de formação educativa e humana:

Um jogo para superar desafios e não para derrotar os outros, joga-se para se gostar do jogo, pelo prazer de jogar. (...) jogos de compartilhar, de unir pessoas, de despertar a coragem para assumir riscos, tendo pouca preocupação com o fracasso e o sucesso em si mesmos. (2001, p.54 e 55)

Desse modo, os jogos cooperativos aparecem como *“um exercício de ampliação da visão sobre a realidade da vida refletida no jogo”*. (2001, p.59) A intenção, segundo o autor, *“é afirmar a existência de diferentes possibilidades de jogar um mesmo jogo, de perceber alternativas para viver uma mesma situação.”* (2001,p.60) Essa ampliação pode acontecer diante do jogo quando o homem se coloca com espontaneidade e exercendo seu ser livre.

Estar junto na cooperação, permite a construção de uma história realmente presentificada, uma relação de intimidade que permite o conhecimento do outro e o reconhecimento de si mesmo, tal como a história a seguir nos mostra:

“Chuang Tzu e Hui Tzu atravessavam o rio Hao Pelo açude. Disse Chuang: “Veja como os peixes Pulam e correm tão livremente: Isto é a sua felicidade”. Respondeu Hui: “Desde que você não é um peixe Como sabe O que torna os peixes felizes?” Chuang respondeu: “Desde que você não é eu, Como é possível que saiba Que eu não sei O que torna os peixes felizes?” Hui argumentou: “Se eu, não sendo você, Não posso saber o que você sabe Daí se conclui que você, Não sendo peixe, Não pode saber o que eles sabem”. Disse Chuang: “Um momento: Vamos retornar À pergunta primitiva. O que você perguntou foi “Como você sabe O que torna os peixes felizes?” Dos termos da pergunta Você sabe evidentemente que eu sei O que torna os peixes felizes. “ Conheço as alegrias dos peixes No rio Através de minha própria alegria, à medida Que vou caminhando à beira do mesmo rio”. (MERTON,1996 ,p.126 )

Gawendo (2001, p. 94), vê essa história como uma oportunidade de falar de um saber, *“que só é sabido por ser saboreado junto. Fala de envolvimento.”* E completa,

(...) a questão do envolvimento fecha o texto, não cabe mais jogar com as palavras, pois é como se, nesse momento, ele compreendesse que aquilo que ele sabe, não diz respeito ao peixe e ao seu movimento, considerado como algo distinto dele, mas sim dessa parceria, desse saber que só pode ser construído junto,

construído na vivência, em cada momento que estamos em nós e, ao mesmo tempo, com o outro que participa da nossa vida. (p.95)

Cooperar, envolver-se nessa prática, desfaz a ilusão de sermos separados e isolados uns dos outros, permite que nos conhecemos através do que o outro me faz sentir e experimentar e vice-versa, vivências que somente são possíveis ao compartilhar caminhos

## 2.1 A cooperação no resgate de valores

A palavra cooperação nos convida a olhar para valores. Só há cooperação de fato se consigo ser generoso, estabelecer diálogo, ter paciência com o ritmo próprio e o modo de ser de cada um, se respeito meu semelhante e confio nele. Bilê Tatit Sapienza diz que: *“Quando falamos em sentido das coisas da vida tocamos na questão dos valores, pois alguém vê sentido em caminhar na direção de algo que valoriza.”* (2004, p.30) É inevitável que a questão dos valores esteja presente num grupo que pensa e vive a cooperação, e não pode deixar de ser pensada também por quem conduz um grupo. Propiciar a consciência da cooperação é abrir espaço para cada um ouvir a própria resposta à pergunta: o que tem valor para mim?

Perante a violência cotidiana e a cultura individualista de tirar vantagem em tudo, iniciamos uma perda significativa de referências que valorizam o compartilhar, o cuidado com o outro, a paciência, o viver um ideal e até mesmo o sacrificar-se. E Bilê acrescenta:

A crise é dos valores, é na área dos significados das coisas em geral, dos significados que dizem respeito à existência do homem. As pessoas pensam cada vez menos nisso e, quando querem ou precisam pensar, não encontram a hora, o lugar; às vezes, já não encontram nem mais a linguagem que facilitaria esse pensar. (2004, p.31)

O vencer por qualquer meio possível, vencer a qualquer custo, motivado pela ética competitiva da nossa cultura traz a falta de um sentido digno para nossa ação. Perder o sentido de nossas atitudes é abrir mão de ser autor de nossa própria história, de ser legislador da nossa existência.

Orlick aponta que: “*para que as forças do mal dominem o mundo é necessário apenas que um número suficiente de homens bons não faça nada*” (1989, p.15) ou seja, não basta não fazer o mal é preciso fazer o bem.

A relação de co-responsabilidade, responsabilidade e co-existência que a cooperação nos permite ter com o outro traz uma sensação única de pertencimento e de comunhão. Ter sua fala ouvida, sentir o eco da sua voz, traz o sentimento de existir de fato. Talvez cooperar seja desafiador, pois tem que exercitar essa relação de interdependência entre as pessoas, que não significa falta de autonomia, mas sinaliza que nosso destino está parcialmente nas mãos de outros e vice-versa.

Frente a essas reflexões acredito que é preciso ver a competição como algo que não deve ser exterminado. Quando falamos de cooperação, não estamos falando do antônimo de competição, mas, de outro modo de jogar. A crítica não é em relação à competição, mas sim ao modo como se realiza a competição, “*os esportes podem ser também um meio positivo para a autorealização.*” (1989, p.96) Priorizar o prêmio na competição e não o exercício da atividade nos traz uma experiência semelhante a essa:

“Quando um arqueiro atira sem alvo nem mira. Estará com toda a sua habilidade. Se atira para ganhar uma fivela de metal Já fica nervoso. Se atira por um prêmio em ouro. Fica cego. Ou vê dois alvos. Está louco! Sua habilidade não mudou. Mas o prêmio cria nele divisões. Preocupa-se. Pensa mais em ganhar. Do que em atirar- E a necessidade de vencer. Esgota-lhe a força. (MERTON, 1996. p.139)

Uma faca pode servir para diversos fins, ela só será perigosa nas mãos de alguém que pretende matar, ferir, agredir. A competição não é diferente. Se a prioridade é o resultado e não a diversão e a união, o jogo torna-se uma ferramenta de agressão, individualismo, pressão e derrota. A ênfase no resultado empobrece a curtição, o sabor do ato e até mesmo o bom desempenho.

Fábio Brotto, comprometido com a integridade humana, com uma atuação responsável e amorosa no mundo, fala da cooperação como uma atitude coerente e apropriada para a manutenção da vida.

A cooperação gera novas motivações, novas atitudes, novos valores e capacidades. (...) se estivermos realmente interessados na sobrevivência e numa qualidade de vida melhor no futuro, devemos nos afastar da competição cruel e começarmos a enfatizar a cooperação e a preocupação com os outros, seja nos jogos ou fora deles. (1989, p.182)

Esse pensamento permite-nos mais uma conexão com o modo fenomenológico de pensar a existência, cada escolha humana encaminha mundo para uma direção, mundo e homem não são separados, vivem enredados, por isso o que ocorre no mundo afeta o humano e a ação humana afeta mundo.

Por isso, a preocupação do homem com ser o primeiro, com ter o melhor resultado, afeta o mundo e os outros. Para Orlick *“a obsessão dos adultos com a vitória pode, no fim das contas, destruir o ingrediente mais importante de todos no desenvolvimento das habilidades das crianças: o puro amor pelos jogos.”* (1989, p.100) A cultura da competição impregnada na nossa sociedade invade desde a educação até as famílias. A ênfase está na chegada e não no percurso. É como se o caminho pudesse ser trilhado sem que nos traga qualquer enriquecimento, pois todo o valor está em chegar ao objetivo. Quanto não perdemos ao ignorar o trajeto? Quanto de valioso e de realmente significativo e rico há na caminhada? Quantas experiências só são acumuladas com os passos dados, com situações que foram realmente nos constituindo, formando nossa identidade?

É justamente nesse caminhar, nos encontros que temos nesse trilhar, nas conversas e vivências partilhadas, nos desafios e obstáculos enfrentados, na alegria, na dor e na celebração de ter passado por eles, que percebemos e consagramos nossos valores.

Nesse capítulo, percorri meu olhar pela cooperação com o enfoque na sua possibilidade de transformação humana. Considerei o homem, numa visão fenomenológica, como um ser constituído sempre no mundo com outros homens, nesse incessante movimento de sempre poder ser de outros jeitos, ampliando assim suas possibilidades de ser consigo mesmo e com os outros. Analisei também a questão da cooperação e da competição baseada numa tratativa de valores, trazendo questões da existência humana no que se refere a construção de um mundo melhor, onde pretendemos entender o que

realmente importa para cada um, inaugurando assim a construção de um caminho que pretende cuidar do seu sentido durante todo o percurso. Veremos adiante, como o focalizador pode aparecer nesse contexto onde a cooperação é motivada.

## CAPÍTULO 3

### Ser Focalizador

“(...)um jardineiro que toma conta de diversas plantas. Uma planta ama o sol direto, a outra a sombra refrescante; uma ama as margens de um regato, a outra, o desolado cume de uma montanha. Uma viceja no solo arenoso, a outra, na rica terra negra. Cada uma exige o cuidado mais apropriado para si; de outra forma, o resultado não será satisfatório”  
(Nossrat Peseschkian)

O “*ser focalizador*” pode aparecer como esse alguém que não pode ter um olhar fixo, como alguém que não deve seguir um manual. Abordar a questão do “*ser focalizador*” nos exige mais do que isso. Exige-nos um olhar para as diversas nuances e possibilidades de se cuidar de cada grupo, e de como o “*ser focalizador*” pode aparecer a cada momento.

A função do focalizador exige sensibilidade, propósitos claros e olhar para o outro. Falcão e Vila (2002) esclarecem:

O focalizador também é responsável por estar ciente do propósito geral do grupo, do contexto da atividade sendo executada no momento, procurar equilibrar diferentes demandas de tempo, energia e dinheiro, fazer com que a situação de cada participante do grupo seja considerada, estimular a interação entre o grupo e agir como elemento de ligação com outros grupos. (p.13)

Para melhor abarcar todos os aspectos que o “*ser focalizador*” apresenta, subdividi esse capítulo de forma a esclarecer a origem do termo focalizador, sua atuação com grupos, a linguagem utilizada por ele, o cuidado consigo mesmo e sua função terapêutica.

Reconheço nesses cinco aspectos meu ponto de vista sobre o focalizador, com o pedido ao leitor de considerar que este é apenas um entre tantos olhares para essa questão. Espero cultivar, através dessas reflexões, a atitude de novas percepções sobre esse tema.

### 3.1 O termo Focalizador

“(...) Viver, é afinar um instrumento, de dentro pra fora, de fora pra dentro, a toda hora a todo momento, de dentro pra fora, de fora pra dentro. Tudo é uma questão de manter, a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranqüilo...”  
Leila Pinheiro

A palavra focalizador tal como vem sendo abordado nesse trabalho, teve sua origem na comunidade de Findhorn, na Escócia, por isso, é primordial trazer seu significado, onde este termo surgiu. Segundo Vila e Falcão,

O termo focalizador define um tipo de liderança que surgiu na comunidade de Findhorn, Escócia, onde é dada uma atenção especial ao uso ético do poder de quem coordena e dos relacionamentos humanos. As decisões são tomadas a partir do uso tanto da mente lógica, racional e objetiva quanto da intuição, meditação e Inteligência emocional. (2002, p. 12)

A palavra focalizador faz-me lembrar a idéia de alguém que tem a ação de focar. Focar sugere a atitude de olhar o foco, cuidar do foco. Já ouvimos a palavra foco em determinadas situações de nossas vidas, principalmente no trabalho, onde é exigido uma atenção maior a uma tarefa. A palavra foco vem do latim “focu” que significa centro ou sede, ou seja, lugar onde concentra-se o que precisa de cuidado, é um efeito ótico que torna a imagem visualizada nítida no ponto nos quais os raios de luz convergem, é tornar nítido aquilo que se quer ver. Foco, também aparece como fonte de luz, ponto de reunião. (Minidicionário Aurélio, 1993) Olhando para essas definições, vejo o focalizador como alguém que tem seu olhar para o que realmente pede atenção, alguém que centra uma atividade, a palavra centrar revela o ato de atingir uma harmonia, um equilíbrio, uma atitude de ponderação. Quando dizemos que uma pessoa é centrada, estamos nos referindo ao seu equilíbrio. O centro é o lugar onde todos podem dirigir a sua atenção, focalizar uma atividade aparece como reunir energia em prol de alguma coisa. O focalizador põe algo necessário em foco, ou seja, em evidência, para ser visto.

Alex Walker (1998) esclarece a visão do que é ser um focalizador, nessa comunidade que deu origem ao termo,

Quase todos os departamentos da Fundação funcionam como um grupo e cada grupo tem seu focalizador. O focalizador não tem o intuito de ser um líder no sentido de dar ordens; é sim a pessoa que adquiriu respeito por sua capacidade de entrar em sintonia com as necessidades do todo. Isto não significa que o focalizador tenha todas as respostas. Na verdade, o focalizador pode até saber menos acerca do trabalho a ser feito do que outras pessoas envolvidas. (1968, p.169)

Essa visão do focalizador mostra que ele não é uma pessoa melhor que os componentes do grupo, com mais conhecimento ou capacidade, o focalizador é uma pessoa integrada com o todo. Para Walker (1998), é preocupação do focalizador, a harmonia e energia do grupo, ele é um líder que possui consciência desse plano energético. Para ele, o focalizador precisa estar atento a muitos detalhes que possam comprometer essa sintonia, questões como: *“(...) seria o trabalho facilitado se tivesse música de fundo? Alguém precisa ser informado sobre o andamento da tarefa por não estar familiarizado com ela? Deveríamos fazer uma pausa para descansar? Devo fazer o chá?”* (p. 169) São cuidados sutis e fundamentais que o focalizador tem, e que nem sempre passa pela via da razão, são sutilezas percebidas apenas por quem está acompanhando com proximidade o processo.

Caminhando nessa direção, Vila e Falcão acrescentam algumas considerações sobre o papel do focalizador:

Qual é o papel do focalizador? Segundo Carol Riddell, o termo focalizador deve ser usado para indicar um tipo de liderança que é diferente dos gerentes, diretores, facilitadores e chefes comuns. Fundamentalmente o focalizador mantém o foco. Ele não precisa mandar, não precisa ter “poder” sobre os demais membros do grupo nem ter um status superior aos outros. Ele é o responsável pelo foco do grupo e da atividade que está acontecendo naquele momento. (2002, p.12)

O focalizador aparece como um cuidador do foco, diferente de ser um realizador de sonhos, ele aparece como alguém que cuida desse sonho, que o segura, tendo como papel, manter os objetivos e metas sempre com nitidez, mas, *“(...) o modo de agir dentro daquele foco é definido pelo grupo. O focalizador mantém um canal aberto com o objetivo final, tornando-se um ponto de referência para os demais participantes.”* (2002, p.12/13) Trago a história abaixo para clarear ainda mais esse cuidado:

Era uma vez um cocheiro que dirigia uma carroça cheia de abóboras. A cada solavanco da carroça, ele olhava para trás e via que as abóboras estavam todas desarrumadas. Então ele parava, descia e colocava-as novamente no lugar. Mal reiniciava sua viagem, lá vinha outro solavanco, e tudo se desarrumava de novo. Então ele começou a ficar desanimado e pensou: "Jamais vou conseguir terminar minha viagem! É impossível dirigir nesta estrada de terra, conservando as abóboras arrumadas!". Quando estava assim pensando, passou à sua frente outra carroça cheia de abóboras, e ele observou que o cocheiro seguia em frente e nem olhava para trás: as abóboras que estavam desarrumadas organizavam-se sozinhas no próximo solavanco. Foi quando ele compreendeu que, se colocasse a carroça em movimento na direção do local onde queria chegar, os próprios solavancos da carroça fariam com que as abóboras se acomodassem em seus devidos lugares.(Internet)

Utilizo essa história para mostrar que para alcançar nossos sonhos, temos que olhar pra frente, manter o foco, confiar que muitos dos obstáculos do caminho serão parceiros nessa construção. Partindo dessa reflexão, em que o focalizador está envolvido no processo, pela sua postura pessoal e pela clareza e ligação com o objetivo do trabalho, que ele pode lembrar os membros da missão do grupo, favorecendo a tomada de decisões para cada momento.

Pensar fenomenologicamente a questão do "*ser focalizador*" é continuar essa conversa sem estar munido de uma teoria que já sabe previamente explicar o fenômeno em questão, ou seja, é importante considerar todos os autores que estudaram e descrevem o focalizador, mas é preciso abrir espaço para o aparecimento de outras nuances já contidas nesse fenômeno. Suspender essas teorias, nos pede cautela, pois precisamos saber o que estamos suspendendo, já que é importante todo conhecimento pesquisado e construído que diz respeito ao ser focalizador. Mas esse conhecimento não pode estagnar a busca do que "*ser focalizador*" nos propõe.

É bastante evidente que, se esse trabalho se situa na fenomenologia, esse assunto (de estar munido de uma teoria) se torna mais complexo, pois o próprio uso ou não de uma teoria ou definição passa a ser uma questão. Há algumas coisas, porém, que independem de definições. (SAPIENZA, 2007) Uma delas é a postura do focalizador diante de coisas fundamentais, como o respeito pelo grupo, seu possível papel terapêutico e o cuidado com suas próprias referências e desafios pessoais. E, são nesses três pontos que me debruçarei a seguir.

### 3.2 O focalizador e seus grupos

“Nenhum homem é uma ilha, completa em si mesma; todo homem é um pedaço do continente, uma parte da terra firme. Se um torrão de terra for levado pelo mar, a Europa fica menor, como se tivesse perdido um promontório, ou perdido o solar de um teu amigo, ou o teu próprio. A morte de qualquer homem diminui a mim, porque na humanidade me encontro envolvido; por isso, nunca mandes indagar por quem os sinos dobram; eles dobram por ti.”  
John Donne

Essas palavras lembram o quanto estamos no mundo com os outros, de tal forma que nossa separação do grupo é impossível, os homens existem de tal modo que não podem eliminar de sua essência o ter de ser sempre ligados aos outros.

O focalizador pode se dedicar a vários trabalhos, tais como uma dança, uma atividade culinária, um cuidado com o jardim, uma reunião de tomada de decisões, até um processo de construção na consciência cooperativa de um grupo e a possível transformação de seus membros.

Nesse estudo, tratarei mais especificamente dessa última tarefa, do focalizador como propiciador dessa tomada de consciência e não do focalizador cuidando de uma atividade prática.

Os sentimentos mais diversos passam dentro de um grupo: raiva e amores, sonhos e desilusões, esperanças e temores, culpas e vontade de poder ser melhor. Cada vivência dentro de um grupo pode ampliar existências, o momento da troca de um grupo, após uma vivência, pode ser um instante privilegiado, pode ser precioso pois as pessoas se colocam com confiança e não estão preocupadas com o focalizador, com os componentes do grupo ou com alguma teoria, simplesmente se abrem as pessoas. A experiência das pessoas aparecem para serem compreendidas e compartilhadas. Esse é o fenômeno ali. Essa experiência é absolutamente singular: porque aquelas vidas são únicas, aquele momento é único, a relação entre as pessoas do grupo e de cada um consigo mesmo e com o focalizador é única.

E o que sustenta esse trabalho mobilizador com um grupo? Na minha experiência com grupos, o que permite a sustentação de um trabalho como

esse é a possibilidade que há de cada um reunir pedaços de significados que muitas vezes encontram-se dispersos em suas vidas, através da partilha de experiências significativas. Muitas vezes, esses significados estão difíceis de aparecer, mas com os jogos cooperativos pode se acender uma luzinha aqui, outra ali, possibilitando encontrá-los. Esses significados juntam-se e passam a estruturar sentidos na vida. Para que algo apareça, esse lugar onde o focalizador proporciona vivências cooperativas, precisa ser cuidado, para surgir um espaço acolhedor e nunca condenador, onde as pessoas possam ser frágeis e ser fortes, estar tristes ou contentes, enfim, todos os sentimentos têm o direito de freqüentar esse lugar.

Vejo que o trabalho do focalizador consiste também em deixar que as coisas apareçam com seus significados, reuni-los e permitir que cada um articule seu próprio sentido. É um trabalho artesanal, que indica a diferença do “industrializado”, do padronizado, feito para alguém que não sabemos quem será. É um trabalho destinado a cada grupo a cada momento. “(...) *não é aquele artesanal que poderia já estar na vitrine à espera de quem o levasse: ele só vai ser realizado no momento em que o destinatário estiver presente. E mais: só será feito com ele.*” (Sapienza, 2004, p.19/20) E complementa:

Artesanal diz respeito a um ofício realizado com as mãos. Embora não trabalhem com as mãos, essa metáfora vale por aquilo que as mãos podem simbolizar. Mãos podem agredir, afastar, mas também são elas que aproximam o que queremos ver de perto; mãos seguram o que está prestes a cair; mãos aconchegam, desfazem nós e fazem laços; mãos mostram uma direção; mãos detêm a afobação da pressa e dão aquele “empurrãozinho”, às vezes, necessário; mãos pensam feridas. Fora de toda conotação pejorativa que a palavra manipulação carrega, e de acordo com um bom e velho sentido que ela já teve, podemos dizer aqui que esse é um trabalho de “manipulação”, como quando líamos “Farmácia de manipulação”. Ali os remédios podiam ser elaborados especialmente para uma determinada pessoa. (2004, p.20)

A disponibilidade do focalizador deve ser total, ou seja, ele deve estar inteiro, de tal forma que, a cada vez, deve sentir como se cada momento estivesse acontecendo pela primeira vez no mundo, como se não houvesse com o que ser comparado, como se aquele grupo estivesse inaugurando aquela forma de aparecer.

Essa maneira de estar com um grupo é algo que se conquista aos poucos, pois a tendência mais comum de todos nós é nos ampararmos em teorias e vivências anteriores para fugir da insegurança do que está por vir. Vejo a importância do focalizador despreocupar-se desses conceitos prévios e buscar a diferença peculiar que identifica aquele grupo. É um estar disponível ao que vai aparecer.

Os focalizadores lidam com a existência humana e com as relações entre elas, quando penso nesse fenômeno que é o existir humano, percebo a seriedade do que se dispõe a fazer focalizadores de grupo, que cientes da sua falta de poder, compartilham a vida de pessoas e procuram ajudá-las nessa coisa complexa, arriscada e transitória que é existir. Através de sua prática como psicoterapeuta, Abel Marques Guedes considera que *“(...) o trabalho em grupo é mais abrangente, amplia a chance do experimentar-se, de uma reorganização no estar junto, de treinar o perceber a si e ao outro, de descobrir diferenças e identidades”*. (Porchat e Barros, 1985, p.18)

Retornando minha proposta de analisar fenomenologicamente o ser focalizador e o que o constitui como atitude e cuidado, usarei mais uma vez Sapienza que nos alerta:

No enfoque da fenomenologia, dito aqui numa linguagem bem simples e coloquial, a primeira recomendação para a compreensão de questões que se colocam diante de nós é: livre-se da sedução da facilidade das idéias já prontas que, à força de serem repetidas, acabam por se impor a você e fique atento ao fenômeno. (2007, p.20)

Para melhor entender minha insistência em ater-se ao que vai acontecer a cada momento, ou seja, ao fenômeno, é preciso olhar para a liberdade do focalizador. Os sentimentos mais diversos passam dentro de um grupo: raiva e amores, sonhos e desilusões, esperanças e temores, culpas e vontade de poder ser melhor. Cada vivência dentro de um grupo pode ampliar existências, o momento da troca de um grupo, após uma vivência, pode ser um instante privilegiado, pode ser precioso pois as pessoas se colocam com confiança e não estão preocupadas com o focalizador, com os componentes do grupo ou com alguma teoria, simplesmente se abrem as pessoas. A experiência das pessoas aparecem para serem compreendidas e compartilhadas. Esse é o fenômeno ali. Essa experiência é absolutamente singular: porque aquelas vidas

são únicas, aquele momento é único, a relação entre as pessoas do grupo e de cada um consigo mesmo e com o focalizador é única.

E por estarmos, na atual sociedade sendo exigidos e solicitados pela técnica, controle, domínio, poder e pela satisfação de nos imaginar com as rédeas nas mãos, é que esse trabalho do focalizador deve apontar para a liberdade do homem, procurando ajudá-lo a encontrar uma resposta própria para o que deseja para a sua existência. No entanto, se o trabalho do focalizador for dominado pela técnica, pelo controle, pela montagem e pelo poder, essa liberdade não será possível. Com isso, para Cytrynowicz, “(...) a riqueza humana continuará oculta, o poder-ser do homem permanecerá adormecido apenas se mostrando no protesto, na revolta e na violência, e talvez transpirando no tédio e na indiferença.” (1997, p.23)

Que o focalizador seja essa presença que encoraja a experiência e motiva a autonomia do indivíduo, do grupo.

### 3.3 A linguagem do focalizador

“Clareza e simplicidade são virtudes  
Dedicação e amor são necessários para conquistá-las e preservá-las.  
(...)”

Ser simples e claro pode ser perigoso. Pode deixá-lo exposto. Muitos adotam a confusão para se proteger, como o polvo, que joga tinta na água para camuflar a fuga. Jargões herméticos cumprem esse papel, mistificam o conhecimento e podem se tornar símbolos de poder para os “iniciados”. Utilizados sem consciência pelos profissionais, acabam por se tornar obstáculos para a comunicação. Empregadas com coragem e propósito, clareza e simplicidade são armas. Podem tocar corações, transformar conceitos e atitudes”.  
Tarcísio Tatit Sapienza

Tornar as coisas mais simples do que elas são, talvez seja esse um desafio do focalizador, e a linguagem o instrumento para essa ação.

O focalizador precisa estar atento para que sua fala seja colocada adequadamente, para que o efeito não seja a banalização de uma coisa séria,

para isso precisa ter paciência e sensibilidade até na forma como se posiciona. Precisa reconhecer que há momentos em que falar precipitadamente pode gerar um desconforto no grupo. O focalizador que se apressa, pode receber do grupo uma resposta que impossibilite o aprofundamento das questões levantadas por todos. Por isso, o focalizador deve cuidar para que sua fala não interrompa um processo do grupo. Como cada grupo é único, o focalizador deve estar atento a linguagem que terá acesso melhor àquele grupo. Um grupo dentro de uma empresa solicita um modo de se falar, um grupo dentro de uma escola outro modo. Há termos que, dependendo do contexto que esse grupo está inserido, pode causar uma resistência a escuta verdadeira. Dentro de uma empresa a linguagem motivacional e de resultados funciona muito bem, ao contrário da linguagem poética que poderia encontrar espaço no ouvido dos educadores.

É preciso atentar-se a ouvir até o fim qualquer membro do grupo sem interromper, sem antecipar o que o outro pretende falar, saber silenciar quando necessário e prestar muita atenção no sentido de sua própria fala como focalizador, isto é, ter sempre presente algumas indagações: A fim de quê disse isso? O que pretendo? Mostrar que estou atento? Que tenho conhecimento? Uma demonstração de poder? Algumas falas desnecessárias, vindas do focalizador podem interromper processos do grupo, desestimular ou facilitar desafios que precisam ser vividos pelo grupo, caso contrário, interrompem crescimentos e impedem *“insights”*. Isso não quer dizer que o focalizador só deva estar falando de um tema sério. Um comentário leve ajuda na formação de um vínculo de entrega e confiança.

A linguagem do focalizador que pretendo abordar nessa parte do texto, não refere-se apenas a forma de falar e o que falar, mas propriamente ao tipo de linguagem, como essa linguagem chega a cada um do grupo.

Seria a linguagem do focalizador acessada por uma via intelectual? Sapienza e Pompéia reconhecem que *“(...) a verdade racional é impotente diante das dificuldades psicológicas, que se divertem em ridicularizar a razão”*, não é pela via da razão que caminha essa linguagem, *“(...) tem uma outra via, para cuja compreensão é importante introduzirmos aqui uma palavra grega, poiesis. Esta significa não só poesia no sentido específico, como também criação ou produção em sentido mais amplo”*. (2004, p.157) E esclarecem:

*Poiesis* é um levar à luz, é trazer algo para a desocultação. A linguagem da razão, chamada em geral de linguagem do conhecimento, também desoculta o que estava oculto, mas de um modo diferente, de um modo que dá explicações. (...) ela, de certa forma, garante ou “obriga” que alguém entenda o que dizemos. Com a linguagem *poética* é diferente. Esta pode aparecer na poesia propriamente dita, num texto em prosa, num diálogo ou mesmo numa piada engraçada. A piada não é para ser explicada. Essa linguagem busca o interlocutor em seu espaço de liberdade. Quando me expresso *poeticamente*, o outro não é obrigado a concordar comigo. Na verdade, não há nenhuma razão para que ele o faça, e, no entanto, tenho uma grande expectativa de que ele possa me compreender, dentro da não-necessidade de compreender. (2004, p. 158)

Uso essa forma de linguagem clinicamente com pacientes e arrisco-me a utilizá-la com grupos de adolescentes na educação, considero um risco já que na educação pressupõe-se que o entendimento deve sempre estar garantido, e com esse modo de comunicar, quando há compreensão, ela vem gratuitamente, emocionalmente e sem necessidade de argumentação mediada pela razão. Aqui teríamos uma comunicação que ou se dá, ou não se dá. Lembro-me também de minha própria vivência na pós graduação em jogos cooperativos, Fábio Brotto, referência no assunto e docente do curso, expressava-se poeticamente, tentava trazer a luz questões usando metáforas que ampliavam nossa visão e permitiam a descoberta singular de cada um.

No âmbito da linguagem da *poiesis* existe um risco: eu nunca sei se o outro vai me compreender ou não. Se ele me compreender é como se ele me autenticasse; então eu me sinto não só muito próximo dele, mas também da minha própria experiência que desejo expressar. Caso contrário, em algumas circunstâncias, chego até mesmo a perder de vista a minha experiência, como ela se diluísse na incompreensão do outro. (...) Descobrimos o quanto somos vulneráveis em nossa comunicação e o quanto somos dependentes da disponibilidade do outro. (Pompéia e Sapienza, 2004, p.159)

Através dessa linguagem que não tem suas raízes na explicação, mas que traz a experiência emotiva, a interpretação própria de cada um é possível, usar a linguagem da *poiesis* é uma forma de se expressar que não uniformiza o entendimento, mas possibilita o encontro único de cada um que a escuta.

Para melhor exemplificar essa vivência, recorro a uma experiência pessoal com Fábio Brotto: ele ministrava um primeiro módulo de jogos

cooperativos na Unimonte, estávamos todos sentados em roda, olhando para ele e o ouvindo, ele dizia mais ou menos assim: *“Quando era pequeno morava numa casa que possuía um filtro de água para beber, era um filtro antigo, de barro, para que a água pudesse estar sempre pura e límpida era necessário deixar o filtro que estava dentro sempre limpo, tirar as impurezas que acumulavam-se ali, essa era minha tarefa: manter o filtro limpo. Precisamos cuidar do nosso filtro.”* Essa fala simples, vivencial e nada explicativa, tocou muitos que estavam ali. O mais curioso foi a interpretação que cada um teve, alguns ligaram a idéia do filtro a questão da saúde física pois passavam por alguma enfermidade, outros poderiam olhar para a tarefa do focalizador cuidando da água que todos bebem, outros pontos poderiam surgir, todos aceitáveis e verdadeiros.

Essa verdade, na linguagem da *poiesis*, pode ser vista de duas formas:

Em português, ela vem do latim *veritas*, e tem a ver com o verificável, aquilo que pode ser comprovado. Tal conceituação associa a perspectiva da verdade à linguagem do conhecimento. (...) Mas ela não é apenas o verificável. (...) a palavra grega *aletheia* pode ajudar, pois ela traz um outro sentido para a palavra verdade. *Aletheia* é formada por um prefixo de negação (a) e por um radical (lethe), que significa esquecimento. *Aletheia* pode ser o “não esquecido. (Pompéia e Sapienza, 2004, p.160)

Importante trazer a palavra recordar *“(...) que vem de um radical latino cor-cordis, que significa coração”* o focalizador precisa ter essa ligação com o que pode tocar almas e despertar afetos e o autor completa: *“Se lermos recordar, isso soa como se disséssemos algo assim: colocar o coração de novo; aletheia, verdade – não meramente o não-esquecido, mas aquilo em que se pode pôr de novo o coração”.* (2004, 160 e 161)

A linguagem é o instrumento do focalizador. Através dela ele pode estar junto, tocando almas, abrindo horizontes, ampliando imagens. Cuidar dessa expressão é tarefa necessária e preciosa para o bom andamento do grupo.

### 3.4 O focalizador cuidando de si

“Uma mulher trouxe o seu filho ao sábio Ali e disse: “Meu filho está sofrendo de um problema sério. Ele come tâmaras do amanhecer ao entardecer. Se não lhe dou tâmaras, ele não pára de gritar. Que devo fazer? Por favor, ajude-me, “O sábio Ali olhou bondosamente para a criança e disse: “Minha prezada senhora, vai para a casa e volta nessa mesma hora amanhã.” No dia seguinte, a mulher e seu filho estiveram novamente diante de Ali. O grande mestre colocou o menino no seu colo, falou com ele de uma maneira amigável e finalmente tirou as tâmaras da mão dele, dizendo: “Meu filho, pense sempre na moderação. Há outras coisas que são gostosas também.” Com essas palavras, ele dispensou a mãe e o filho. A mulher, que estava um tanto intrigada, perguntou: “Grande mestre, por que não disseste isso ontem? Por que razão tivemos de fazer a longa viagem até sua presença uma segunda vez?”. “Minha boa mulher,” Ali respondeu, “ontem eu não poderia ter falado de maneira convincente a teu filho, como o fiz hoje, pois ontem eu mesmo havia saboreado a doçura das tâmaras.”

Nossrat Peseschkian

O que mais podemos pensar sobre “*ser focalizador*”? Percebo que a relação de um focalizador com um grupo, é uma relação delicada. É delicada porque existe afeto, e a palavra afeto vem do verbo afetar, ou seja, nessa relação, ambos: grupo e focalizadores são afetados, ambos podem se transformar. Afetos podem se misturar, por isso precisa ser muito bem cuidado e preservado na sua especificidade, é espaço afetivo que pode servir de um novo chão, de um novo ponto de partida. Por isso, é importante ressaltar os sentimentos do focalizador e saber que deve cuidar de si mesmo.

Perante essa relação afetiva, o focalizador precisa ter consigo, uma sensibilidade para perceber ele mesmo e o que está acontecendo com o grupo. Tudo isso é bem dinâmico. Ele não deve, mesmo sabendo que é profissionalmente que está ali, apertar um botão que desligue nele a compaixão, esse poder compartilhar um sentimento, ele não pode se distanciar do grupo, cuidando de coisas que estão emergindo no ali. Posso afirmar, através desse modo de pensar e da minha própria experiência com grupos e com o sofrimento humano, que quem não tem essa capacidade de compartilhar não deve ser focalizador. Sapienza olha esse “sentir” como uma maneira de se saber e diz:

(...) é preciso sentir porque sabe-se do que pode estar sendo compartilhado, a palavra sabe aqui, do verbo saber, tem a mesma etimologia de 'sabor', e, nesse sentido, o saber tem a ver com o 'saber o gosto' daquilo que está sendo partilhado. (2007, p.18)

A autora procura deixar claro que, embora seja importante compartilhar, que não é bom que se permaneça quebrado na dor que pode ser expressada, na insegurança, na ansiedade e na angústia do grupo, pois o grupo precisa do focalizador inteiro.

O focalizador, mesmo atento aos seus sentimentos, não está livre de vivenciar momentos em que fica difícil agüentar a ansiedade frente a dor ou angústia que pode aparecer, portanto, é preciso ter claro que é a vida do outro e que ele é apenas um acompanhante, essa clareza é necessária, para que o focalizador não corra o risco de impor seu ponto de vista, prescrever atitudes, distanciando-se de agir no sentido de acompanhar e aproximando sua ação na pretensão de ensinar atalhos, dizendo o que faria em determinada situação.

Cabe aqui abordar a questão da neutralidade do focalizador, perguntando: Os valores do focalizador podem afetar um grupo? É claro que não é função do focalizador dar lição de moral, mas é próprio do focalizador lidar com questões importantes que afetam a existência humana. Se por exemplo, a lealdade for um valor do focalizador e não do grupo, é preciso abordá-la? Não seria mais apropriado manter-se na neutralidade, na imparcialidade, na indiferença? E Sapienza acrescenta:

Mas como manter indiferença diante de certas coisas? É possível dizer que tanto faz gostar ou não de futebol, mas não é indiferente que alguém mate o torcedor contrário quando seu time perde; tanto faz comer pêra ou maçã, mas não pode ser indiferente ver alguém, a seu lado, passar fome; tanto faz preferir cerveja ou vinho, mas você não vai ficar indiferente se seu filho estiver se tornando alcoólatra, com cerveja, vinho ou outra coisa. Aquelas situações que agredem os significados mais importantes que temos não suportam indiferença. Elas solicitam interesse, solicitam cuidado. (2007, p.39 e 40)

Caso o grupo, após se colocar, questionar o que o focalizador pensa, é importante que ele não se omita. A transformação nunca é só do grupo. É mútua. Para haver transformação o focalizador também precisa se posicionar, e se transformar. Cada focalizador desenvolve uma técnica, ou seja, o seu jeito de estar com o grupo. E, além do fato de cada focalizador desenvolver um

modo de trabalhar que é único e seu, o focalizador deve se adequar às condições diversas de cada grupo. Por isso, também é importante a troca de experiências entre focalizadores. Isso permite saber como o outro trabalha e pode ser enriquecedor para todos. Sendo que, o que vai sair enriquecido é sempre o jeito de cada um.

Da mesma maneira que um músico precisa de um instrumento em perfeitas condições, o focalizador precisa deixar-se a si mesmo afinado para que possa ter uma atuação de excelência. Estar afinado é estar, entre outras coisas, presente, cuidando da paciência, da humildade, da autoridade, do amor a si, aos outros e na busca permanente do desenvolvimento pessoal e grupal.

Ao cuidar de si, o focalizador precisará ater-se a essas atitudes valorosas. O primeiro valor que necessita de atenção é a atitude de paciência do focalizador que aparece como algo dinâmico e desperto, Sapienza descreve muito bem essa atitude:

(...) não é aquele esperar flutuante pelo momento em que, enfim, entre em cena algo suficientemente interessante em que você se digne concentrar sua atenção. Essa paciência desatenta é desinteresse por quem está com você. Tudo o que se passa ali merece uma atenção concentrada. (...) A paciência é pronta, atenta não só ao que é dito, mas ao como é dito, à voz mais solta ou embargada, aos rodeios, aos desvios, aos silêncios; é atenta aos gestos do grupo. Essa paciência é a que permite estar em sintonia. (...) A boa paciência faz parceria com o tempo, não o apressa, mas aproveita todas as deixas que ele dá, não desperdiça oportunidades. E, para isso, é preciso que não se esteja ansioso para “mostrar serviço” – a ansiedade faz enxergar torto -, mas disponível o tempo todo. Talvez um bom nome para essa paciência disponível e envolvida seja serenidade. (2004, Sapienza, p.43 e 44)

Percebo esse estado de estar sereno como estar confiante. Confiar no que aparece no grupo é uma atitude do focalizador, que costumo enxergar como a aceitação dos acontecimentos e não como uma visão otimista da vida. Independente do que se apresenta – bom ou ruim – aceito e confio que encontrarei um modo de lidar com isso, nunca sozinho, sempre com o grupo.

O focalizador precisa se reconhecer como aquele que não detém as informações para a resolução dos problemas do grupo. Ele facilita o processo do grupo. Um elemento fundamental para o trabalho de um focalizador está justamente em ele saber que não sabe, que está junto com o grupo. Essa

consciência faz uma diferença enorme, principalmente em trabalhos com grupos, em que o grupo e o focalizador pensam e sentem juntos, colaborando mutuamente com a possibilidade de se reconstruírem incessantemente.

Outra atitude do focalizador, além da paciência, aborda sua autoridade. Um focalizador, segundo Walker (1998), carrega elementos de autoridade. Autoridade não revela uma posição de poder ou superioridade. Para Arendt: “A palavra *auctoritas* é derivada do verbo *augere*, “aumentar”, e aquilo que a autoridade ou os de posse dela constantemente aumentam é a fundação.” Fundação é a base que permite a estabilidade do que vai ser construído. (1998, p.164) E complementa essa imagem trazendo a questão educacional:

Na educação, essa responsabilidade pelo mundo assume a forma de autoridade. A autoridade do educador e as qualificações do professor não são a mesma coisa. Embora certa qualificação seja indispensável para a autoridade, a qualificação, por maior que seja, nunca engendra por si só a autoridade. A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo. (1968, p.239)

A autoridade do focalizador, através de minha leitura do seu papel, refere-se a essa responsabilidade que ele assume no seu trabalho com grupos e no seu modo de estar com eles. Cuidar do foco é sua responsabilidade, e ele deve ter autoridade para esse cuidado, ou seja, condições para perceber cada grupo e suas aspirações e estar junto deles.

Diante de tudo isso, o “*ser focalizador*”, por ser uma pessoa que facilite o aprendizado de um grupo, que está atento a tantas descobertas pessoais e grupais, proporcionando crescimento a tantos, tudo isso só pode ser feito com muita sensibilidade e amor.

Acredito que a atitude amorosa do focalizador deve estar sempre presente. A ação do trabalho que ele desempenha sinaliza a sua decisão de amar o mundo o bastante para que possa comprometer-se com seu desenvolvimento, com sua renovação.

Isso inclui o seu fazer no grupo e o seu modo de estar nele: envolvido, disponível, paciente, confiante, sereno, humilde e aberto a aprender e se transformar com o grupo e com tudo o que faz.

Esse olhar atento do focalizador e sua atitude cercada de valores, possibilita a liberdade para que cada um no grupo possa encontrar respostas pessoais para seus conflitos e indagações. É aqui que vejo o papel terapêutico do focalizador, assunto que trato mais profundamente a seguir.

### 3.5 O Papel terapêutico do focalizador

Desde o primeiro contato com o trabalho do focalizador, fiquei instigada a estudar mais proximamente seu papel terapêutico. Essa curiosidade e esse desejo foi se acentuando com os relatos que testemunhava de pessoas que entraram num processo grupal com jogos cooperativos; muitas relatavam o quanto haviam se transformado.

Iniciarei a discussão da função terapêutica do focalizador, abordando o termo “terapia” como Sapienza o toma:

Terapia vem da palavra grega *therapeia-as*, de *therapeúein*, e tem os significados de: servir, honrar, assistir, cuidar, tratar. O cuidado com alguma coisa, por exemplo, uma planta, supõe que ela deva ser plantada no solo adequado, tenha a luminosidade de que precisa, receba água, etc. Supõe também precisar interferir, às vezes, naquilo que está prejudicando o seu desenvolvimento: a terra que se torna pobre, as pragas que atacam, o tronco que se entorta. Essa interferência significa cuidado, e podemos dizer que tal cuidado é terapêutico para a planta. Mas cuidamos a fim de quê? Cuidamos dela para que se torne, o melhor possível, a planta que está destinada a ser: para que ela dê as peras mais gostosas ou as margaridas mais bonitas. (2004, p.55)

Considero a possibilidade terapêutica do focalizador como esse cuidar das possibilidades que aparecem, o focalizador como alguém que precisa ter seu “*olhar*” para as potencialidades de cada grupo. Esse “*olhar*” do focalizador aparece não como um ato passivo, e sim como uma atitude ativa, trata-se de alguém que olha envolvido e comprometido com o que aparece em cada grupo a cada vez. A autora esclarece:

Se até a física, uma ciência que lida com fatos objetivos, considera que o ato de observar é uma variável que altera o objeto observado, quanto maior deve ser a possibilidade de que uma dada situação

existencial possa ser alterada dependendo do “olhar” que lhe é dirigido”. Não estamos tratando aqui de qualquer olhar, “mas daquele “olhar” que é também cuidar, como quando alguém, ao sair, diz para outra pessoa: “Olhe isso pra mim até eu voltar”. Ou quando a mãe diz para a babá: “Estou saindo, olhe as crianças. (2004, p.26)

Esse olhar é terapêutico por ser uma atitude que possibilita uma transformação, sendo que, num grupo, através das trocas entre seus membros, há ainda a “(...) possibilidade de dirigir um olhar diferente para a própria existência e, assim, reformular significados”. (Sapienza, 2004, p.26) Estar num grupo com essa intenção transformadora é também:

(...) ocasião de ouvir a própria voz a dizer coisas que, uma vez ditas, encorpadas na voz, são acolhidas por ouvidos humanos. Tomando corpo assim, elas se mostram com mais nitidez. Pensamentos e sentimentos expressos dessa forma podem ser compreendidos melhor em suas proporções e significados. (2004, p.29)

Para a autora, ter um cuidado terapêutico condiz com dar todas as condições para que o que está sendo cuidado tenha boa saúde, para que cresça bem, isso não quer dizer que essa forma de cuidar dê garantias contra doenças ou acidentes. Se isso acontece, é necessário interferir, tratar com “(...) exercícios especiais, remédios, cirurgia, com tudo enfim que é conhecido como capaz de devolvê-la ao seu rumo de desenvolvimento na direção da plenitude que sonhamos para ela.” (2004, p.55) Ou seja:

(...) alguém pode ter sua mão impedida de desempenhar suas funções mais essenciais por causa de doenças, de traumatismos. Um cuidado terapêutico tentará fazer com que aquela mão se reaproxime de novo daquilo que ela, na condição de mão, deve ser. Trata-se de devolver a ela, o melhor que pudermos, aquilo que é próprio da mão ou, dito de outro modo, trata-se de devolver a mão ao que ela é destinada. (2004, p.56)

Assim, o cuidado terapêutico do focalizador tem a ver com a possibilidade de “(...) devolver, recuperar ou resgatar para aquilo que é cuidado algo que diz respeito a ele e que por algum motivo foi perdido ou prejudicado”, isso pode ser favorecido pelo olhar que cuida, pela linguagem do focalizador, que iremos considerar mais adiante, e pela busca da compreensão do que o

grupo e seus membros vivenciam, e isso quer dizer: “(...) *favorecer que aquilo de que se cuida retorne mais plenamente àquilo que se espera dele, ao que é próprio dele*”. (2004, p.56)

Fica bastante evidente, nas palavras de Sapienza, que o trabalho do focalizador pode ser caracterizado como uma procura, que vai em busca de compreensão da existência humana. Nesse caminho de busca “(...) *temos que aceitar que para algumas perguntas não há respostas*”, todo ser humano procura isso: um sentido para a sua existência, “(...) *e é entre incompletudes e incertezas que esse sentido poderá ser descoberto ou então retomado.*” Na maioria das vezes em contato com os outros. (2004, p. 108/109)

Muitas vezes, ao se falar de cooperação, aparece no grupo medos, questões relacionadas ao quanto as pessoas têm se imposto tarefas e esforços para ter sucesso, do quanto eles precisam competir, do amor que não sabem dar, de como é preciso estar sempre atento para que nada errado aconteça; dos sonhos, tanto aqueles que morreram como aqueles que teimam em continuar. Esse jeito de estar com um grupo, propicia o aparecimento dessas inquietações, que podem culminar em momentos terapêuticos.

Terapia é um pouco isso: oportunidade de o paciente poder olhar, de novo, para o que foi vivido e passou – ou não passou -, para o que é vivido agora, e autenticar tudo como sendo dele, (...) é ocasião de ver que essa é a vida que se realizou, que foi esse o caminho percorrido – mas é um caminho que continua e, o mais importante, pode ir em direções diferentes. Às vezes, isso quer dizer novas escolhas que implicam mudanças radicais. Mas o mais comum é que esse poder ir em outra direção queira dizer: mudar a direção do olhar, poder ver outros significados nos fatos que, em si, continuam os mesmos; poder sentir que, exatamente porque aquela história é especialmente a dele, ele é seu protagonista e cabe a ele trazer elementos novos para ela. (Sapienza, 2004, p.23 e 24)

Embora todo esse trecho se refira a uma experiência de psicoterapia, encaixa-se também no processo que um focalizador necessita cuidar para que suas próprias expectativas e inquietudes não interfiram no processo singular do grupo e de seus membros, pois, através das experiências compartilhadas muito pode ser tocado na existência de cada um e “(...) *se alguém consegue começar a olhar a própria vida e a reelaborar significados que já estavam cristalizados, a realidade da vida dessa pessoa pode se alterar também*”. (Sapienza, 2004,

p.26) Sem dúvida, nesse rumo, o focalizador também tem a possibilidade de se rever, destinado como todo humano ao seu constante vir-a-ser, torna-se novo a cada momento, re-criando-se junto com o grupo e consciente da grande trama ao qual faz parte.

Encerro assim a reflexão sobre o papel terapêutico do focalizador, considerando que a via de acesso do conhecimento não deve ser a única usada pelo focalizador, que levando em conta todas essas sutilezas, acessa muito mais do que o raciocínio do grupo, acessa a sua alma.

Adiante, complementarei este estudo com algumas entrevistas dirigidas a focalizadores que expressaram o modo como enxergam o ser focalizador. Apresento então no próximo capítulo as entrevistas sobre as quais lançarei mão do método fenomenológico na leitura do significado do que foi colhido.

## CAPÍTULO 4

### O Método de Pesquisa

Esse capítulo pretende descrever as características da pesquisa realizada, desde a escolha do instrumento como o modo como ela foi se configurando.

A pesquisa foi realizada com profissionais de diferentes áreas que trabalham com focalização de grupos. A proposta foi trazer à luz como o “*ser focalizador*” aparece para os entrevistados, abrindo um diálogo sobre a função do focalizador com o grupo e as diversas formas de pensar e como esse papel pode aparecer para cada um.

É importante considerar que toda compreensão é sempre momentânea, por isso, essa pesquisa não pretende prender o (a) leitor (a) numa compreensão única.

Para a pesquisa, não considere variáveis como: idade e tempo de trabalho com focalização, o único critério estabelecido foi o fato da pessoa ter experiências práticas com a questão pesquisada: “*ser focalizador*”.

O tipo de pesquisa realizada foi a exploratória, qualitativa. Segundo Gil, “*Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses*”. (2007, p. 41).

Além do levantamento bibliográfico e das entrevistas, foi realizado análise do discurso apresentado, a fim de permitir melhor compreensão do tema escolhido.

A sondagem tem como proposta aproximar como o ser focalizador aparece para cada um dos entrevistados. Para a análise do discurso foi escolhido o método Fenomenológico- Existencial que investiga o ser focalizador sem se ater a pré-definições sobre o que aparece, mas busca no próprio discurso o que este pode nos dizer.

A pesquisa escolhida foi a qualitativa, pois a intenção não é compreender o “*ser focalizador*” através de estatísticas ou outras generalizações, mas sim fazer uma investigação mais próxima a respeito do modo que cada pessoa, em sua singularidade, vivencia essa atuação.

#### **4.1 Sujeitos**

Participaram da pesquisa 8 (oito) pessoas que focalizam trabalhos em grupos. Quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Todas elas apresentam alguma ligação com a questão da cooperação (lecionam no curso de pós-graduação de jogos cooperativos ou foram graduados pelo mesmo, atuam com essa proposta em grupos).

Ao serem convidados a participar da pesquisa, obtiveram a garantia de que suas identidades seriam mantidas em sigilo absoluto, e que as respostas seriam usadas apenas para esse fim acadêmico, esclarecendo o motivo e os objetivos da pesquisa.

#### **4.2 Local**

Devido alguns entrevistados residirem em outras localidades (outras cidades e Estados), seis entrevistas foram respondidas através de mensagem eletrônica, respectivamente: E1,E2,E3,E4,E5, e E6, duas delas E7 e E8, foram realizadas no próprio local de trabalho dos entrevistados, a partir de agendamento e horários acordados anteriormente, foram gravadas em áudio e transcritas com base nos relatos dos mesmos, mantendo uma total fidedignidade diante do exposto, o entrevistado 5 não respondeu a questão1 e todas as entrevistas serão apresentadas no decorrer do trabalho, mais especificamente no capítulo5 e não em forma de apêndice.

#### **4.3 Instrumentos**

O instrumento utilizado foi entrevista do tipo aberta, contendo quatro questões, elaboradas pela entrevistadora, que procurou compreender a proposta da investigação: como descrever o “*ser focalizador*”, os desafios da

atuação dele, o que essa função pretende, e uma imagem que pudesse descrever esse papel (uma metáfora). As questões:

1. Como você diferencia ser focalizador, ser facilitador e ser terapeuta? O que você considera importante ressaltar em relação a esses três termos?
2. Como é ser focalizador para você?
3. Há momentos na vida em que estamos passando por problemas difíceis, períodos angustiantes. Como é que você lida com essa questão?
4. Uma imagem para descrever seu trabalho como focalizador.

#### **4.4 Procedimentos**

A pesquisa teve início pelo levantamento bibliográfico, e posteriormente na aproximação de pessoas que apresentavam experiência em focalizar trabalhos em grupos. Todos os entrevistados conhecem a autora do trabalho, o primeiro contato foi feito por meio de mensagem eletrônica e nesse momento o trabalho foi brevemente apresentado. Todos os convidados aceitaram o convite, após a aceitação receberam as perguntas com os devidos esclarecimentos sobre as mesmas e o pedido de autorização do uso das respostas apenas para o trabalho em questão.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 18 de Abril a 4 de maio de 2009. Após sua realização foram retiradas as unidades significativas. Essas unidades são partes dos relatos que fizeram sentido considerando a interrogação inicial: saber se o focalizador apresenta no seu fazer uma função terapêutica com o grupo. Dessa maneira, para cada pergunta, foram geradas unidades significativas, estas unidades foram dispostas num quadro com o objetivo de permitir ao leitor a visualização do conjunto de significados que apareceram nos discursos dos entrevistados. As unidades significativas foram interpretadas posteriormente.

## **CAPÍTULO 5**

### **Com a Palavra... Os Focalizadores**

#### **5.1 As entrevistas**

##### **Focalizador 1 – Entrevistado1 (E1): O Processo de Fotossíntese.**

1. Como você diferencia ser focalizador, ser facilitador e ser terapeuta? O que você considera importante ressaltar em relação a esses três termos?

Sempre me intitulei "facilitadora" no meu trabalho - na verdade é o termo que usamos na I. (local de trabalho) para todos que "ministram algum tipo de processo". Entendo ser esse meu papel no processo de aprendizagem de um grupo - alguém que possui conhecimento técnico de um assunto específico, porém que constrói o processo a partir das experiências e conhecimentos dos participantes, fazendo as interferências necessárias para ampliação dos conteúdos. Penso que algumas pessoas utilizam o termo focalizador com o mesmo significado. Hoje temos claro na I.(local de trabalho) que nós desenvolvemos processos educativos, não usamos mais o termo treinamento, nosso papel é contribuir para ampliação da consciência das pessoas. Penso que a atuação é menos pontual e profunda do que do terapeuta, embora por diversas vezes percebo que as pessoas re-significam diversos valores durante o tempo que permanecem em nossos processos, pois abordamos qualidade de vida pessoal, familiar e profissional. Talvez o objetivo do facilitador/focalizador - depende mais que como se define, seja o grande diferencial do terapeuta, pois permite construir junto, relatar experiências pessoais, descobrir novos caminhos, fazer parte do processo.

## 2. Como é ser focalizador para você?

Talvez tenha respondido parte dessa questão acima, mas penso que algumas características são fundamentais para um bom focalizador: domínio técnico do assunto (com profundidade), rapidez de raciocínio (fazer as interferências no momento certo), capacidade ampla de comunicação (se fazer entender em diferentes níveis), poder de influência aguçado (tem que saber argumentar e convencer a pessoas), experiência prática (eu fiz ou eu vi, vale mais que mil livros lidos), gostar de gente (de verdade, gostar de estar com gente, olhar para o grupo e acreditar nele), capacidade de inovação e criação para as necessidades reais do grupo (fazer sempre diferente, adaptar sempre copiar só nunca), humildade para assumir erros, e muito cuidado no preparo do trabalho (cuidar de detalhes, se precaver, ter sempre um plano b, etc.), percepção aguçada e flexibilidade para mudar tudo que planejou na hora se for o melhor para o grupo, e nunca achar que seu trabalho já está bom, estudar o tempo todo, aprender com outros e principalmente com seus grupos.

## 3. Há momentos na vida em que estamos passando por problemas difíceis, períodos angustiantes. Como é que você lida com essa questão?

Interessante esta pergunta, estava me observando e cheguei a conclusão que de nunca estou "mal" em meus grupos, quando entro em grupo desligo um botão interno e fico inteira naquele momento, é incrível mais e como se não existisse mais nada. Meus piores dias se transformaram em bons quando tinha grupo. Outros aspectos do trabalho as vezes me incomodam como; vender grupos, preparar material, etc, mas estar com o grupo é sempre muito prazeroso, momento de recarregar as baterias, quando dou o melhor de mim, sempre vale muito a pena. ainda bem, meu trabalho é minha fonte de realização.

4. Uma imagem para descrever seu trabalho como focalizador.

Me ocorreu o processo de fotossíntese - entra gás carbono e sai oxigênio para os dois lados - participante e focalizador - é sempre uma troca onde o resultado é mais puro e benéfico. Gera vida - crescimento.

### **Focalizador 2 – Entrevistado 2 (E2): O Buraco Branco.**

1. Como você diferencia ser focalizador, ser facilitador e ser terapeuta? O que você considera importante ressaltar em relação a esses três termos?

O facilitador facilita processos de aprendizagem. O terapeuta trata com processos de cura. Já o focalizador, focaliza a energia do grupo para que este atinja um determinado objetivo. É importante perceber que um focalizador pode ser facilitador se estiver trabalhando com educação, pode ser terapeuta se estiver trabalhando com cura, pode ser um chefe de cozinha se estiver trabalhando com culinária, etc... Mas nem todo facilitador, terapeuta ou chefe é um focalizador, pois para isto é necessário ter consciência e saber atuar no plano energético do grupo.

2. Como é para você ser focalizador?

Eu acho que ser focalizador é viver o máximo possível com consciência dos quatro planos (físico, emocional, mental e espiritual). Eu me percebo tentando manter esta consciência e atuar conscientemente nos quatro planos o maior tempo possível. Creio que me percebo como alguém que tenta sempre viver de uma maneira sistêmica, isso e mais a vontade de trabalhar com grupos me tornam focalizadora.

3. Há momentos na vida em que estamos passando por problemas difíceis, períodos angustiantes. Como é que você lida com essa questão?

Acho que precisa saber separar bem as coisas. Além disto, meu trabalho me coloca em um outro estado de consciência em que eu esqueço os problemas particulares e coloco o foco no grupo. Na verdade, se trata de saber onde focar a sua própria energia. Eu nunca estive tão fora de centro que não conseguisse fazer isto em uma situação profissional, só em situações particulares... rrsrs...

4. Uma imagem para descrever seu trabalho como focalizador.

Acho que a minha metáfora é a do buraco branco, que traz elementos de outras dimensões e lugares do espaço para onde está.

### **Focalizador 3 – Entrevistado 3 (E3): O pai segurando a mão do filho.**

1. Como você diferencia ser focalizador, ser facilitador e ser terapeuta? O que você considera importante ressaltar em relação a esses três termos?

Meu olhar para esta questão é observar que o Terapeuta tem suas atribuições focadas nos processos somáticos e que busca analisar, evidenciar e ajudar num desenvolvimento de consciência, buscando restabelecer a saúde das pessoas envolvidas neste tema. O facilitador, já como o próprio nome nos sugere, apresenta-se como um personagem que antecipa alguns processos e possibilita que o caminho ao qual eles tenham que tomar, se torne mais acessível e ao alcance. Já o Focalizador, tem a responsabilidade de ajudar a ajustar o foco de um determinado processo. Mais do que tornar o caminho mais fácil, o focalizador lhe ajuda a compreender a caminhada e perceber as mais diversas possibilidades de caminhos a serem tomados. O que fica impresso em mim sobre esta questão e que vale ressaltar sobre os 3 personagens, é que o Terapeuta apresenta-se como um grande focalizador, propondo uma nova maneira de olhar dentro de si mesmo e automaticamente com o grupo ao qual convive, O focalizador por sua vez, não tem as competências do terapeuta em

diagnosticar e propor ações de melhoria que levem ao restabelecimento de um processo somático, mas, se apresenta com olhos profundos a problemática, evidenciando com clareza os pontos de desencontros e mostrando de forma sutil, caminhos que podem levar a soluções, sempre deixando as escolhas para os envolvidos no processo. Vejo o terapeuta muito mais técnico na resolução de um problema e o Focalizador muito mais Educador no caminho a ser tomado para a problemática em questão. Dentro desta concepção, observo o facilitador em alguns momentos dentro das atribuições do Terapeuta, bem como, do Focalizador. Se eu enxergá-lo somente como um personagem isolado, acredito que tenha pouca relevância na construção da resolução de um problema. É como se ele apenas facilita-se o caminho, mas não se envolve-se com ele.

## 2. O que é para você ser focalizador?

Acredito que focalizador é antes de tudo um Educador que procura se envolver com a caminhada e mostrando as possibilidades que cada uma trás. É sem dúvida aquele que propõe a construção ética de um determinado processo e celebra junto à conquista dos valores que esta construção possibilita. É assim que me percebo, realmente como um educador, vivendo intensamente para os processos que me são atribuídos, e procurando colaborar nos processos de construção em grupo e possibilitado uma reflexão sobre uma consciência colaborativa.

## 3. Há momentos na vida em que estamos passando por problemas difíceis, períodos angustiantes. Como é que você lida com essa questão?

Observo o trabalho do focalizador como uma grande troca do que ele trás para o grupo e o que o grupo lhe devolve. Percebo que a cada encontro com os grupo aos quais trabalho, ao final carrego fardos que não são meus, e que com certeza me sobrecarregam e somatizam com outras rotinas particulares. No entanto, também vejo o trabalho do focalizador (Educador) com grande doação. Se entregando de corpo e alma para um processo que não é seu. É uma responsabilidade muito grande, e para que isso ocorra de

forma saudável é necessário filtrar estes processos diariamente e somente desta forma as pessoas e você poderão beber de uma água sem contaminações. Ou seja, é preciso se purificar dos pré-conceitos e estar aberto e compreensivo as diversas formas de olhar para os mesmos problemas. Percebo esta sensação a cada finalização de um trabalho, onde me sinto extremamente cansado e sugado e ao mesmo tempo com uma sensação de leveza com a certeza de ter contribuído para o processo.

4. Uma imagem para descrever seu trabalho como focalizador.

Com certeza tenho várias imagens que possam expressar e descrever o trabalho do focalizador, Todas elas se relacionam com o perfil do educador e automaticamente com doação. enxergo o trabalho do focalizador/educador como uma grande missão de doação e muitas vezes de renúncia. A imagem que me vem a cabeça é de um pai segurando a mão de um filho. Um exemplo claro do focalizador, que se doa de corpo e alma, renuncia a muitos desejos próprios e se esforça incessantemente para mostrar os caminhos e suas possibilidades. Isso é ser Pai, isso é ser Educador, isso é ser focalizador.

**Focalizador 4 – Entrevistado 4 (E4): A Caminhada**

1. Como você diferencia ser focalizador, ser facilitador e ser terapeuta? O que você considera importante ressaltar em relação a esses três termos?

Eu participo de duas conceituadas escolas do novo paradigma. A U. e o P. Nestas duas instituições recebi formação e me tornei facilitador. É como se denomina, nesses lugares, o profissional que trabalha com grupos. É o que eu faço. Tanto no P. como na U. o termo focalizador também é usado correntemente, neste caso, para designar o indivíduo que está responsável por alguma tarefa onde se busca um resultado. Por exemplo, recentemente atuei

como focalizador do desenvolvimento da nova imagem visual – logo marca folheteria e site - do P. Nos nossos encontros, também escolhemos pessoas para focalizar a agenda, o ritmo, a alimentação, os recursos pedagógicos, a memória e outros aspectos necessários à boa preparação e desenvolvimento do encontro. Na U., nas reuniões do Conselho Gestor, se escolhe o focalizador da reunião, do coração – focaliza a amorosidade da reunião - além da secretária. Na minha compreensão e experiência a focalização está relacionada a questões práticas onde há necessidade de um responsável para realização, alcance de objetivo. No caso do focalizador não significa que ele fará sozinho, significa que ele tem o foco para que o pretendido aconteça, mesmo que para isso tenha que contar com a cooperação de outras pessoas. Já o facilitador, no meu entendimento, é o profissional experiente e qualificado, apto a lidar com grupos. É um profissional que domina diferentes procedimentos e processos que, dependendo da situação lança mão para impulsionar o grupo. Quanto ao terapeuta é o profissional habilitado a tratar, por diversas abordagens problemas físicos, emocionais e mentais das pessoas. Há também algumas abordagens terapêuticas que atendem grupos como a Terapia Comunitária.

## 2. O que é para você ser focalizador?

Eu, enquanto facilitador, me percebo como uma pessoa interessada no próprio desenvolvimento e no das outras pessoas. Um profissional que facilita processos que levam as pessoas a se reconhecerem como indivíduos únicos, preciosos, poderosos e que ao se sentirem assim possam transformar-se em agentes de mudanças pessoais e sociais. Co-criadores de uma nova realidade pessoal e social. Capazes de transformar o ambiente onde vive e atua. Ou seja, penso que é possível transformar o mundo a partir de mim e de cada um. E nesse processo vou cambiando com todos e todas, aprendendo e trocando experiências.

Ser facilitador é contribuir para a ampliação da consciência das pessoas.

Penso que a coerência é essencial para o sucesso do trabalho. Os casos e exemplos vividos pelo facilitador são matéria prima ao trabalho. O alinhamento entre o pensar, o sentir e o agir não pode ser simplesmente retórica.

O facilitador tem a responsabilidade de criar o ambiente favorável ao desenvolvimento do trabalho de maneira que o grupo se sinta protegido e seguro para se entregar ao que for proposto.

Acredito também na sabedoria grupal como a melhor maneira de resolver problemas complexos. O diálogo é uma ferramenta poderosa para intercambiar pontos de vista.

A bio-psico-intelecto-diversidade é a garantia de que todos e cada um têm algo único a contribuir ao grupo e aos processos.

O uso de metáforas é rica para trazer a compreensão sobre questões complexas, na medida em que ela toca em níveis arquetípicos. Tudo próprio à ensinagem andragógica.

3. Há momentos na vida em que estamos passando por problemas difíceis, períodos angustiantes. Como é que você lida com essa questão?

Eu procuro me manter física, emocional e mentalmente equilibrado, sempre. Em especial nos dias de trabalho procuro fazer uma alimentação frugal, leve e equilibrada aliado a uma atividade física moderada como caminhadas e meditação. A conexão com os níveis sutis também é indispensável buscando proteção e inspiração. Sempre procuro chegar no local de trabalho com antecedência e faço uma harmonização pessoal e com o inteiro ambiente.

Quando não estou bem busco o recolhimento, o relaxamento e a meditação.

4. Uma imagem para descrever seu trabalho como focalizador.

Minha metáfora é a da caminhada. O facilitador caminha lado a lado com todos do grupo. Estes por sua vez precisam fazer o movimento, o esforço. Precisam querer viver a experiência. O facilitador tem o mapa mas a experiência se faz no território no caminhar de cada um. O caminho é o mesmo mas a experiência é individual e única.

## **Focalizador 5 – Entrevistado 5 (E5): O Maestro**

1. O que é para você ser focalizador?

Acho que tenho habilidades na promoção do diálogo, também acho que leio bem situações problema e tenho alguma habilidade em escolher acertadamente uma forma para explorar a tal situação. Mas acho também que o meu leque de instrumentos para oferecer a um grupo é muito reduzido, isso somado à falta de experiência me fazem insegura para exercitar mais a focalização de grupos. Hoje gosto de usar as danças circulares e os Jogos cooperativos como instrumentos na focalização de grupos. Sonho encontrar uma forma criativa de associá-los à CNV e assim incrementar as reflexões e aprendizados do grupo. Ser focalizador para mim tem a ver com clareza de objetivos – o que esse grupo quer fazer juntos; clareza de método – qual a melhor forma para este grupo alcançar o objetivo; tranqüilidade para lidar com o grupo e uma forte ligação com o propósito pessoal – porque faz sentido na minha história de vida ser focalizador. O que caracteriza um focalizador? Dois exemplos extremos de focalizadores chamam muito a minha atenção: primeiro o focalizador que não chama atenção alguma sobre si – sabe muito bem como manejar o grupo, tem objetivos claros e trabalha de forma que o grupo tende a crer que fez tudo sozinho. Chamo esse focalizador de maestro. É óbvio a sua importância apesar de não tocar instrumento algum! O outro chamo de show man/woman, parece ser a banda inteira. Esse tipo de focalizador tem uma luz absurdamente atraente e ao contrário do anterior, parece que as coisas só funcionam quando ele está por perto. Proporciona a sensação de experiência única para o grupo, muita emoção... felicidade. Esse facilitador em geral se doa muito para o grupo, se põe muito vulnerável, se entrega ao grupo.

2. Há momentos na vida da gente em que estamos passando por problemas difíceis, períodos angustiantes. Como é que você lida com essa questão?

Hummm... perguntinha difícil. Em geral eu fico mal um pouquinho antes de focalizar uma atividade:acho que não vai dar certo, que não vou fazer bem,

que precisava ter me preparado mais. No passado isso me imobilizava... e aí a profecia se realizava: eu não conseguia fazer, não fazia bem... Hoje em dia me cerco de alguns cuidados que me ajudam a não me boicotar ou cair nas armadilhas:

- Conto o que vou fazer para pessoas de quem gosto e que gostam de mim – hoje sei que o apoio delas é fundamental;
  - Compartilho as minhas idéias – aprendi que as pessoas podem gostar e que oferecer sugestões para melhorar a atividade... o que a enriquece muito;
  - Me comprometo – faço um acordo comigo mesma do que e como gostaria de fazer;
  - Me compreendo – procuro ouvir os medos com atenção ao invés de escondê-los embaixo do tapete
  - Me perdôo – é bem provável que não fique perfeito, que minha voz trema, que eu erre ou esqueça um detalhe importante... Mas vamos olhar também pro que deu certo?
  - Peço ajuda! – Isso funciona sempre – fazer junto dá mais certo e é mais prazeroso;
3. Uma imagem para descrever seu trabalho como focalizador.

A imagem do Maestro me satisfaz.

### **Focalizador 6 – Entrevistado 6 (E6): O Furacão**

1. Como você diferencia ser focalizador, ser facilitador e ser terapeuta? O que você considera importante ressaltar em relação a esses três termos?

“Ser Focalizador” é aquela pessoa que está com o foco, com o grupo, mantendo a energia do grupo, fazendo as intervenções necessárias e seguindo no desenvolvimento de seu trabalho, cuidando do grupo e do andamento da aula.

“Ser Facilitador” é aquela pessoa que facilita a aprendizagem de um grupo.

“Ser Terapeuta” é aquela pessoa que segue uma linha dentro da Psicologia para atuar frente a seu paciente. Ela apóia, faz suas intervenções em momentos bem pontuais, instiga seu paciente, mexe com suas inquietações e se mantém fora do foco. Não se envolve com o paciente. O que eu considero importante... As duas situações (focalizador e terapeuta) te coloca para pensar... Faz você ir lá dentro de você, entrar em contato com algumas questões íntimas... O terapeuta provoca para que isso aconteça, o focalizador ajuda a estas situações aparecerem naturalmente, pois eu acredito que quando uma pessoa participa de um grupo e tem um processo delicado, é porque ela já estava neste processo antes, o facilitador não induziu como um terapeuta pode fazer, entende?

2. O que é para você ser focalizador?

Me percebo segura, sabendo o que eu vou fazer no começo, meio e fim. Não me envolver com o grupo pessoalmente, me colocar sempre pessoalmente. “Ser focalizador” é ter a percepção do que irá acontecer, ter segurança naquilo que irá abordar, saber lidar com um grupo (liderar com). Uma característica do focalizador deve ser de uma pessoa normal no grupo, sem “estrelismo”, mostrar quem realmente é. Assumir que não sabe alguma coisa... Acho que é isso!

3. Há momentos na vida da gente em que estamos passando por problemas difíceis, períodos angustiantes. Como é que você lida com essa questão?

Muito particular, procuro ser eu mesma sempre! Sei que terá momentos em que vou errar e sei que é através deste trabalho, errando e acertando, que irei crescer e poder viver a Cooperação da melhor forma possível. O que eu quero dizer com isso, Não conseguiria ser informal, por outro lado também não posso deixar me levar sempre. Em muitas vezes, faço o meu trabalho e quando me vejo, já me envolvi porque gosto muito do que eu faço e meu humor pode se alterar e meu estado de espírito melhorar bastante. O ideal é não se envolver e desenvolver um trabalho bem feito.

4. Uma imagem para descrever seu trabalho como focalizador.

Me ocorre uma imagem de um furacão, em alguns momentos vem a turbulência em outro momentos o entendimento e a calma. O Caos e a ordem... Uma imagem que arruma e desarruma... Aprendizagem e assimilação. Algo assim!

### **Focalizador 7 – Entrevistado 7 (E7): O átomo.**

1. Como você diferencia ser focalizador, ser facilitador e ser terapeuta? O que você considera importante ressaltar em relação a esses três termos?

Focalizador pra mim é aquele que cuida do foco, ajuda a sustentar o que está em questão, o foco de alguma coisa. Facilitador ta mais ligado, acho que tem uma correlação assim com processos, não sei dizer o que é esse termo facilitador, o que é esse termo focalizador, mas pra mim o focalizador está mais ligado a sustentação do foco, aquele que mantém o foco, que sustenta o foco e facilitador aquele que permite que as coisas aconteçam, que facilita que os processos se dêem, que as aprendizagens aconteçam, com que o ambiente, ele possa estar sendo construído. Terapeuta eu acho que não saberia dizer, me vem alguma coisa mais ligada a cura. Associando uma coisa a outra, o facilitador, ele pode facilitar processos de cura... to tentando fazer correlação de um com outro... Terapeuta, ele pode facilitar, é vice e versa também, o focalizador, trazendo para esse contexto da cooperação, vai focalizar aprendizagens, vivências, vai sustentar que as pessoas se mantenham nesse tema que é cooperação, se alguém começa a tratar sobre bolinha de gude, meu papel é manter, nosso tema aqui é cooperação, então eu vou com essa intenção de trazer sempre porque que a gente está reunido aqui, por isso que focalizador tem que se importar em sustentar o foco, porque a gente está aqui? Estamos aqui para conversar sobre cooperação, nosso foco é viver a cooperação, nosso foco é trabalhar cooperativamente, então é um propósito de

fato, um propósito claro, meu papel na focalização é sustentar esse propósito. E o facilitador, na verdade ele tem o papel de... pensando na relação de um com o outro, ele não tem muito assim uma coisa como a sustentação do foco, porque o foco, o foco ele vai ser concebido pelo próprio grupo, então o facilitador, ele está ali mais a serviço do que vier, seja lá o que for, se fosse fazer uma correlação direta com o foco, é sustentar que o foco apareça, eu vejo muito mais na figura do facilitador, um servidor, eu to aqui a serviço do que o grupo quiser, ele facilita processos, vamos dizer assim, e o focalizador já tem mais uma coisa clara de sustentação, embora eu ache que num trabalho pode haver combinação desses dois elementos, acho até bom, em muitos momentos ele se dá, a presença dessa pessoa que ta cuidando de processo de grupo, pode ser muito mais no sentido de estar facilitando as coisas e ao mesmo tempo uma combinação de sustentar algo que ele próprio quer. Acho que é isso. Eu nunca tinha parado pra pensar a esse respeito, não tinha muita clareza sobre esses dois termos, é interessante. Do terapeuta ...nada.

## 2. Como é para você ser focalizador?

Então, me agrada mais a idéia do facilitador, eu me vejo mais como um facilitador do que como um focalizador, porque me traz essa idéia de que a construção é feita pelo grupo, um focalizador me traz uma idéia ainda de que a coisa ta muito na minha mão, de sustentar alguma coisa, embora elas tenham uma certa similaridade, mas, sei lá, a idéia de um facilitador de que facilita que as coisas aconteçam, de que a coisa não ta na minha mão, de que está no grupo, ela me agrada mais e é nessa idéia que eu viajo, que eu entro, quando eu to ali vendo um processo de grupo. Talvez venha primeiro a idéia de facilitar alguma coisa e que algum foco seja construído e que isso seja comum e aí alguém cuida desse foco e aí sim entra a figura do focalizador, ela me agrada mais assim. Então talvez esteja uma coisa ordenada: primeiro facilita o processo, o foco está aqui, e o focalizador vem com essa coisa do guardião. Eu me percebo servindo, isso me traz uma idéia de completa incerteza, de não saber pra onde a coisa vai, e ao mesmo tempo me percebo entregue, porque como eu não sei pra onde vai, o que vai acontecer e que vai ser uma construção feita por todo mundo, esse é o maior desafio, de ter alguma coisa

na minha mente, na minha idéia e ao mesmo tempo ser um processo onde a idéia de cada um vai estar sendo vivida e vai sendo construída eu não sei pra onde vai dar isso daí. Então eu me sinto entregue ao grupo, me percebo servindo, e me percebo também aprendendo, nesse ciclo contínuo. E características do servidor, que está a serviço do grupo e não o grupo ao seu serviço, não são as pessoas que tem que ir ao encontro do que ele vai dizer, ou qual é a direção que ele vai traçar e tudo mais, o maior desafio é aprender a fazer isso, é construir e parto do princípio de que as pessoas já sabem cooperar, já ta tudo ali né, o que portanto, quanto eu menos atrapalhar melhor, e que o meu papel é mesmo só constatar isso com todo mundo, nós já sabemos. Então, quanto mais isso ficar em evidência melhor, eu tenho isso como princípio, eu parto desse princípio, então eu percebo assim.

3. Há momentos na vida em que estamos passando por problemas difíceis, períodos angustiantes. Como é que você lida com essa questão?

Primeiro eu confio muito no grupo, e eu de alguma forma eu confio que aquela honestidade comigo mesmo, e abri, quando eu não estou bem eu digo gente, oh, eu to sentindo isso, isso e isso, alguma coisa que eu to vivendo, eu compartilho as experiências, imagino que cada um também vai ser, de alguma forma se inspirar também viver isso, de forma mais aberta. Nem sempre a gente ta bem, nem sempre a gente ta feliz, nem sempre também a gente ta ruim, então é viver o momento. O momento é esse e vamos seguir, é isso aí, né. E isso é vivo, pra mim isso é vivo, eu já fiz processos de focalização, facilitação de trabalhos onde eu tava muito mal e foi o trabalho maravilhoso e eu saí super bem, e já entrei em trabalhos que eu estava super bem, confiante, feliz e quando a coisa se deu eu saí puto, saí acabado. Então não tem uma regra no meu entender, eu entrei, ta vivendo ali, ta vivo, é essa entrega e a incerteza, não sei como é que vai dar. E acredito, e confio muito assim que a abertura minha do focalizador, do facilitador sempre aberto a compartilhar suas fraquezas, suas forças, suas fortalezas, suas oportunidades, ameaças, enfim, aquilo que for, ela pode encorajar o grupo a viver isso e reconhecer que isso é presente a todo o tempo e a gente aprender junto com isso e conforme a gente vai vivendo as coisas a gente vai percebendo isso e isso pode ser também um

exemplo. Uma vez eu participei com uma menina, e ela foi muito especial porque ela foi um exemplo pra mim mesmo, acho que nesse sentido, ela estava com febre, ela era do México, quando falava tinha dificuldade de compreender algumas coisas específicas, era a primeira vez que ela estava vindo ao Brasil, e ela estava co-focalizando com uma pessoa um grupo de pessoas que também era do mundo inteiro, falavam quatro línguas diferentes, e naquele dia a pessoa que estava focalizando junto com ela, ficou doente também e não pôde ir, e ela assumiu pra ela, dizendo: \_ Você pode deixar que eu vou lá e eu seguro a onda. E ela foi, segurou a onda, doente, com febre, mas ela foi brilhante. Quando chegou no final do dia e eu encontrei com ela, na hora que eu encontrei com ela e dei um abraço nela, ela desmontou, ela chorou, ficou mal, e foi pro quarto, ficamos um mês juntos com o grupo de sessenta pessoas. E aí, eu naquele momento, percebi que a maior fortaleza dela estava justamente na vulnerabilidade, porque eu vi uma força, quando ela chorou, quando eu percebi: \_ puta, ela é de carne e osso e isso que coisa fantástica, então isso me conectou com ela, e eu acredito que essa abertura que ela deu pra se mostrar mesmo pra se abrir, ela é uma virtude, gigantesca, e onde eu quero viver mais isso, não importa se eu estou facilitando se eu sou um aluno se eu sou o diretor de uma organização, eu quero ser eu mesmo. E acho que é esse exercício da facilitação da focalização que permite que as pessoas sejam quem são, e essa inspiração é onde eu me conecto com as pessoas, é isso que me dá tesão de fazer alguma coisa e perceber que não tem fronteiras, os papéis eles são feitos na minha cabeça, mas na medida que eu vou desfazendo isso, eu vou percebendo as pessoas ali.

#### 4. Uma imagem para descrever seu trabalho como focalizador.

Eu vejo a figura de um átomo, acho que os processos de grupo, primeiro essa coisa do facilitador é uma pessoa que ta ali no grupo, ele ta vivendo tudo aquilo ali junto com o grupo, ensinando, aprendendo com cada um, e ultimamente eu tenho reconhecido essa figura do átomo como um elemento vivo. Tem horas que a gente vai mais lá pra próximo do centro, tem horas que ele vai um pouco mais afastado, tem hora que ta junto com o outro, tem hora que ta puto, tem hora que ta feliz, tem hora que ta triste, tem hora que ta de

saco cheio, e ta ali, é viva a coisa. Então eu acho que essa figura do átomo ultimamente tem me dado muito essa percepção, ao mesmo tempo que tem um núcleo que ta ali no centro, nesse caso da pós de jogos cooperativos ou cooperação, no outro lá é simplicidade, pro outro é ética, tem um núcleo e a gente vai orbitando em torno desse núcleo, tem hora que eu to mais conectado ali com o centro, tem outras que eu já estou mais afastado e eu vou percebendo esses elétrons, prótons, tudo ligado nesse centro, essa é a imagem que tem me deixado mais presente nessa visão.

### **Focalizador 8 – Entrevistado 8 (E8): O arqueólogo e o acendedor de lamparinas.**

1. Como você diferencia ser focalizador, ser facilitador e ser terapeuta? O que você considera importante ressaltar em relação a esses três termos?

Além das diferenças tem uma coisa que é comum, tem muitas diferenças e muitas semelhanças também, trazendo para a experiência que eu tenho vivido, o que tem de comum é que tanto terapeuta, como focalizador e facilitador tem o foco no desenvolvimento da pessoa como essência. Então esse seria o propósito que eu vejo que é comum entre esses três papéis. Fazer aquilo que a pessoa é, desabrochar cada vez mais plenamente, na linguagem dos jogos cooperativos seria essa busca pelo VenSer quem eu sou. As diferenças são muito tênues, procurei localizá-las em três idéias: a do terapeuta de um modo geral, mesmo dentro da psicoterapia, tem muitas abordagens, o papel do terapeuta, o foco dele para esse desenvolvimento pleno do ser é o da cura, o do facilitador é o da aprendizagem, ele vai facilitar a aprendizagem, o terapeuta cuida da cura e o focalizador tem o foco no despertar, então não é nem facilitar a aprendizagem e nem curar, mas o focalizador tem o papel de permitir que desperte aquilo que está adormecido, e às vezes pode ser uma puta de uma encrenca, outras vezes pode ser uma coisa assim milagrosa, em outras um insight, eu vejo esses três pontos, e eu acho que estão sempre entrelaçados, acho que não dá pra ter uma divisão rígida desses papéis, até

porque são papéis com pessoas por trás deles, os desempenhando em diferentes momentos.

## 2. Como é para você ser focalizador?

Como é que eu me percebo enquanto focalizador, considerando que o papel do focalizador é ajudar a despertar plenamente o ser essencial em cada um, eu como focalizador tô despertando, a mim mesmo, então eu me reconheço cada vez mais claramente nesse caminho de descoberta, focalizando meu próprio processo e me vendo assim como alguém que ta caminhando, devagarinho ta desabrochando, acordando para algumas coisas. Esse seria um primeiro ponto, e que eu acho que pra mim tem a ver com uma das características da focalização que é se perceber como um co- aprendiz, numa relação em que estamos juntos ajudando e dando suporte pra esse despertar pessoal, mas que acontece de uma maneira compartilhada. Eu me vejo como um focalizador que está aprendendo a ser focalizador, despertando pra esse lado que eu sou mais autêntico, mais verdadeiro e que isso é muito recente, só nos últimos momentos dessa minha experiência como focalizador, nesse trabalho é que eu estou percebendo que realmente eu estou me tornando alguém mais verdadeiro, até então eu tinha uma postura, uma maneira muito formal, formal no sentido que, mesmo que inconsciente, mantendo mais a aparência do que me permitindo a manifestação da essência, eu to acordando pra isso. Uma outra característica, além de ser um co-aprendiz, e que tem haver com essa segunda idéia, é como se fosse um parceiro de viagem, o focalizador é alguém que eu posso contar pra caminhar junto comigo num mesmo caminho, e que, embora possamos estar em níveis diferentes do caminho, é um mesmo caminho, então é alguém que com quem eu possa compartilhar, alguém que eu sinta que está por perto, que não é mais nem menos, não ta nem acima nem abaixo, nem pra frente nem pra trás, mas tem uma pegada diferente assim como a minha, então a gente se encontra num determinado ponto desse caminho pra compartilhar essa jornada, (respeitando as diferenças dos passos de cada um)então uma característica da focalização é ser esse companheiro, esse parceiro, e o que eu acho muito difícil, pra mim como focalizador é um desafio, conseguir manter essa abertura

e ao mesmo tempo essa presença no caminho como alguém que está aberto, disponível pra compartilhar a jornada. Outra característica, visto como um dos presentes preciosos que temos pra esse convite da focalização é conseguir a plena presença, eu acho que isso que as pessoas na focalização buscam o tempo todo manifestar, é estar plenamente presente, saber atender os chamados que são essenciais para aquele momento, assim como vários pedidos ao mesmo tempo acontecem no nosso exercício de focalização. A questão não é ficar evitando todos eles, como desligando celular, desligar ar condicionado, retirando pessoas que atrapalham, mas é incluir todos, e saber qual deles nós temos que atender a cada momento, então essa coisa da plena presença, eu sinto que é um atributo da focalização muito valioso e muito desafiador, porque isso implica em estar cada vez mais desapegado dos padrões, das crenças, da programação, do que eu acho que teria que ser bom pra esse grupo, pra essa pessoa, pra mim, estar com tudo isso presente mas desapegado pra poder servir plenamente aquilo que no momento é preciso, que numa maior parte das vezes não é aquilo que eu queria, nem o que você queria nem que a turma queria, mas é o que realmente a gente precisa, e acho que isso vem com essa postura da plena presença.

3. Há momentos na vida em que estamos passando por problemas difíceis, períodos angustiantes. Como é que você lida com essa questão?

Uma primeira coisa que ajuda eu perceber bem essa questão foi quando eu me separei há 5 anos atrás eu já trabalhava com essa questão do jogo cooperativo, da cooperação já há 12 anos e eu me separei, trabalho com cooperação, promovendo comunidade e como é que eu não consigo manter meu casamento, me manter num casamento, com a família, tudo mais, então isso deu uma esburacada na minha vida naquele momento, tanto como pessoa, como profissional, fui pra terapia, e trouxe muito essa coisa, como é que eu posso continuar fazendo esse trabalho, tendo fracassado na minha experiência pessoal. Esse foi um período muito difícil e muito rico, porque eu realmente não conseguia mais trabalhar, eu ia para os lugares, na pós-graduação e em vários outros lugares, e eu não me agüentava ouvir, falar o que eu falava, propor o que eu propunha, era muito vazio pra mim naquele

momento. Até que chegou um ponto que eu tinha decidido, eu vou parar de fazer esse trabalho, não posso mais fazer isso, e compartilhei isso com o terapeuta. Ele já tinha ouvido isso outras vezes e naquele dia ele me disse: \_ (...) talvez seja exatamente pelo fato de você estar vivendo o que você está vivendo que agora você tem autoridade para dizer sobre isso, porque até então você dizia tudo o que dizia, vivendo num mundo da idealização, na tua vida estava tudo certo, tudo normal, e então o seu discurso era um bom discurso, mas um discurso ali sim vazio. Agora talvez você tenha lastro suficiente para compartilhar com as pessoas, doses mais profundas e realistas da vida baseada em cooperação, que não significa uma vida ideal, mas uma vida real. Então eu acho que as crises que eu vivo como pessoa, elas são na prática mesmo, elas são desafios que me fazem checar, se esse é mesmo o caminho que eu quero manter, que não significa que porque está nesse caminho, eu tenho que ser um modelo, e uma referência pronta, definitiva e imutável, a respeito daquilo que eu estou compartilhando. Hoje eu consigo perceber isso dessa outra maneira, que o que eu preciso manter como coerência, é o fato de eu ter escolhido esse caminho, eu escolhi caminhar por ele, por essa trilha da cooperação, e o que significa dizer que eu to descobrindo que eu to aprendendo, e nessa descoberta, eu to vivendo tantas coisas legais como as coisas que não são muito boas, há sombras e luzes nisso tudo. Então, para minha atuação como focalizador, a compreensão de que eu não sou uma pessoa ideal, mas que eu sou uma pessoa real, que tem dores, tem amores, que faz muito mal para as pessoas, que faz muito bem também, tem me ajudado a me compreender mais humano e compreender as pessoas de uma maneira mais humana e aí sim estabelecer uma parceria entre pessoas de verdade, entre pessoas reais, não ideais. Acho que isso é um ponto pra mim, que tem sido bem valioso e que me fez ir num ponto que eu jamais tinha visitado antes de mim mesmo e que nem queria reconhecer, e que hoje por ter feito essa visita, eu sou capaz, embora não consiga completamente, de compreender mais compassivamente as pessoas, quando mergulham nas suas sombras, nos seus traumas, nas suas resistências, e que antes eu via como adversários, como estar trazendo isso para um universo tão luminoso como a cooperação propõe, mas na verdade, essa luminosidade, só é completa mesmo quando inclui todas essas outras faces. E para eu perceber isso no

trabalho, nas pessoas, eu tive que viver isso em mim. Isso foi uma coisa bem valiosa.

#### 4. Uma imagem que descreve seu trabalho como focalizador.

Já me ocorreram algumas ao longo do tempo. Uma que ficou muito presente e que ilustrava pra mim o papel do focalizador, era como um arqueólogo que entra numa caverna escura e sabe que ali tem muitos tesouros, mas por estar escura ele não enxerga nada, mas por ele saber ele se mantém ali até que um feixe de luz vai iluminando paredes e as profundezas da caverna e vai trazendo a luz aquilo que ele já sabe que tem, as pessoas que entram na caverna sem essa compreensão da focalização, elas podem entrar, ter coisas fantásticas ali, mas por não verem, elas não vivem e não acreditam que podem viver, saem da caverna do mesmo jeito que entrou. Essa é uma imagem que me acompanhou durante algum tempo. E uma imagem mais atual que tem surgido pra mim é, sabe antigamente nas ruas, não tinha luz elétrica e tinha aqueles postes com velas e o vidro com o lampião, e tinha uma pessoa que era responsável por caminhar pelas ruas e acender as velas, ela acendia a vela e iluminava aquela parte do caminho, e as pessoas que estavam naquela parte do caminho, viam o caminho e a si mesmas melhor, inclusive ele próprio e ia caminhando e acendendo outras luzes e vários, como ele, na cidade faziam isso. Hoje pra mim, essa imagem é um pouco mais atual que representa esse papel do focalizador de acender luzes pelo caminho pra iluminar seu próprio caminho e o caminho das pessoas que estão por ali e assim podem compartilhar o caminho.

## 5.2 Explicitando significados nos discursos

Apresento nesse momento as interpretações dos discursos dos Focalizadores.

Ilustrarei primeiramente o quadro de unidades significativas referentes ao trabalho dos entrevistados com a focalização de grupos. Unidades de

significados são os sentidos gerais captados nos discursos. Estas unidades não foram construídas antes das entrevistas, portanto mostram o que foi colhido daquilo que apareceu nos depoimentos dos oito focalizadores que aceitaram participar dessa pesquisa.

Posteriormente passarei a interpretação dessas unidades, onde aproximarei as reflexões dos profissionais de uma maneira única, própria de cada entrevistado.

Considero importante salientar que essa análise em relação ao ser focalizador, pretende apenas aproximar os sentidos dados as experiências e não em quantificar ou criar probabilidades.

### 5.3 QUADRO DE UNIDADES SIGNIFICATIVAS

**Questão 1: Como você diferencia ser focalizador, ser facilitador e ser terapeuta? O que você considera importante considerar em relação a esses três termos?**

<b>UNIDADES SIGNIFICATIVAS</b>	<b>E1</b>	<b>E2</b>	<b>E3</b>	<b>E4</b>	<b>E5</b>	<b>E6</b>	<b>E7</b>	<b>E8</b>	<b>Total</b>
1. Facilitador e focalizador com atuações em comum.	X	X	X	X			X	X	6
2. Facilitador ministrando processos de aprendizagem.	X	X				X	X	X	5
3. Facilitador e focalizador como possuidor de conhecimento técnico, porém que constrói o processo a partir das experiências e conhecimentos dos participantes.	X		X	X			X	X	5
4. Focalizador/ facilitador contribuindo para ampliação da consciência das pessoas.	X		X				X	X	4
5. Atuação do terapeuta mais pontual e profunda.	X		X						2
6. Focalizador/ facilitador atuando terapeuticamente quando promovem uma re-significação de diversos valores na vida das pessoas.	X		X					X	3
7. Focalizador, facilitador e terapeuta com atuação de permitir uma construção conjunta, relato de experiências pessoais, descoberta de novos caminhos, e os três sendo parte do processo.	X		X				X	X	4
8. Terapeuta trata com processos de cura.		X	X	X			X	X	5
9. Focalizador, focaliza a energia do grupo para que este atinja um determinado objetivo.		X	X	X		X	X		5
10. Focalizador podendo trabalhar com processos de cura como o terapeuta.		X						X	2
11. Focalizador como alguém com consciência e com conhecimento para atuar no plano energético do grupo.		X							1

### 5.3 QUADRO DE UNIDADES SIGNIFICATIVAS

**Questão 1: Como você diferencia ser focalizador, ser facilitador e ser terapeuta? O que você considera importante considerar em relação a esses três termos?**

<b>UNIDADES SIGNIFICATIVAS</b>	<b>E1</b>	<b>E2</b>	<b>E3</b>	<b>E4</b>	<b>E5</b>	<b>E6</b>	<b>E7</b>	<b>E8</b>	<b>Total</b>
12. Facilitador como alguém que antecipa alguns processos, possibilitando melhor acesso ao caminho.	X		X				X		3
13. Focalizador cuidando do foco do grupo, ajudando a compreender a caminhada e ampliando as possibilidades. Foco no despertar.	X		X			X	X	X	5
14. Terapeuta muito mais como um técnico na resolução de um problema.			X			X			2
15. Focalizador como um educador.	X		X			X			3
16. Terapeuta apóia, faz intervenções em momentos bem pontuais, instiga seu paciente, mexe com suas inquietações e não se envolve com o paciente. Se mantém fora do foco.						X			1
17. Terapeuta provoca o contato com questões íntimas, o focalizador ajuda essas questões aparecerem naturalmente.						X			1
18. Focalização relacionada com questões práticas, onde há a necessidade de um responsável para a realização, alcance de objetivo.		X		X			X		3
19. Facilitador como profissional experiente e qualificado, apto a lidar com grupos. Domina diferentes procedimentos e processos para impulsionar o grupo.				X					1
20. Focalizador, facilitador e terapeuta tendo o foco no desenvolvimento da pessoa como essência.	X		X				X	X	4
21. Os três papéis estão correlacionados.								X	1
22. Focalizador tem o papel de permitir que desperte aquilo que está adormecido.						X		X	2

### 5.3 QUADRO DE UNIDADES SIGNIFICATIVAS

**Questão 2: Como é ser Focalizador para você? O que caracteriza o ser focalizador?**

<b>UNIDADES SIGNIFICATIVAS</b>	<b>E1</b>	<b>E2</b>	<b>E3</b>	<b>E4</b>	<b>E5</b>	<b>E6</b>	<b>E7</b>	<b>E8</b>	<b>Total</b>
1. Ter domínio técnico do assunto com profundidade.	X								1
2. Fazer as interferências no momento certo. Ler bem situações problemas, escolhendo acertadamente a forma para explorá-la.	X				X				2
3. Capacidade ampla de comunicação (se fazer entender em diferentes níveis). Utilizar o diálogo para intercambiar pontos de vista.	X	X		X	X				4
4. Ter poder de influência aguçado.	X					X			2
5. Ter experiência prática e não só teórica sobre o que vem sendo tratado. Os casos e vivências são matéria prima ao trabalho.	X			X					2
6. Gostar de gente, de estar com gente, vontade de trabalhar com grupos. Interessado em desenvolvê-las.	X	X		X					3
7. Olhar para o grupo e acreditar nele. Na sabedoria do grupo	X			X		X	X	X	5
8. Capacidade de inovação e criação para as necessidades reais do grupo.	X								1
9. Humildade para assumir erros. Mostrar-se vulnerável.	X				X	X			3
10. Criar o ambiente favorável, para que o grupo se sinta protegido e seguro para a entrega à proposta. Tranquilidade para lidar.	X			X	X				3
11. Percepção para o grupo. Poder está no grupo.	X			X	X		X	X	5
12. Estudar o tempo todo. Interessado no próprio desenvolvimento, no seu próprio desabrochar.	X			X				X	3
13. Estar aberto para aprender com os outros e com os grupos que trabalha.	X			X			X	X	4

### 5.3 QUADRO DE UNIDADES SIGNIFICATIVAS

**Questão 2: Como é ser Focalizador para você? O que caracteriza o ser focalizador?**

UNIDADES SIGNIFICATIVAS	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Total
14. Viver o máximo possível com consciência dos quatro planos (físico, emocional, mental, espiritual), atuando neles.		X							1
15. Tentar sempre viver de uma maneira sistêmica.		X							1
16. Mostrar as possibilidades que cada processo traz.			X						1
17. É aquele que propõe a construção ética de um determinado processo.			X						1
18. Possibilitar uma reflexão sobre uma consciência colaborativa. Contribuir para a ampliação da consciência das pessoas.			X	X					2
19. Profissional que facilita processos, que as coisas aconteçam.				X		X	X		3
20. Permite que as pessoas se reconheçam como únicas e preciosas. Ajudar a despertar plenamente o ser essencial em cada um.				X				X	2
21. Permite que o grupo reconheça seu poder de agente de mudanças pessoais e sociais. Já sabem cooperar.				X	X		X		3
22. Acreditar que é possível transformar o mundo a partir de si e de cada um.				X					1
23. Ser coerente. O alinhamento entre o pensar, o sentir e o agir não pode ser simplesmente retórica.				X				X	2
24. A bio-psico-intelecto-diversidade é a garantia de que todos e cada um tem algo único a contribuir ao grupo e aos processos.				X					1
25. O uso de metáforas enriquece, trazendo a compreensão sobre questões complexas, já que toca níveis arquetípicos. (ensinagem andragógica).				X					1



### 5.3 QUADRO DE UNIDADES SIGNIFICATIVAS

**Questão 3: Há momentos na vida em que estamos passando por problemas difíceis, períodos angustiantes. Como é que você lida com essa questão?**

UNIDADES SIGNIFICATIVAS	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Total
1. Meu trabalho é minha fonte de realização, não fico mal quando estou com o grupo. Me coloca em outro estado de consciência que esqueço os problemas particulares.	X	X							2
2. Desligo um botão interno e fico inteira naquele momento. Coloco o foco no grupo.	X	X							2
3. Meus piores dias se transformam em bons quando estou com um grupo.	X								1
4. Trata-se de saber onde focar sua própria energia.		X							1
5. É uma troca do que o focalizador traz e do que o grupo o devolve. Carrego fardos que não são meus que me sobrecarregam nas minhas rotinas particulares.			X						1
6. É necessário filtrar esses processos diariamente, estando aberto e compreensivo para as várias formas de olhar a mesma questão.			X						1
7. O cansaço e a sensação de estar sendo sugado alia-se a sensação de leveza por ter contribuído para o processo.			X						1
8. Procuo manter-me físico, emocional e mentalmente equilibrado sempre. Cuidando da alimentação, atividade física e meditação.				X					1
9. A conexão com níveis sutis também é indispensável, buscando proteção e inspiração.				X					1
10. Quando não estou bem, busco o recolhimento, o relaxamento e a meditação.				X					1

### 5.3 QUADRO DE UNIDADES SIGNIFICATIVAS

**Questão 3: Há momentos na vida em que estamos passando por problemas difíceis, períodos angustiantes. Como é que você lida com essa questão?**

UNIDADES SIGNIFICATIVAS	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Total
11.Ficava mal antes de focalizar uma atividade mediante a insegurança.					X				1
12.Divido e compartilho o que pretendo fazer com pessoas que gosto, elas podem oferecer sugestões que melhorem as atividades, o apoio delas é fundamental.					X				1
13.Me comprometo, faço um acordo comigo mesma do que e como gostaria de fazer..					X				1
14.Me compreendo, procuro ouvir os medos com atenção ao invés de escondê-los embaixo do tapete. Sou honesto comigo mesmo.					X		X		2
15.Me perdôo, é bem provável que não fique perfeito, mas preciso olhar também para o que deu certo.					X	X			2
16.Peço ajuda.					X		X		2
17.Confio no grupo. Compartilho essas experiências com o grupo.							X		1
18.Imagino que o grupo de alguma forma vai se inspirar com isso e viver isso, de uma forma mais aberta.							X		1
19.É viver o momento, pois o processo de focalização é vivo.							X		1
20.Não tem uma regra. É uma entrega na incerteza.							X		1
21.Compartilhar isso com o grupo é confiar na minha abertura como focalizador, aberto a compartilhar fraquezas, forças, oportunidades, ameaças, encorajando o grupo a viver isso e se reconhecer nisso.							X		1







#### 5.4 Aproximando-se dos discursos

“Uma única conversa à mesa com uma pessoa sábia equivale a um mês de estudos nos livros”.

Provérbio chinês

Diante da investigação realizada neste trabalho, ou seja, conhecer o “*ser focalizador*” por meio de um referencial fenomenológico, considero coerente compreender também o material obtido nas entrevistas a partir deste método. Tendo, portanto, como motivação o cuidado de manter uma posição de questionamento frente ao fenômeno estudado. Farei isso, exercendo a liberdade que esse método propõe, no sentido de não ter como obrigação conseguir resultados verificáveis.

Segundo Canello (2007), a fenomenologia tem sido apropriada na fundamentação à pesquisa qualitativa, já que ela convida a uma escuta e uma apreciação, que aparece como uma atitude frente ao discurso coletado. Essa atitude é explicada pelo autor como aquela que permite aos dados falarem por si só e solicita um debruçar-se paciente no que vai aparecendo,

Há de se ter tempo, aproximar-se do fenômeno, suportar o inconcluso, renunciando-se a estabelecer nexos causais imediatistas, e deixar que, da multiplicidade que se apresenta ao pesquisador, surja um todo compreensível, a ponto de ser apreendido pelo sujeito e dito pela linguagem. (p. 37)

Outra consideração importante do autor é perceber que o movimento de compreensão sobre o tema é sempre cíclico, uma vez que a cada olhar sobre o fenômeno, a compreensão pode mudar. Sendo assim, diz que sobre a atitude fenomenológica, “*não se trata de formulação de hipóteses no sentido de perseguir uma confirmação dedutiva, como num modelo mecânico. Trata-se de um re-arranjar os dados em busca de uma compreensão cada vez mais ampla e significativa*”. (p.40)

Portanto, ao formular as questões aos focalizadores, não parti de nenhuma hipótese a ser confirmada ou destruída, mas na expectativa de

encontrar na fala dos entrevistados semelhanças com o que recolhi no material bibliográfico pesquisado.

Ao ler as respostas das entrevistas, procurei apreender o que considerei significativo, tentando ser coerente com o que Canello (2007) alerta,

(...) se quisermos ser fiéis à atitude fenomenológica, é preciso deixar que as unidades de significado 'saltem aos olhos', imponham-se, sabendo que isso ocorre em função da visão prévia do pesquisador, mas também – embora pareça contraditório – por sua disposição de deixar aparecer, na novidade do texto, aquilo que antes não estava previsto. (p.83)

Assumindo então a proposta de atitude fenomenológica darei destaque às unidades significativas que me “saltaram aos olhos”.

## **PARTE I: A primeira questão.**

### **Facilitador e focalizador com atuações em comum.**

Os entrevistados revelaram nas suas falas uma relação muito próxima desses dois termos: facilitador e focalizador. Embora pudessem discernir alguns aspectos que diferenciavam os dois papéis, conseguiam ver no focalizador uma função de facilitador como podemos constatar nas falas abaixo:

*“Sempre me intitulei “facilitadora” no meu trabalho. (...) Penso que algumas pessoas utilizam o termo focalizador com o mesmo significado”. E1*

*“(...) observo o facilitador em alguns momentos dentro das atribuições do Terapeuta, bem como, do Focalizador”. E3*

*“Eu, enquanto facilitador, me percebo como uma pessoa interessada no próprio desenvolvimento e no das outras pessoas”. E4*

*“(...) não sei dizer o que é esse termo facilitador, o que é esse termo focalizador (...) eu acho que num trabalho pode haver combinação desses dois*

*elementos. (...) Eu nunca tinha parado pra pensar a esse respeito, não tinha muita clareza sobre esses dois termos, é interessante”. E7*

*“Além das diferenças tem uma coisa que é comum, tem muitas diferenças e muitas semelhanças também”. E8*

**Facilitador e focalizador como possuidor de conhecimento técnico, porém que constrói o processo a partir das experiências e conhecimentos dos participantes.**

Embora o trabalho do focalizador exija um cuidado de planejamento, ele precisa contar com o grupo, e realizar seu trabalho conjuntamente, contando com os participantes, tecendo algo que reflete as características daquele grupo, naquele momento, contando com o focalizador que ele pode ser ali.

*“Entendo ser esse meu papel, (...) alguém que possui conhecimento técnico de um assunto específico, porém que constrói o processo a partir das experiências e conhecimentos dos participantes. (...) permite construir junto, relatar experiência pessoais, descobrir novos caminhos, fazer parte do processo”. E1*

*“O focalizador (...) se apresenta com olhos profundos a problemática, evidenciando com clareza os pontos de desencontros e mostrando de forma sutil, caminhos que podem levar a soluções, sempre deixando as escolhas para os envolvidos no processo”. E3*

*“No caso do focalizador não significa que ele fará sozinho, significa que ele tem o foco para que o pretendido aconteça, mesmo que para isso tenha que contar com a cooperação de outras pessoas”. E4*

*“(...) ele está ali mais a serviço do que vier, seja lá o que for, se fosse fazer uma correlação direta com o foco, é sustentar que o foco apareça, eu vejo muito mais na figura do facilitador, um servidor”. E7*

*“(...) o focalizador tem o papel de permitir que desperte aquilo que está adormecido, e às vezes pode ser uma puta de uma encrenca, outras vezes pode ser uma coisa assim milagrosa, em outras um insight”. E8*

**Focalizador contribuindo para ampliação da consciência das pessoas e atuando terapeuticamente quando promove uma re-significação de sentido.**

O focalizador, consciente do processo que cada grupo pode iniciar, tem a condição de propor, através da consciência da cooperação, novas formas de olhar para si, para o mundo e para as pessoas. Olhar para a nossa existência, para o rumo que damos a ela, é oportunidade de autenticar nossa história e conquistar a liberdade de manter a mesma direção ou optar por mudar o curso seguido. Esse papel de ampliação do focalizador, permite que seja vislumbrada mais uma vez a fala de Sapienza (2004), em relação ao papel do terapeuta,

Terapia é um pouco isso: oportunidade de o paciente poder olhar, de novo, para o que foi vivido e passou – ou não passou -, para o que é vivido agora, e autenticar tudo como sendo dele, (...) é ocasião de ver que essa é a vida que se realizou, que foi esse o caminho percorrido – mas é um caminho que continua e, o mais importante, pode ir em direções diferentes. Às vezes, isso quer dizer novas escolhas que implicam mudanças radicais. Mas o mais comum é que esse poder ir em outra direção queira dizer: mudar a direção do olhar, poder ver outros significados nos fatos que, em si, continuam os mesmos; poder sentir que, exatamente porque aquela história é especialmente a dele, ele é seu protagonista e cabe a ele trazer elementos novos para ela. (p.23 e 24)

Podemos notar essa contribuição de ampliação do focalizador, talvez não tão pontual como a descrita pela autora, mas presente como uma possibilidade não rara num grupo voltado para a construção da consciência cooperativa. E os entrevistados confirmam:

*“(...) nosso papel é contribuir para ampliação da consciência das pessoas. Penso que a atuação é menos pontual e profunda do que do terapeuta, embora por diversas vezes percebo que as pessoas re-significam diversos valores durante o tempo que permanecem em nossos processos, pois abordamos qualidade de vida pessoal, familiar e profissional”. E1*

*“(...) o focalizador lhe ajuda a compreender a caminhada e perceber as mais diversas possibilidades de caminhos a serem tomados”. E3*

*“(...) um servidor, eu to aqui a serviço do que o grupo quiser, ele facilita processos (...)”. E7*

*“Fazer aquilo que a pessoa é, desabrochar cada vez mais plenamente, na linguagem dos jogos cooperativos seria essa busca pelo VenSer quem eu sou”. E8*

### **Terapeuta trata com processos de cura.**

Essa diferenciação do terapeuta trabalhar com processos de cura apareceu nas falas abaixo:

*“O terapeuta, trata com processos de cura”. E2*

*“(...) o terapeuta tem suas atribuições focadas nos processos somáticos e que busca analisar, evidenciar e ajudar num desenvolvimento de consciência, buscando restabelecer a saúde das pessoas envolvidas neste tema”. E3*

*“Quanto ao terapeuta é o profissional habilitado a tratar, por diversas abordagens problemas físicos, emocionais e mentais das pessoas”. E4*

*“Terapeuta eu acho que não saberia dizer, me vem alguma coisa mais ligada a cura”. E7*

*“(...) o papel do terapeuta, o foco dele para esse desenvolvimento pleno do ser é o da cura”. E8*

### **Focalizador focaliza a energia do grupo para que este atinja um determinado objetivo e com o foco no despertar.**

Na fala dos entrevistados está presente a questão do foco. Esse foco aparece de diversas formas, foco como uma atividade a ser realizada, foco como uma atitude do grupo a ser preservada, foco como algo que precisa ser

descoberto no grupo e, uma vez descoberto precisa ser cuidado, foco como o lugar onde a energia do grupo habita. O focalizador vem com a função de cuidar desse foco, cuidando da energia do grupo para fortalecê-lo e sintonizá-lo na tarefa destinada, cuidando da organização dos participantes, sem necessariamente ordenar, mas estimular a tomada de decisões grupais, cuidando das estratégias que podem favorecer a construção de uma melhor consciência do grupo e do despertar dos participantes.

Verificamos essas considerações abaixo:

*“(...) é o termo que usamos na Integral para todos que “ministram algum tipo de processo”. E1*

*“(...) o Focalizador, tem a responsabilidade de ajudar a ajustar o foco de um determinado processo”. E3*

*“(...) o focalizador, focaliza a energia do grupo para que este atinja um determinado objetivo”. E2*

*“(...) o termo focalizador também é usado correntemente, neste caso, para designar o indivíduo que está responsável por alguma tarefa onde se busca um resultado”. E4*

*“Ser Focalizador’ é aquela pessoa que está com o foco, com o grupo, mantendo a energia do grupo, fazendo as intervenções necessárias e seguindo no desenvolvimento de seu trabalho, cuidando do grupo (...)”. E6*

*“Focalizador pra mim é aquele que cuida do foco, ajuda a sustentar o que está em questão, o foco de alguma coisa”. E7*

*“(...) o focalizador tem o foco no despertar, então não é nem facilitar a aprendizagem e nem curar, mas o focalizador tem o papel de permitir que desperte aquilo que está adormecido”. E8*

### **Focalizador podendo trabalhar com processos de cura como o terapeuta e Focalizador como um educador.**

A cura não apareceu como uma atuação intencionada do focalizador, mas surge como algo que ele pode possibilitar. Algo que aparece gratuitamente dentro do processo. Essa cura pode ser defendida como uma reabilitação do ser, tal como exemplifica Sapienza na citação já mencionada no capítulo 3:

(...) alguém pode ter sua mão impedida de desempenhar suas funções mais essenciais por causa de doenças, de traumatismos. Um cuidado terapêutico tentará fazer com que aquela mão se reaproxime de novo daquilo que ela, na condição de mão, deve ser. Trata-se de devolver a ela, o melhor que pudermos, aquilo que é próprio da mão ou, dito de outro modo, trata-se de devolver a mão ao que ela é destinada. (2004, p.56)

Nos discursos dos entrevistados:

*“É importante perceber que um focalizador (...) pode ser terapeuta se estiver trabalhando com cura”. E2*

*“(...) o focalizador tem o foco no despertar (...) pode ser uma coisa assim milagrosa”. E8*

Outro ponto significativo identificado foi a semelhança do focalizador com o educador. Arendt (1968) traz a questão do educador como alguém que olha a totalidade do mundo, que vê na sua função uma forma de se comprometer com o mundo e com a humanidade, ela diz:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (p.247)

E os entrevistados complementam:

*“Entendo ser esse meu papel no processo de aprendizagem de um grupo (...) fazendo as interferências necessárias para ampliação dos conteúdos. (...) nós desenvolvemos processos educativos, não usamos mais o termo treinamento, nosso papel é contribuir para ampliação da consciência das pessoas”. E1*

*“(...) o Focalizador muito mas Educador no caminho a ser tomado para a problemática em questão. E3*

*“Ser Focalizador’ é aquela pessoa que está com o foco, com o grupo, mantendo a energia do grupo, fazendo as intervenções necessárias e seguindo no desenvolvimento de seu trabalho, cuidando do grupo e do andamento da aula”. E6*

### **Facilitador ministrando processos de aprendizagem.**

A primeira questão da entrevista pretendia esclarecer as diferenças entre os termos facilitador, focalizador e terapeuta, bem como demonstrar a relação entre eles. Ao mesmo tempo que apareceram peculiaridades de cada função, surgiram também similaridades entre elas. O facilitador apareceu como alguém que está ligado à processos de aprendizagem, que sabe lidar com grupos. Como já foi mencionado anteriormente, o papel do focalizador e do facilitador apareceram nas diversas falas co-relacionados.

*“O facilitador facilita processos de aprendizagem”. E2*

*“O facilitador, já como o próprio nome nos sugere, apresenta-se como um personagem que antecipa alguns processos e possibilita que o caminho ao qual eles tenham que tomar, se torne mais acessível e ao alcance”. E3*

*“Ser Facilitador’ é aquela pessoa que facilita a aprendizagem de um grupo”. E6*

*“Facilitador ta mais ligado, acho que tem uma correlação assim com processos (...) aquele que permite que as coisas aconteçam, que facilita que os processos se dêem, que as aprendizagens aconteçam, com que o ambiente, ele possa estar sendo construído”. E7*

*“(...) o do facilitador é o da aprendizagem, ele vai facilitar a aprendizagem”. E8*

*“(...) recebi formação e me tornei facilitador. É como se denomina, nesses lugares, o profissional que trabalha com grupos. (...) o facilitador, no meu entendimento, é o profissional experiente e qualificado, apto a lidar com grupos. É um profissional que domina diferentes procedimentos e processos que, dependendo da situação lança mão para impulsionar o grupo”. E4*

As respostas para essa primeira questão da entrevista seguiram uma linha bastante semelhante entre os entrevistados. Importante destacar que alguns sentiam-se mais a vontade com o termo facilitador, para outros o termo focalizador abrange funções facilitadoras e terapêuticas embora o contrário não aconteça (facilitador e terapeuta abranger focalizar). Os entrevistados que estavam à vontade com a designação de focalizador abordava dentro do seu papel, aspectos do facilitador. Perante isso que apareceu nas entrevistas senti a necessidade de colher mais informações sobre o “*ser facilitador*”. É claro que, por não ser essa questão (a diferenciação do “*ser focalizador*” e do ser facilitador) a minha investigação nesse trabalho, não me aprofundarei nos detalhes e compreensões, apenas citarei pontos que podem contribuir para clarear a visão e quem sabe, para futuras reflexões.

Fonseca e Koerner (1999) trabalham com o termo facilitador, “(...) *facilitação, basicamente, é a arte de liderar os processos de um grupo, de forma a ajudá-lo a alcançar os seus objetivos de aprendizado*”, e acrescentam: “*Dependendo do contexto e do objetivo do programa, diferentes formas de facilitação são necessárias*”, dentre elas aparecem:

Deixar a experiência falar por si própria. Este método consiste em proporcionar experiências para que o participante possa extrair delas o seu próprio aprendizado.

Falar pela experiência. Aqui o facilitador interpreta a experiência para os participantes, explica quais os aprendizados que eles devem extrair dela, e como aplicar este conhecimento em outras situações.

*Debriefing*. Durante um *debriefing*, o facilitador ajuda o participante a processar a experiência através da reflexão. Com o uso de perguntas abertas, o facilitador cuidadosamente guia os participantes de forma que eles possam trazer os assuntos importantes para o fórum de discussão, assim como assumir compromissos uns com os outros e consigo mesmos. (internet)

A frase que os autores utilizam para introduzir a tarefa do facilitador é bastante esclarecedora: “*A coisa mais humana que podemos fazer é confortar os aflitos e afligir os confortáveis*”,

Experimentar e aprender são elementos indispensáveis do processo de crescimento. “Crescer significa empurrar...” (G. Herrick, durante uma discussão informal sobre didática em Bratislava, 1998). O “empurrar” desta frase, é relacionado à área de conforto onde a pessoa atua. Para aumentar esta área, uma pessoa tem de fazer coisas diferentes do que ela está acostumada, saindo um pouco de si em direção ao que é novo. Desta forma, para apoiar o participante em seu papel de responsável por seu próprio aprendizado, o facilitador deve muitas vezes confrontá-lo com situações desconhecidas e/ou desconfortáveis. (internet)

Para os autores, é muito importante conhecer as necessidades dos facilitadores, para não confundi-las com as necessidades dos participantes. Para isso, é importante cuidar de algumas atitudes do facilitador:

**Confiabilidade:** é íntegro, aberto ao *feedback*, construtivo.

**Soberania:** ele mostra um larga margem de competência (S. Priest e M. Gass, 1997) e as atividades conduzidas são completamente dentro da sua área de conforto.

**Neutralidade:** ele observa sem julgar.

**Distância:** ele é empático, mas sem envolvimento emocional.

**Flexibilidade:** onde puder, ele abre espaço para lidar com processos, dificuldades, aprendizados e *insights*.

**Delegação:** ele sabe deixar o controle do poder e da responsabilidade para a aprendizagem nas mãos dos outros. (internet)

Frente a essas considerações, consigo observar que há muitas semelhanças no papel do facilitador e do focalizador. “Saltando-me aos olhos” que o facilitador age, estabelece condutas muito próximas do focalizador, que lidera com, embora demonstre estar mais ligado a processos de aprendizagem do que a atividades coletivas ou a processos de tomada de consciência.

## **Parte II: A segunda questão.**

Nessa questão, os depoimentos dos entrevistados revelavam sua vivência como focalizador de grupos, como eles conseguiam se enxergar nesse papel.

### **Comunicação aberta, saber dialogar.**

Para os entrevistados, o diálogo e capacidade ampla de comunicação apareceram como pontos fundamentais na focalização com grupos

*“(...) penso que algumas características são fundamentais para um bom focalizador (...) capacidade ampla de comunicação (se fazer entender em diferentes níveis)” E1*

*“(...) ser focalizador é viver o máximo possível com consciência dos quatro planos (físico, emocional, mental e espiritual)”. E2*

*“O diálogo é uma ferramenta poderosa para intercambiar pontos de vista. (...)O uso de metáforas é rica para trazer a compreensão sobre questões complexas, na medida em que ela toca em níveis arquetípicos. Tudo próprio à ensinagem andragógica”. E4*

*“Acho que tenho habilidades na promoção do diálogo, também acho que leio bem situações problema e tenho alguma habilidade em escolher acertadamente uma forma para explorar a tal situação. (...) Ser focalizador é ter a percepção do que irá acontecer, ter segurança naquilo que irá abordar (...)”. E5*

A capacidade de comunicação do focalizador como aparece nos relatos, não diz respeito somente a uma habilidade de se expressar, mas também a uma sensibilidade ao se posicionar e acessar via linguagem o grupo. Essa linguagem peculiar do focalizador não pode apenas ser aprendida racionalmente, precisa de uma entrega e de sua plena presença no grupo para que ela aconteça.

Confirmo aqui essa questão da linguagem já abordada nesse trabalho no capítulo 3 quando digo: Seria a linguagem do focalizador acessada por uma via intelectual? Sapienza e Pompéia reconhecem que *“(...) a verdade racional é impotente diante das dificuldades psicológicas, que se divertem em ridicularizar a razão”*, não é pela via da razão que caminha essa linguagem, *“(...) tem uma outra via, para cuja compreensão é importante introduzirmos aqui uma palavra grega, poiesis. Esta significa não só poesia no sentido específico, como também criação ou produção em sentido mais amplo”*. (2004, p.157) E esclarecem:

*Poiesis é um levar à luz, é trazer algo para a desocultação. A linguagem da razão, chamada em geral de linguagem do*

conhecimento, também desoculta o que estava oculto, mas de um modo diferente, de um modo que dá explicações. (...) ela, de certa forma, garante ou “obriga” que alguém entenda o que dizemos. Com a linguagem *poética* é diferente. Esta pode aparecer na poesia propriamente dita, num texto em prosa, num diálogo ou mesmo numa piada engraçada. A piada não é para ser explicada. Essa linguagem busca o interlocutor em seu espaço de liberdade. Quando me expresso *poeticamente*, o outro não é obrigado a concordar comigo. Na verdade, não há nenhuma razão para que ele o faça, e, no entanto, tenho uma grande expectativa de que ele possa me compreender, dentro da não-necessidade de compreender. (2004, p. 158)

### **Cuidar de si. Prezar por viver experiências práticas. Atualizar-se.**

Na fala dos entrevistados, ser focalizador aparece com um compromisso bastante intenso consigo mesmo, com seu próprio desenvolvimento pessoal e sua evolução profissional.

*“(...) algumas características são fundamentais para um bom focalizador: domínio técnico do assunto (com profundidade) (...) experiência prática (eu fiz ou eu vi, vale mais que mil livros lidos), (...) nunca achar que seu trabalho já está bom, estudar o tempo todo, aprender com outros e principalmente com seus grupos”. E1*

*“(...) me percebo como uma pessoa interessada no próprio desenvolvimento e no das outras pessoas. (...). E nesse processo vou cambiando com todos e todas, aprendendo e trocando experiências. (...) Penso que a coerência é essencial para o sucesso do trabalho. Os casos e exemplos vividos pelo facilitador são matéria prima ao trabalho”. E4*

*“(...) eu como focalizador estou despertando, a mim mesmo, então eu me reconheço cada vez mais claramente nesse caminho de descoberta, focalizando meu próprio processo e me vendo assim como alguém que ta caminhando, devagarinho ‘ta’ desabrochando, acordando para algumas coisas. Esse seria um primeiro ponto, e que eu acho que pra mim tem a ver com uma das características da focalização que é se perceber como um co- aprendiz, numa relação em que estamos juntos ajudando e dando suporte pra esse despertar pessoal, mas que acontece de uma maneira compartilhada. Eu me vejo como um focalizador que está aprendendo a ser focalizador, despertando*

*pra esse lado que eu sou mais autêntico, mais verdadeiro e que isso é muito recente (...)" E8*

### **Interesse no humano.**

Talvez essa fala traga uma palavra bem conhecida, vocação. Qualquer trabalho que realizamos, pede uma paixão pelo o que estamos fazendo. Sentir que a tarefa tem um sentido pessoal, que combina comigo e com aquilo que gosto de fazer, possibilita não só um melhor profissional como também um melhor trabalho.

Focalizar grupos exige esse estar apaixonado pelo seu ofício, pois nos exige uma disponibilidade e um olhar próximo, que só consegue fazer-se presente quando nos encontramos de fato naquela tarefa.

E os focalizadores confirmam:

*"(...) algumas características são fundamentais para um bom focalizador: (...) gostar de gente (de verdade, gostar de estar com gente, olhar para o grupo e acreditar nele)". E1*

*"Creio que me percebo como alguém que tenta sempre viver de uma maneira sistêmica, isso e mais a vontade de trabalhar com grupos me tornam focalizadora". E2*

*"Eu, enquanto facilitador, me percebo como uma pessoa interessada no próprio desenvolvimento e no das outras pessoas". E4*

### **Acreditar na sabedoria do grupo. Entregar-se. Doar-se ao grupo.**

Doação, entrega, servir, atitudes ativas que também acolhem o movimento de receber, e de estar inteiro no processo.

Seguem os discursos:

*"(...) algumas características são fundamentais para um bom focalizador: (...) gostar de gente (de verdade, gostar de estar com gente, olhar para o grupo e acreditar nele)". E1*

*“Um profissional que facilita processos que levam as pessoas a se reconhecerem como indivíduos únicos, preciosos, poderosos e que ao se sentirem assim possam transformar-se em agentes de mudanças pessoais e sociais. Co-criadores de uma nova realidade pessoal e social. (...) Acredito também na sabedoria grupal como a melhor maneira de resolver problemas complexos”. E4*

*“(...) Dois exemplos extremos de focalizadores chamam muito a minha atenção: primeiro o focalizador que não chama atenção alguma sobre si – sabe muito bem como manejar o grupo, tem objetivos claros e trabalha de forma que o grupo tende a crer que fez tudo sozinho. Chamo esse focalizador de maestro. É óbvio a sua importância apesar de não tocar instrumento algum! (...)” E5*

*“Ser focalizador é ter a percepção do que irá acontecer, ter segurança naquilo que irá abordar, saber lidar com um grupo (liderar com)”. E6*

*“(...) a idéia de um facilitador de que facilita que as coisas aconteçam, de que a coisa não ta na minha mão, de que está no grupo, ela me agrada mais e é nessa idéia que eu viajo, que eu entro, quando eu to ali vendo um processo de grupo. Talvez venha primeiro a idéia de facilitar alguma coisa e que algum foco seja construído e que isso seja comum e aí alguém cuida desse foco e aí sim entra a figura do focalizador, ela me agrada mais assim. Então talvez esteja uma coisa ordenada: primeiro facilita o processo, o foco está aqui, e o focalizador vem com essa coisa do guardião. Eu me percebo servindo(...)” E7*

*“(...) o focalizador é alguém que eu posso contar pra caminhar junto comigo num mesmo caminho, e que, embora possamos estar em níveis diferentes do caminho, é um mesmo caminho, então é alguém que com quem eu possa compartilhar, alguém que eu sinta que está por perto, que não é mais nem menos, não ta nem acima nem abaixo, nem pra frente nem pra trás, mas tem uma pegada diferente assim como a minha, então a gente se encontra num determinado ponto desse caminho pra compartilhar essa jornada, (respeitando as diferenças dos passos de cada um) então uma característica da focalização é ser esse companheiro, esse parceiro, e o que eu acho muito difícil, pra mim como focalizador é um desafio, conseguir manter essa abertura e ao mesmo tempo essa presença no caminho como alguém que está aberto, disponível pra compartilhar a jornada”. E8*

### **Cuidar do ambiente, lidar com imprevistos, aceitar o que aparece.**

Ter o cuidado de saber com que grupo irá atuar, em que momento, onde será e como poderá ser, são atribuições do focalizador de grupo. É preciso, além de uma disponibilidade e entrega, uma preparação do que se pretende fazer, cuidando para que esse planejamento não engesse o grupo, estando pronto para abrir mão do planejado e nome do que merece ser visto e acolhido.

*“(...) algumas características são fundamentais para um bom focalizador: (...) capacidade de inovação e criação para as necessidades reais do grupo (fazer sempre diferente, adaptar sempre copiar só nunca), E1*

*“Me percebo segura, sabendo o que eu vou fazer no começo, meio e fim. Não me envolver com o grupo pessoalmente, me colocar sempre pessoalmente”. E6*

*“Ser focalizador para mim tem a ver com clareza de objetivos – o que esse grupo quer fazer juntos; clareza de método – qual a melhor forma para este grupo alcançar o objetivo; tranqüilidade para lidar com o grupo e uma forte ligação com o propósito pessoal – porque faz sentido na minha história de vida ser focalizador”. E5*

*“(...) E características do servidor, que está a serviço do grupo e não o grupo ao seu serviço, não são as pessoas que tem que ir ao encontro do que ele vai dizer, ou qual é a direção que ele vai traçar e tudo mais (...)”*

Cabe dentro dessa reflexão essa história:

O mulá, um pregador, queria pagar algumas castanhas para sua mulher, porque ela havia prometido cozinhar para ele fesenjan, um prato preparado com castanhas. Na alegria de antegozo do seu prato predileto, o mulá enfiou a mão nas profundezas da jarra de castanhas e agarrou tantas castanhas quanto podia com uma mão. Quando tentou retirar o braço da jarra, ele estava preso. Por mais forte que ele puxasse e torcesse o braço, a jarra não o libertava. Ele gritou, gemeu e blasfemou de uma maneira que um mulá realmente não deveria. Mas nada ajudou. Mas quando sua mulher segurou o braço e puxou com todo o seu peso, não aconteceu nada. Sua mão permaneceu presa no gargalo da jarra. Após muitas tentativas fúteis, eles chamaram os vizinhos para ajudar. Todos acompanhavam com grande interesse essa peça teatral que passava na sua frente. Um dos vizinhos deu uma olhada no problema e perguntou ao mulá como

o acidente tinha acontecido. Com voz patética e gemidos de desespero o mulá relatou o desastre. O vizinho falou: “Eu vou ajudá-lo, se você fizer exatamente como eu digo.” “Prometo fazer tudo que você diz, se você puder me libertar dessa jarra terrível.” “Então enfie o braço mais pra dentro da jarra.” Ao mulá isso parecia estranho, pois por que ele deveria enfiar o braço mais pra dentro da jarra quando que ele queria era tirá-lo de lá? Mas ele seguiu as instruções. O vizinho continuou: “Agora abra a mão e largue as castanhas que você está segurando.” Esse pedido perturbou o mulá. Afinal ele queria as castanhas para o seu prato preferido e agora ele deveria simplesmente largá-las? Relutando muito, ele seguiu as instruções do seu auxiliador. Agora o homem disse: “Faça sua mão muito pequena e puxe-a devagar para fora da jarra.” O mulá fez isso, e eis que sem dificuldade retirou a mão da jarra. Mas ele ainda não estava completamente satisfeito. “Minha mão está livre agora, mas onde estão as castanhas?” Aí o vizinho levantou a jarra virou-a e deixou cair tantas castanhas quanto o mulá precisava. De olhos e bocas escancarados, o mulá olhou e disse: “Você é mágico?”. (PESESCHKIAN, 2001, p. 90)

Essa tranquilidade de lidar com o que aparece no grupo, exige do focalizador uma atitude de desapego, tal como a história do mágico nos mostra, de não querer garantir coisas de antemão. Confiando que, poderá acontecer o que cabe naquele momento, e, para isso, é preciso saber abrir mão do que temos (se é que possuímos algo), talvez até aconteça o esperado, no caso do mulá, ter as castanhas, mas o caminho de percurso para que aquilo acontecesse pode ter sido outro (virar a jarra), diferente do vislumbrado anteriormente.

### **Poder está no grupo. A construção é conjunta.**

O trabalho do focalizador é uma tarefa indigente, no sentido de que sozinho não tem poder algum, ele precisa estar junto com o grupo, e o grupo estar junto com ele. Tal como descreve as falas abaixo:

*“(...) algumas características são fundamentais para um bom focalizador: (...) percepção aguçada e flexibilidade para mudar tudo que planejou na hora se for o melhor para o grupo, e nunca achar que seu trabalho já está bom (...).”*

E1

*“(..) focalizador é antes de tudo um Educador que procura se envolver com a caminhada e mostrando as possibilidades que cada uma trás. É sem dúvida aquele que propõe a construção ética de um determinado processo e celebra junto à conquista dos valores que esta construção possibilita”. E3*

*“(..) Acredito também na sabedoria grupal como a melhor maneira de resolver problemas complexos. (...) A bio-psico-intelecto-diversidade é a garantia de que todos e cada um têm algo único a contribuir ao grupo e aos processos”. E4*

*“(..) o focalizador que não chama atenção alguma sobre si – sabe muito bem como manejar o grupo, tem objetivos claros e trabalha de forma que o grupo tende a crer que fez tudo sozinho. Chamo esse focalizador de maestro. É óbvio a sua importância apesar de não tocar instrumento algum!” E5*

*“Ser focalizador é ter a percepção do que irá acontecer, ter segurança naquilo que irá abordar, saber lidar com um grupo (liderar com). (...) Uma característica do focalizador deve ser de uma pessoa normal no grupo, sem “estrelismo”, mostrar quem realmente é. Assumir que não sabe alguma coisa (...)”. E6*

*“(..) o maior desafio é aprender a fazer isso, é construir e, parto do princípio de que as pessoas já sabem cooperar, já ta tudo ali né, o que portanto, quanto eu menos atrapalhar melhor, e que o meu papel é mesmo só constatar isso com todo mundo, nós já sabemos. Então, quanto mais isso ficar em evidência melhor, eu tenho isso como princípio, eu parto desse princípio, então eu percebo assim”. E7*

*“(..) é como se fosse um parceiro de viagem, o focalizador é alguém que eu posso contar pra caminhar junto comigo num mesmo caminho (...)” E8*

Retomo minha reflexão no capítulo 3: “O focalizador precisa se reconhecer como aquele que não detém as informações para a resolução dos problemas, ele não é a pessoa que detém o saber. O elemento mais fundamental do trabalho de um focalizador consiste justamente no contrário: no fato de que ele não sabe. Essa consciência faz uma diferença enorme, principalmente em trabalhos com grupos, onde grupo e focalizador pensam e sentem juntos,

colaborando mutuamente com a possibilidade de se reconstruírem incessantemente”.

### **Parte III: A terceira questão.**

Muitas vezes minha alma canta. Eu lhe pergunto: Por que cantas,  
minh'alma? Porque estou viva.  
Muitas vezes minha alma chora. E eu lhe pergunto: Por que choras,  
minh'alma? Porque estou viva.

Paulo Barros

Essa terceira questão possibilitou o aparecimento dos sentimentos dos entrevistados quanto aos desafios da focalização.

Olhemos o que surgiu de significativo:

#### **Trabalho do Focalizador como fonte de realização e prazer.**

Alguns entrevistados revelaram que raramente encontram-se emocionalmente fragilizados quando precisam atuar com grupos, relatam que, mesmo não estando bem, o trabalho em si proporciona uma melhora no estado de ânimo.

*“(...) estava me observando e cheguei a conclusão que de nunca estou "mal" em meus grupos, quando entro em grupo desligo um botão interno e fico inteira naquele momento, é incrível mais e como se não existisse mais nada. Meus piores dias se transformaram em bons quando tinha grupo”. E1*

*“(...) meu trabalho me coloca em um outro estado de consciência em que eu esqueço os problemas particulares e coloco o foco no grupo. Na verdade, se trata de saber onde focar a sua própria energia. Eu nunca estive tão fora de centro que não conseguisse fazer isto em uma situação profissional”. E2*

*“Percebo que a cada encontro com os grupo aos quais trabalho, ao final carrego fardos que não são meus, e que com certeza me sobrecarregam e somatizam com outras rotinas particulares. No entanto, também vejo o trabalho do focalizador (Educador) com grande doação. Se entregando de corpo e alma*

*para um processo que não é seu. É uma responsabilidade muito grande, e para que isso ocorra de forma saudável é necessário filtrar estes processos diariamente e somente desta forma as pessoas e você poderão beber de uma água sem contaminações. (...) Percebo está sensação a cada finalização de um trabalho, onde me sinto extremamente cansado e sugado e ao mesmo tempo com uma sensação de leveza com a certeza de ter contribuído para o processo”. E3*

### **Cuidando da humanidade do ser focalizador.**

Frente às inseguranças e conflitos dos focalizadores, revela-se modos de olhar para essas angústias e lidar com elas.

*“Eu procuro me manter física, emocional e mentalmente equilibrado, sempre. Em especial nos dias de trabalho procuro fazer uma alimentação frugal, leve e equilibrada aliado a uma atividade física moderada como caminhadas e meditação.*

*A conexão com os níveis sutis também é indispensável buscando proteção e inspiração. (...) Quando não estou bem busco o recolhimento, o relaxamento e a meditação”. E4*

*“(...) Hoje em dia me cerco de alguns cuidados que me ajudam a não me boicotar ou cair nas armadilhas: Conto o que vou fazer para pessoas de quem gosto e que gostam de mim – hoje sei que o apoio delas é fundamental; Compartilho as minhas idéias – aprendi que as pessoas podem gostar e que oferecer sugestões para melhorar a atividade... o que a enriquece muito; Me comprometo – faço um acordo comigo mesma do que e como gostaria de fazer; Me compreendo – procuro ouvir os medos com atenção ao invés de escondê-los embaixo do tapete; Me perdôo – é bem provável que não fique perfeito, que minha voz trema, que eu erre ou esqueça um detalhe importante... Mas vamos olhar também pro que deu certo? Peço ajuda! – Isso funciona sempre – fazer junto dá mais certo e é mais prazeroso”. E5*

*“Muito particular, procuro ser eu mesma sempre! Sei que terá momentos em que vou errar e sei que é através deste trabalho, errando e acertando, que*

*irei crescer e poder viver a Cooperação da melhor forma possível. O que eu quero dizer com isso, Não conseguiria ser informal, por outro lado também não posso deixar me levar sempre”. E6*

*“(...) ela é de carne e osso e isso que coisa fantástica, então isso me conectou com ela, e eu acredito que essa abertura que ela deu pra se mostrar mesmo pra se abrir, ela é uma virtude, gigantesca, e onde eu quero viver mais isso, não importa se eu estou facilitando se eu sou um aluno se eu sou o diretor de uma organização, eu quero ser eu mesmo. (...) E acho que é esse exercício da facilitação da focalização que permite que as pessoas sejam quem são, e essa inspiração é onde eu me conecto com as pessoas, é isso que me dá tesão de fazer alguma coisa e perceber que não tem fronteiras, os papéis eles são feitos na minha cabeça, mas na medida que eu vou desfazendo isso, eu vou percebendo as pessoas ali”. E7*

### **Entrega na Imprevisibilidade.**

*“A vida não é uma filosofia, não é um problema; é um mistério. Você tem que vivê-la, não de acordo a certo de padrão de conduta, não de acordo a um condicionamento, não de acordo com o que te contaram sobre ela. Você tem que começar novamente, desde o zero”.*  
OSHO

O sentimento do focalizador precisa sempre ser considerado, aproximado. Cada momento é precioso em vivências e possibilidades, esse movimento faz com que o focalizador tenha que conviver e dar conta de uma série de emoções inesperadas. Ver nesse movimento oportunidades de crescimento e descobertas parece ser uma atitude sábia.

*“(...) é viver o momento. O momento é esse e vamos seguir, é isso aí, né. E isso é vivo, pra mim isso é vivo, eu já fiz processos de focalização, facilitação de trabalhos onde eu tava muito mal e foi o trabalho maravilhoso e eu saí super bem, e já entrei em trabalhos que eu estava super bem, confiante, feliz e quando a coisa se deu eu saí puto, saí acabado. Então não tem uma regra no meu entender, eu entrei, ta vivendo ali, ta vivo, é essa entrega e a incerteza, não sei como é que vai dar”. E7*

*“(...) é preciso se purificar dos pré-conceitos e estar aberto e compreensivo as diversas formas de olhar para os mesmos problemas”. E3*

### **Mostrar-se ao grupo.**

Outro ponto refletido nas entrevistas refere-se ao envolvimento emocional com o grupo, fica a questão: Dá para não se envolver? Até onde se envolver?

Recupero essa reflexão: “Sapienza olha esse sentir como uma maneira de se saber e diz:

*(...) é preciso sentir porque sabe-se do que pode estar sendo compartilhado, a palavra sabe aqui, do verbo saber, tem a mesma etimologia de ‘sabor’, e, nesse sentido, o saber tem a ver com o ‘saber o gosto’ daquilo que está sendo partilhado. (2007, p.18)*

A autora procura deixar claro que, embora seja importante compartilhar, não é bom que se permaneça quebrado na dor que pode ser expressada, na insegurança, na ansiedade e na angústia do grupo, pois o grupo precisa do focalizador inteiro”.

*“Em muitas vezes, faço o meu trabalho e quando me vejo, já me envolvi porque gosto muito do que eu faço e meu humor pode se alterar e meu estado de espírito melhorar bastante. O ideal é não se envolver e desenvolver um trabalho bem feito”. E6*

Poder contar com o grupo nas incertezas, compartilhando as dores e angústias, aparece como uma forma de criar maior intimidade com questões essenciais do humano que podem despertar processos ricos no grupo.

*Primeiro eu confio muito no grupo, e eu de alguma forma eu confio que aquela honestidade comigo mesmo, e abri, quando eu não estou bem eu digo gente, oh, eu to sentindo isso, isso e isso, alguma coisa que eu to vivendo, eu compartilho as experiências, imagino que cada um também vai ser, de alguma forma se inspirar também viver isso, de forma mais aberta. Nem sempre a gente ta bem, nem sempre a gente ta feliz, nem sempre também a gente ta*

*ruim. (...) E acredito, e confio muito assim que a abertura minha do focalizador, do facilitador sempre aberto a compartilhar suas fraquezas, suas forças, suas fortalezas, suas oportunidades, ameaças, enfim, aquilo que for, ela pode encorajar o grupo a viver isso e reconhecer que isso é presente a todo o tempo e a gente aprender junto com isso e conforme a gente vai vivendo as coisas a gente vai percebendo isso e isso pode ser também um exemplo". E7*

### **Crise como oportunidade.**

Sentir sua própria dor, perceber-se vulnerável, permite vivenciar sentimentos reais que aproximam nossa condição humana e nos colocam lado a lado com os outros. Saber vivenciar dores, entregar-se a elas, aparece como um sinal de coragem de encarar as fragilidades. Permite-nos um avanço na existência. Esse discurso pode ser percebido nas falas abaixo:

*"(...) eu naquele momento, percebi que a maior fortaleza dela estava justamente na vulnerabilidade, porque eu vi uma força, quando ela chorou, quando eu percebi: \_ puta, ela é de carne e osso e isso que coisa fantástica, então isso me conectou com ela, e eu acredito que essa abertura que ela deu pra se mostrar mesmo pra se abrir, ela é uma virtude, gigantesca, e onde eu quero viver mais isso, não importa se eu estou facilitando se eu sou um aluno se eu sou o diretor de uma organização, eu quero ser eu mesmo. E acho que é esse exercício da facilitação da focalização que permite que as pessoas sejam quem são, e essa inspiração é onde eu me conecto com as pessoas, é isso que me dá tesão de fazer alguma coisa e perceber que não tem fronteiras, os papéis eles são feitos na minha cabeça, mas na medida que eu vou desfazendo isso, eu vou percebendo as pessoas ali". E7*

*"(...) talvez seja exatamente pelo fato de você estar vivendo o que você está vivendo que agora você tem autoridade para dizer sobre isso, porque até então você dizia tudo o que dizia, vivendo num mundo da idealização, na tua vida estava tudo certo, tudo normal, e então o seu discurso era um bom discurso, mas um discurso ali sim vazio. Agora talvez você tenha lastro suficiente para compartilhar com as pessoas, doses mais profundas e realistas da vida baseada em cooperação, que não significa uma vida ideal, mas uma vida real.*

*Então eu acho que as crises que eu vivo como pessoa, elas são na prática mesmo, elas são desafios que me fazem checar, se esse é mesmo o caminho que eu quero manter (...) Acho que isso é um ponto pra mim, que tem sido bem valioso e que me fez ir num ponto que eu jamais tinha visitado antes de mim mesmo e que nem queria reconhecer, e que hoje por ter feito essa visita, eu sou capaz, embora não consiga completamente, de compreender mais compassivamente as pessoas, quando mergulham nas suas sombras, nos seus traumas, nas suas resistências (...)" E8*

### **Aceitar, acolher as imperfeições e torná-las nossas. Estar inteiro.**

“Certa vez, um homem resolveu fazer um canteiro de flores. Preparou o solo e plantou sementes das diversas flores que cuidadosamente havia escolhido. Quando elas brotaram, percebeu que o canteiro estava repleto não apenas de flores que ele escolhera, mas também de plantas que nem conhecia.

Consultou jardineiros de toda parte e experimentou inúmeros métodos para acabar com aquelas plantas. Tudo em vão. Por fim, resolveu consultar o jardineiro do mestre. Explicou-lhe o problema, descreveu-lhe todas as experiências que já tentara para acabar com as plantas e como tudo tinha sido inútil. Em silêncio, os dois permaneceram sentados diante do canteiro, até que o jardineiro do mestre olhou para o homem e soltando um suspiro lhe disse: \_ Bem, o que eu sugiro é... por que você não aprende a amar também essas plantas?”

(Parábola- A solução no amor)

Poder aceitar nossas próprias limitações, permite-nos uma inteireza na vida, conosco e com os outros. Olhar apenas para o cultivo das virtudes, pode cegar-nos para a importância de acolher nossas imperfeições. Muitas vezes, precisamos aprender a aceitá-las, para aprender a conviver com elas, para melhor cuidar. Não podemos cuidar do que queremos nos livrar. Muitas das nossas limitações não podem ser eliminadas, mas podem aparecer como companheiras imprescindíveis no caminho da evolução.

*“Muito particular, procuro ser eu mesma sempre! Sei que terá momentos em que vou errar e sei que é através deste trabalho, errando e acertando, que irei crescer e poder viver a Cooperação da melhor forma possível”. E6*

*“(...) talvez seja exatamente pelo fato de você estar vivendo o que você está vivendo que agora você tem autoridade para dizer sobre isso, porque até então você dizia tudo o que dizia, vivendo num mundo da idealização, na tua vida estava tudo certo, tudo normal, e então o seu discurso era um bom discurso, mas um discurso ali sim vazio. Agora talvez você tenha lastro suficiente para compartilhar com as pessoas, doses mais profundas e realistas da vida baseada em cooperação, que não significa uma vida ideal, mas uma vida real. Então eu acho que as crises que eu vivo como pessoa, elas são na prática mesmo, elas são desafios que me fazem checar, se esse é mesmo o caminho que eu quero manter, que não significa que porque está nesse caminho, eu tenho que ser um modelo, e uma referência pronta, definitiva e imutável, a respeito daquilo que eu estou compartilhando. Hoje eu consigo perceber isso dessa outra maneira, que o que eu preciso manter como coerência, é o fato de eu ter escolhido esse caminho, eu escolhi caminhar por ele, por essa trilha da cooperação, e o que significa dizer que eu to descobrindo que eu to aprendendo, e nessa descoberta, eu to vivendo tantas coisas legais como as coisas que não são muito boas, há sombras e luzes nisso tudo. (...) antes eu via como adversários, como estar trazendo isso para um universo tão luminoso como a cooperação propõe, mas na verdade, essa luminosidade, só é completa mesmo quando inclui todas essas outras faces. E para eu perceber isso no trabalho, nas pessoas, eu tive que viver isso em mim. Isso foi uma coisa bem valiosa”. E8*

Finalizo a questão da aceitação dos nossos próprios limites, olhando para a nossa humanidade nas palavras de Sapienza (2007),

Cada ser humano carrega em si todos os paradoxos e todos os conflitos que significam existir: sentimentos contraditórios; querer e não querer ao mesmo tempo; precisar se tornar si mesmo e se afastar de si mesmo; precisar de um sentido para a vida e, muitas vezes, não conseguir se dedicar a ele; saber de sua necessidade do outro e sentir o difícil que pode ser conviver com o outro; precisar de proteção e saber de seu desabrigo. (p.42)

## Parte IV: A quarta questão

“(...) deve atuar como um jardineiro que cultiva uma planta. O jardineiro não produz a planta como se produz um automóvel, não cria a terra, nem a semente, nem planeja os passos que devem ser seguidos pela planta para atingir a maturidade, florir e frutificar. Ele somente cria melhores condições de solo, abriga a muda quando muito pequena contra condições climáticas adversas, protege-a na medida do possível contra os insetos, livra-lhe a área de crescimento para que ela não morra por falta de espaço ou luz. Mas não é ele que a faz crescer. O crescimento da planta é dela própria. É ela que absorve o alimento do solo e principalmente é ela quem deita suas raízes próprias; raízes que já estão contidas na semente. A semente da laranja é limitada pelas possibilidades de ser laranjeira e somente enquanto laranjeira pode florescer. O seu florescimento é limitado pelas suas próprias possibilidades. Da mesma forma, não é o *focalizador* quem cria o *grupo* nem quem molda ou modifica. Ele somente acompanha o *grupo* apontando obstáculos, retirando pedras, dando-lhe coragem para que vire em direção ao sol para que possa receber o calor necessário para o crescimento, apesar dos perigos das queimaduras, dando-lhe mais proteção se necessário, orientando-o ou até arrastando-o pela mão, se preciso. Mas sempre preocupado que, em qualquer uma de suas atitudes, sejam respeitadas as possibilidades próprias e atuais *de cada participante* e sempre atento para dar-lhe a devida segurança para que, pela própria coragem, o *grupo* se arrisque a provar, a se preencher e a se descobrir descobrindo o mundo que habita. O *focalizador* deve auxiliar o *grupo* a desvelar as próprias possibilidades. No entanto, essas possibilidades não são ilimitadas e isto nunca deve ser esquecido. Alguém somente pode se desenvolver enquanto o homem que é. Desta forma, a atuação do *focalizador* é limitada não somente pela sua própria condição mas também pelas possibilidades do *grupo*.”

David Cytrynowicz

A metáfora acima foi criada pelo autor para simbolizar a relação terapeuta e paciente, onde se lê *focalizador*, o autor refere-se ao terapeuta, e onde se lê *grupo* ou *participante*, o autor refere-se ao paciente. Tomei a liberdade de trocar os termos para melhor internalizar essa imagem que relaciono com a focalização de grupos, o *focalizador* como um jardineiro que precisa cuidar das sementes sem a menor idéia dos frutos que virão. E é preciso cuidar de cada semente de forma a permitir que ela cresça o tanto que lhe foi destinada crescer, sem podá-la em demasia, sem exigir dela o que não a caracteriza, simplesmente acolhendo o seu vir-a-ser o que se pode ser a

cada momento, ajudar o grupo a desvelar o próprio solo, poder deitar raízes e, tendo em vista suas limitações, abrir-se para as suas possibilidades. (Cytrynowicz, , p.25)

As imagens que os entrevistados escolheram para descrever seu papel, traduziu esse movimento da imprevisibilidade, da troca, da comunhão, do compartilhar e os paradoxos e a beleza do ser focalizador.

*“(...) o processo de fotossíntese - entra gás carbono e sai oxigênio para os dois lados - participante e focalizador - é sempre uma troca onde o resultado é mais puro e benéfico. Gera vida – crescimento”. E1*

*“Acho que a minha metáfora é a do buraco branco, que traz elementos de outras dimensões e lugares do espaço para onde está”. E2*

*“(...) é de um pai segurando a mão de um filho. Um exemplo claro do focalizador, que se doa de corpo e alma, renuncia a muitos desejos próprios e se esforça incessantemente para mostrar os caminhos e suas possibilidades. Isso é ser Pai, isso é ser Educador, isso é ser focalizador”. E3*

*“ Minha metáfora é a da caminhada. O facilitador caminha lado a lado com todos do grupo. Estes por sua vez precisam fazer o movimento, o esforço. Precisam querer viver a experiência. O facilitador tem o mapa mas a experiência se faz no território no caminhar de cada um. O caminho é o mesmo mas a experiência é individual e única”. E4*

*“A imagem do Maestro me satisfaz”. E5*

*“Me ocorre uma imagem de um furacão, em alguns momentos vem a turbulência em outro momentos o entendimento e a calma. O Caos e a ordem... Uma imagem que arruma e desarruma... Aprendizagem e assimilação”. E6*

*“Eu vejo a figura de um átomo (...) Tem horas que a gente vai mais lá pra próximo do centro, tem horas que ele vai um pouco mais afastado, tem hora que ta junto com o outro (...) é viva a coisa (...) ao mesmo tempo que tem um núcleo que ta ali no centro,(...) no outro lá é simplicidade, pro outro é ética, tem um núcleo e a gente vai orbitando em torno desse núcleo, tem hora que eu to mais conectado ali com o centro, tem outras que eu já estou mais afastado e eu vou percebendo esses elétrons, prótons, tudo ligado nesse centro, (...)”. E7*

*“(...) um arqueólogo que entra numa caverna escura e sabe que ali tem muitos tesouros, mas por estar escura ele não enxerga nada, mas por ele saber ele se mantém ali até que um feixe de luz vai iluminando paredes e as profundezas da caverna e vai trazendo a luz aquilo que ele já sabe que tem, as pessoas que entram na caverna sem essa compreensão da focalização, elas podem entrar, ter coisas fantásticas ali, mas por não verem, elas não vivem e não acreditam que podem viver, saem da caverna do mesmo jeito que entrou. (...). E uma imagem mais atual que tem surgido pra mim é, sabe antigamente nas ruas, não tinha luz elétrica e tinha aqueles postes com velas e o vidro com o lampião, e tinha uma pessoa que era responsável por caminhar pelas ruas e acender as velas, ela acendia a vela e iluminava aquela parte do caminho, e as pessoas que estavam naquela parte do caminho, viam o caminho e a si mesmas melhor, inclusive ele próprio e ia caminhando e acendendo outras luzes e vários, como ele, na cidade faziam isso. Hoje pra mim, essa imagem é um pouco mais atual que representa esse papel do focalizador de acender luzes pelo caminho pra iluminar seu próprio caminho e o caminho das pessoas que estão por ali e assim podem compartilhar o caminho”. E8*

## **5.5 Considerações Gerais sobre as entrevistas**

Nos relatos dos entrevistados apareceram alguns aspectos do focalizador que percebemos freqüentes em todo material bibliográfico pesquisado, questões referentes ao focalizador que já haviam sido fundamentadas foram se confirmando na experiência de cada um, tais como: focalizador construindo o processo com o grupo, reconhecendo o poder do grupo; focalizando a energia do grupo; exercendo seu potencial de comunicação, fazendo uso da linguagem que aproxima; o focalizador aceitando a imprevisibilidade e tratando a crise como oportunidade; percebendo a importância de estar inteiro, cuidando de si e o focalizador atuando terapeuticamente quando contribui para a ampliação de consciência, para a re-significação de sentido que pode mobilizar processos de cura.

As entrevistas foram feitas a partir de perguntas abertas, ou seja, a pergunta em si possibilitava aos entrevistados a maior liberdade de respostas possível. Sendo assim, as unidades significativas que apareceram nas entrevistas e que apresentam paralelos com os teóricos pesquisados, surgiram espontaneamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A verdade não está no começo nem no fim, é na passagem que ela se apresenta"  
(Guimarães Rosa)

Uma das características do nosso tempo, encontra-se na exigência em ter tudo pronto. As pessoas pouco esperam e se desinteressam em fazer, esse modo de estar no mundo facilita para que as pessoas percam a noção do processo, de fazer, preparar, cuidar, esperar. Tudo se encomenda, do brinquedo ao velório, encomenda-se uma festa de aniversário num Buffet sem precisar pensar no que quer e como fazer, o homem está cada vez mais apressado.. Exigência e rapidez. Isso também acontece com as pessoas, se exige estar pronta, ser bem sucedida, acertar sempre, saber sem experimentar, saber sem aprender, favorecendo o contato de papéis, de imagens, de atividades, de modelos prontos. Falta hora e lugar para o contato mais solto, à vontade, direto, espontâneo, para se experimentar, para fazer aquilo que se faz inadequadamente, sem graça, que ainda não se aprendeu. Realizar essa pesquisa foi uma tentativa de caminhar na contramão dessas imagens pré-estabelecidas, foi lançar-me na busca de novas imagens para o “*ser focalizador*”. Vendo-o como alguém que está num contínuo processo de mudança. O ser humano vive em constante transformação, ele tem um problema quando se interrompe de alguma maneira. Ele é um problema quando é sempre igual, quando não consegue ser diferente, mudar.

Uma das questões deste trabalho buscava entender se o focalizador de grupo, inserido no contexto da consciência da cooperação, exercia um papel terapêutico. Através do estudo realizado pôde aparecer que esta relação (grupo e focalizador), se torna terapêutica uma vez que ela devolve aos participantes a possibilidade de ampliarem suas formas de se relacionarem com o mundo, com os outros e consigo mesmo, ou como diz Sapienza: oferece a possibilidade de *tornarem-se o que foram destinados a ser*. O trabalho terapêutico visa aumentar a flexibilidade das pessoas para que elas possam acompanhar-se nessa incessante mudança. Cada vez que nos percebemos,

nos identificamos, nos realizamos , nos conscientizamos como estamos, descobrimos que já não somos mais e que podemos ser muito mais que aquilo apresentado.

Por meio dos depoimentos foi possível perceber que a atitude do focalizador se assemelha a acompanhar o outro, ele não diz qual é o jeito certo, simplesmente sugere que experimente. Ele não interpreta as razões pelas quais o outro agiu dessa ou daquela maneira, ele simplesmente reage de acordo com a situação. Respeitar os participantes do grupo aparece como esse estar junto, um dos sentidos da palavra respeitar é: dizer respeito; referir-se; tocar. Responsabilizar-se pelo o que acontece no grupo, porque responsabilidade significa habilidade de responder, responder às situações que se apresentam em nossa vida. Tudo o que nos aparece já nos diz respeito, exige de nós uma resposta, mesmo que esta seja uma 'não resposta'.

É importante retomar que o intuito dessa pesquisa não foi resolver uma questão na busca de uma resposta única, e sim na tentativa de desvelar novos modos de se ver a mesma questão, desvelar aparece no sentido da compreensão. Não foi meu interesse decompor a totalidade do ser focalizador em problemas objetivos, parcelados, e considerados isoladamente, a ponto de fazer desaparecer no horizonte a própria pessoa. Tenho claro que desempenhar um papel não é uma colcha de retalhos, de eventos e problemas independentes. É uma totalidade. Mais que isso, é uma totalidade móvel e palpitante, própria, peculiar, nova a cada momento, de acordo com sua mais originária condição: a existência. (POMPÉIA e SAPIENZA, 2004).

Quanto a minha experiência em realizar esse trabalho, preciso dizer que contribuiu consideravelmente não só com a minha prática, mas também com a ampliação de questões referentes a minha vida pessoal, meus momentos de crise podendo ser vistos como oportunidades de crescimento e a aceitação das minhas limitações tornando-me inteira nesses processos.

Ao encerrar meus escritos, após meses de árdua pesquisa que além de novas informações me trouxe, sobretudo, imensa satisfação, me vi diante da seguinte reflexão: a importância da atitude do focalizador diante do grupo. Ainda que academicamente bem preparado, comprometido com seu fazer, estar com o grupo requer por parte do focalizador, sobretudo sensibilidade, que

observa atentamente e tenta perceber o significado daquilo que vai aparecendo a cada instante.

Sensibilidade, não é algo que se compre pronto, mas pode ser esculpida, quando estamos livres para a realização de atuar cooperativamente tanto profissionalmente como na vida pessoal, é um estar livre para cuidar dessa realização. Cuidar da realização é se deixar servir como oportunidade de aparecimento. Exercer o nosso ser livre é também deixar aparecer o ser livre dos outros.

Para caminhar na realização dos jogos cooperativos é preciso confiança no caminho, essa confiança é uma aposta cheia de indeterminações, temos que arriscar o engano, temos que assumir os riscos.

Meu convite tentou ir na direção de um olhar diferente para o ser focalizador. Esse olhar é antes de tudo um cuidar. Porque ao olhar diferente temos que cuidar diferente. Acredito que novas questões puderam ser abertas para futuras pesquisas, temas como a própria linguagem do focalizador, o cuidado consigo mesmo, as diferentes posturas que ele pode adotar dependendo do contexto que está inserido: empresarial, educacional, institucional ou comunitário, e quem sabe até aprofundar mais a questão terapêutica não só sob o ponto de vista do focalizador, mas também dos grupos que vivenciam esses processos.

Finalizo minhas considerações com a minha imagem em relação ao focalizador: um equilibrista. Um equilibrista precisa estar sempre em movimento para não cair. Caminha em cima de um fio e com esse fio pode ir construindo muitas coisas, pode inclusive entrelaçar esse fio em outros fios, quando esse fio encontra outros fios, deixa de ser fio para virar uma rede.

Esse trabalho termina sem a pretensão de esgotar o tema discutido, espero que com ele possam ser despertados novos interesses para o desenvolvimento de outros trabalhos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *O retorno e terno*. Campinas: Papirus: Speculum, 1996.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

BARROS, Paulo. *Narciso, a bruxa, o terapeuta elefante e outras histórias psi*. São Paulo: Summus, 1994.

\_\_\_\_\_. *Amor e ética*. São Paulo: Summus, 2006.

BROTTO, Fábio Otuzi. *Jogos Cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar!*. 6ª. Ed. Santos: Projeto Cooperação, 2001.

\_\_\_\_\_. *Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência*. Santos: Projeto Cooperação, 2001.

BROWN, Guillermo. *Jogos Cooperativos: teoria e prática*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

CANCELLO, LUIZ A. G. *Informal, nômade, tradicional. Os psicólogos psicoterapeutas e seus grupos de estudos*. São Paulo: Summus, 2007.

CRITELLI, Dulce Mára. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. 2ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CYTRYNOWICZ, David. *Psicoterapia: uma aproximação daseinsanalítica*. In: Revista da Associação Brasileira de Daseinsanálise, nº 4. São Paulo: Associação Brasileira de Daseinsanálise, 1997.

FALCÃO, Paula. & VILA, Magda. *Focalização de jogos em t&d*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GAWENDO, Angélica Fernandes. *Era uma vez... a existência à luz de histórias*. 166p. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, São Paulo, 2001.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1988.

KUSRU, Amir. *O jardim e a primavera: a história dos quatro dervixes*. Compilação Amina Shah, trad. Mônica Cavalcanti e Sérgio Rizek, apresentação Doris Lessing, prefácio da edição Regina Machado. São Paulo: Attar, 1993.

MERTON, Thomas. *A via de Chuang Tzu*. Petrópolis: Vozes, 1989.

ORLICK, Terry. *Vencendo a competição*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PESESCHKIAN, Nossarat. *O mercador e o papagaio: Histórias orientais como ferramentas em psicoterapia*. Trad. Luis Henrique Beust, Robert Walker. Campinas: Papirus, 1992.

POMPÉIA, João Augusto; SAPIENZA, Bile Tatit. *Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: EDUC: Paulus, 2004.

PORCHAT, Ieda e BARROS, Paulo (org). *Ser Terapeuta: depoimentos*. 3ª. Ed. São Paulo: Summus, 1985.

SAPIENZA, Bile Tatit. *Conversa sobre terapia*. São Paulo: EDUC: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. *Do desabrigo à confiança: Daseinsanalyse e terapia*. São Paulo: Escuta, 2007.

SARAYDARIAN, T. *A psicologia da cooperação e consciência grupal*. São Paulo: Aquariana, 1990.

WALKER, Alex (org). *A verdade interior*. Trad. Helena Heloisa Wanderley Ribeiro. São Paulo: Triom, 1998.

#### INTERNET:

História: As Abóboras.

[HTTP://www.contandohistorias.com.br/historias/2006227.php](http://www.contandohistorias.com.br/historias/2006227.php)

Acessado em 21/04/2009 às 11h e 02m.

Facilitação auto responsável.

[HTTP://www.scribd.com/doc/1185887/facilitacao-autoresponsavel?autodown=doc](http://www.scribd.com/doc/1185887/facilitacao-autoresponsavel?autodown=doc)

Acessado em 17/05/2009 às 10h e 33m.

**ANEXO****ACORDO DE COOPERAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, participarei do estudo sobre “*a função terapêutica do focalizador de grupos na construção da consciência da cooperação*” que tem por objetivo investigar sua função terapêutica e a importância da boa formação do focalizador para a construção da Consciência da Cooperação.

Este trabalho tem um caráter acadêmico e de cooperação entre as partes e será conduzido pela aluna Gabriela Santos Gomiero Lima da 9ª. Turma do curso de Pós-Graduação em Jogos Cooperativos da UNIMONTE – Centro Universitário Monte Serrat – Santos/SP.

Confio que esta entrevista será usada apenas para fins acadêmicos, que obedecerá as normas de sigilo, não tendo publicado o nome dos entrevistados, bem como a autoria das respostas e será realizada com a intenção de ajudar a aluna Gabriela, na construção de seu trabalho científico.

Santos, \_\_\_ de abril de 2009

---

Assinatura do entrevistado